

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
Instituto de Estudos da Linguagem

*A comunidade de São Lázaro:  
Usos sociais da escrita*

Ligia Pellon de Lima Bulhões

Campinas, 2003

Ligia Pellon de Lima Bulhões

São Lázaro: usos sociais da escrita

Tese apresentada ao Curso de  
Lingüística do Instituto de Estudos  
da Linguagem da Universidade  
Estadual de Campinas como  
requisito parcial para obtenção do  
título de Doutor em Lingüística.

Orientador: Profa. Dra. Tânia  
Maria Alkmim

Unicamp  
Instituto de Estudos da Linguagem  
2003

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

Bulhões, Ligia Pellon de Lima

B876c      A comunidade de São Lázaro: usos sociais da escrita. / Ligia Pellon de Lima Bulhões. - - Campinas, SP: [s.n.], 2003.

Orientador: Tânia Maria Alkmin

Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Comunidade. 2. Escrita. 3. Comunicação cultural. 4. Linguagem e cultura. 5. Difusão cultural. I. Alkmin, Tânia Maria. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

---

Profa. Dra. Tânia Maria Alkmim - orientadora

---

Profa. Dra. Anna Bentes da Silva

---

Prof. Dr. Jonas de Araújo Romualdo

---

Prof. Dra. Maria Laura Trindade Mayrink - Sabinson

---

Profa. Dra. Rosa Helena Blanco Machado

Campinas, 25 de fevereiro de 2003

Ao Felipe e Matheus

Aos amigos de São Lázaro

## **A quem agradeço**

Tânia Maria Alkmim

Agência financiadora CAPES

Gerência de Pós - Graduação da Uneb, em especial Nélia Georgina Salles

Departamento de Educação I da Uneb

Funcionários da Secretaria de Pós - Graduação do IEL, em especial Rogério e Rose.

Padres e funcionários da capela de São Lázaro

Jonas de Araújo Romualdo

Anna Christina Bentes da Silva

Maria Laura Trindade Mayrink - Sabinson

Rosa Helena Blanco Machado

Denise Bértoli Braga

Ronalda Barreto Silva

Raimundo Pereira Moreira

Jacques Jules Sonnevillle

Véra Dantas Mota

Maria Lúcia Pereira

Lúcia Simões

## Sumário

|  |           |
|--|-----------|
| <b>Resumo .....</b>  | <b>8</b>  |
| <b>Introdução.....</b>   | <b>10</b> |
| <b>Capítulo I.....</b>   | <b>13</b> |
| <b>Campo geral de investigação .....</b>   | <b>13</b> |
| <b>Capítulo II.....</b>  | <b>42</b> |
| <b>Comunidade .....</b>  | <b>42</b> |
| 1 • Conceito .....   | 42        |
| 2 • Comunidade hoje: o cenário da pesquisa .....   | 43        |
| 3 • Comunidade: história e devoção .....   | 49        |
| <b>Capítulo III.....</b>   | <b>59</b> |
| <b>Procedimentos de pesquisa: o trabalho de campo e a construção do objeto. 59</b>   |           |
| <b>Capítulo IV .....</b>   | <b>69</b> |
| <b>Os dados coletados: descrição e interpretação.....</b>  | <b>69</b> |
| I• Os sujeitos da pesquisa: dados individuais e das práticas do cotidiano.....   | 71        |
| A. Dados gerais sobre os sujeitos .....  | 72        |
| B. Moradia e família.....  | 76        |
| C. As práticas do cotidiano.....   | 80        |
| 1. <i>Religiosidade: crença e culto</i> .....  | 80        |
| 1.1. <i>Em relação às ações particulares dos sujeitos</i> .....  | 80        |
| 1.2. <i>Em relação às ações coletivas dos sujeitos</i> .....   | 82        |
| 2. <i>Tempo livre, atividades de lazer</i> .....   | 85        |
| 2.1. <i>Em relação às ações particulares dos sujeitos</i> .....  | 85        |
| 2.2. <i>Em relação às ações coletivas dos sujeitos</i> .....   | 87        |
| 3. <i>Comunidade</i> .....   | 90        |
| 3.1. <i>Em relação às ações particulares dos sujeitos: reivindicações e opiniões. A questão da associação de moradores</i> ..... | 90        |
| 3.2. <i>Em relação às ações coletivas dos sujeitos</i> .....   | 95        |
| 4. <i>Atividades de leitura e de escrita</i> .....   | 96        |
| 4.1. <i>A atitude dos sujeitos</i> .....   | 96        |
| 4.1.1. <i>Com relação às ações particulares dos sujeitos</i> .....   | 97        |
| 4.1.2. <i>Com relação às ações coletivas dos sujeitos</i> .....  | 100       |
| 4.2. <i>O que digo que leio</i> .....  | 101       |
| 4.2.1. <i>Com relação às ações particulares dos sujeitos</i> .....   | 101       |
| 4.2.2. <i>Com relação às ações coletivas dos sujeitos</i> .....  | 105       |
| 4.3. <i>O que digo que escrevo</i> .....   | 106       |
| 4.3.1. <i>Com relação às atividades particulares dos sujeitos</i> .....  | 106       |
| 4.3.2. <i>Com relação às atividades coletivas dos sujeitos</i> .....   | 108       |
| 4.4. <i>O que digo que copio</i> .....   | 109       |

|  |            |
|--|------------|
| D. Interpretação dos dados .....                                   | 110        |
| 2• Os textos escritos coletados: apresentação e interpretação..... | 132        |
| A. As atividades de leitura.....                                   | 133        |
| B. As atividades de produção de textos.....                        | 151        |
| C. As atividades de cópia de textos .....                          | 174        |
| <b>CONCLUSÃO .....</b>   | <b>176</b> |
| <b>Anexos.....</b>   | <b>191</b> |
| <b>Summary .....</b>   | <b>193</b> |
| <b>Referências bibliográficas .....</b>                            | <b>195</b> |

## Resumo

Esta pesquisa propõe-se a refletir sobre as manifestações de escrita no contexto de um grupo social urbano. Ela baseia-se nas práticas de escrita que se desenvolvem na comunidade de São Lázaro, localizada na cidade de Salvador, e que fazem parte da vida cotidiana de seus sujeitos.

Estes dados de escrita foram coletados no universo da pesquisa através de trabalho de campo, realizado em um total de setenta e uma (71) visitas feitas à comunidade. Durante este período foram selecionados dezesseis (16) sujeitos para o estudo dentre os moradores contatados, os quais submeteram-se a entrevistas abertas e foram solicitados a entregar textos escritos. Coletaram-se dados de escrita expostos no local e dados sobre a comunidade pertinentes para a sua caracterização, sendo estes últimos obtidos no campo e extraídos de documentos sobre São Lázaro encontrados em órgãos oficiais.

A fundamentação teórica do trabalho compõe-se de textos que expõem os pontos de vista de seus autores sobre a relação entre a escrita e a oralidade. A partir das discussões propostas por estes textos, constrói-se o pressuposto básico que orienta a investigação: o de que a fala e a escrita formam um conjunto de práticas sociais, não apresentando entre si uma relação dicotômica.

A dimensão social da língua adotada por este trabalho define portanto a necessidade de se caracterizar as práticas de escrita, relacionando-as aos propósitos e valores de seus sujeitos no contexto onde ocorrem.

Nesta perspectiva, define-se comunidade de forma dinâmica e complexa, levando-se conta as ações das pessoas em seu espaço, e descreve-se o universo da pesquisa contextualizando estas ações comunitárias e a função social dos seus membros.

Os sujeitos do estudo são descritos, registrando-se os seus dados pessoais, o local onde vivem, onde trabalham ou estudam, as suas práticas religiosas e de lazer, o que pensam sobre a comunidade, e as suas práticas de leitura e escrita.

Além da descrição da comunidade e dos sujeitos, descrevem-se os dados de escrita, sob a perspectiva de quem os produz, ou de quem os lê. A análise e classificação destes textos pressupõem os usos a que eles se submetem, o contexto em que ocorrem, e as possíveis relações entre escrita e oralidade.

As reflexões em torno dos dados de escrita oportunizados pela pesquisa corroboram algumas concepções sobre a relação entre a fala e escrita elaboradas durante a investigação, a partir do pressuposto básico, definido anteriormente. Ou seja, com relação à investigação feita, sugere-se que a forma e o significado da língua adequam-se aos seus usos, as atividades de leitura e de produção de textos são práticas interativas, e as práticas de escrita são constituídas pelo oral em várias de suas manifestações.

**Palavras-chave:** comunidade - escrita - comunicação cultural - linguagem e cultura - difusão cultural

## Introdução

Este trabalho propõe o estudo das manifestações de escrita no contexto das práticas sociais desenvolvidas por moradores de um grupo urbano de baixa renda da cidade de Salvador, denominado São Lázaro. Este é um típico bairro popular, embora constitua um espaço já consolidado do tecido urbano da cidade, singular por sua tradição histórico - cultural. A pesquisa neste universo foi feita entre os anos de 1997 e 2000.

Oliven (1996), ao referir-se ao estudo antropológico do meio urbano, afirma que

É possível resgatar o estudo antropológico do meio urbano desde que se compreenda que a cidade é o local em que convivem diversos grupos com experiência e vivências em parte comuns, em partes diferentes (...) A cultura, segundo este autor, reflete e medeia as contradições de uma sociedade complexa (...) um fenômeno que é produzido pelos homens nas suas relações sociais. (OLIVEN, 1996, p. 11 e 12).

Neste sentido, no lugar de considerar-se a cultura de elite e a cultura popular como fenômenos autônomos, admite-se uma interpenetração de produções simbólicas por entre as diversas classes sociais. Segundo Miranda (1991)

Tendo-se como princípio o processo dinâmico de urbanização capitalista, não há como definir o que são 'classes populares', mas o que estão sendo, como estão se constituindo no enfrentamento das situações do dia-a-dia (...) a apreensão e compreensão desse movimento constitutivo só podem ocorrer dentro do social (...) no seu cotidiano". (MIRANDA, 1991 p. 17)

Continuando, a autora afirma que "as habilidades de linguagem são elementos constitutivos da trajetória de socialização dos indivíduos nas sociedades contemporâneas".(p. 3) Nesta perspectiva, é pertinente abordar a escrita enquanto fenômeno cultural que é parte integrante do cotidiano dos indivíduos, em suas relações

sociais e interpessoais, “como elemento constituído e constituinte de maneiras típicas de significação da sociedade.” (p. 32) Ela é “capturada como símbolo e valor que, por sua vez, revela e medeia outros valores do grupo investigado”. (p. 17 e 18)

O estudo das práticas de escrita desenvolvidas por pessoas de determinados grupos populares, em seus diferentes contextos, fundamenta-se em uma concepção de escrita diferente da concepção excludente construída social e historicamente pelas elites, sendo esta última a que se baseia em um corpo de regras normativas descritas pela gramática tradicional e que serve de modelo para toda a sociedade.

Gnerre (1991) afirma que

Temos que refletir tanto sobre as atitudes, as expectativas e as crenças que outros grupos étnicos, outras classes sociais ou outros grupos de idade podem ter sobre a escrita, como sobre as atitudes e as crenças sobre a escrita compartilhadas dentro da própria tradição escrita, elaborada por minorias letradas ligadas pelo poder político e econômico. (GNERRE, 1991, p.33 e 34 )

Observar as manifestações de escrita cotidiana de pessoas e a sua circulação em determinado meio sócio-cultural é procurar desvendar funções desta escrita no interior deste grupo. Esta perspectiva funcional da língua escrita, no entendimento de Soares (1988 ), diz respeito à distribuição social de modos de significação. Ou seja, pessoas de níveis sócio-econômicos e culturais diferentes podem atribuir funções diferentes aos usos da língua

Szwed (1981), ao propor o estudo etnográfico da escrita, busca investigar o seu significado social. Ou seja, não basta saber o que a língua é e nem ser capaz de medi-la e descrevê-la. É necessário indagar o que ela representa para os seus sujeitos, como e porquê a usam. Segundo o autor, "What I would expect to discover, then, is not a single-level of literacy, on a single continuum from reader to non-reader, but a variety of configurations of literacy , a plurality of literacies." (p. 16)

Nesta perspectiva, a pesquisa estabelece como o seu campo de observação as manifestações de escrita, consideradas manifestações culturais, que fazem parte da vida cotidiana dos sujeitos de uma determinada comunidade. A definição de

comunidade e a caracterização do universo de pesquisa são tarefas imprescindíveis para a contextualização das ações praticadas pelos sujeitos em seu espaço.

O estudo das manifestações de escrita deve levar em conta o contexto onde estas ocorrem, os propósitos e atitudes dos seus sujeitos com relação a estas ações, o caráter interativo das atividades de leitura e de produção de textos, e as relações entre práticas orais e práticas escritas.

## Capítulo I

### Campo geral de investigação

Os textos apresentados neste capítulo expõem, em linhas gerais, os pontos de vista de seus autores sobre os usos da escrita compreendidos como atividades sócio - culturais, tema proposto para este estudo.

Segundo Street (1981), pesquisas recentes sobre a escrita em grupos urbanos modernos têm mostrado a riqueza e a diversidade de suas práticas e de seus significados, a despeito de pressões por uniformização exercidas pelo Estado e pelos sistemas educacionais modernos. A escrita, defende o autor, é uma construção social e não uma tecnologia neutra: ela varia de uma cultura ou de um grupo social para outro e seu uso está relacionado a relações de poder. Assim sendo o autor propõe o estudo etnográfico de manifestações de escrita, ressaltando porém que um trabalho desta natureza não pode limitar-se a descrever com detalhes a sua riqueza e variedade em determinado grupo sócio-cultural. Há, segundo Street, a necessidade de se utilizar modelos teóricos que reconheçam o papel central das relações de poder nas manifestações de escrita e, neste sentido, sugere a elaboração de um modelo ideológico de escrita que possa responder a questões cruciais referentes aos seus usos, conseqüências e significados, às suas interrelações com a fala e ao que seja culturalmente particular e universal nas suas manifestações. Uma abordagem teórica associada ao entendimento do real significado da prática da escrita na vida das pessoas atenderia, portanto, ao interesse principal do modelo de investigação de escrita proposto por Street, que é o de fazer generalizações úteis sobre tais manifestações nos diversos grupos sociais. O adjetivo 'ideológico' que qualifica o modelo de escrita proposto é aqui utilizado pelo autor no sentido empregado pelos estudos culturais, antropológicos e sociolinguísticos contemporâneos, onde 'ideologia' é o lugar de tensão entre autoridade e poder, de um lado, e resistência e criatividade, de outro. E esta tensão desenvolve-se através de uma variedade de práticas culturais, incluindo particularmente a língua e, obviamente, a escrita. As práticas de escrita (literacy

practices), de acordo com Street, referem-se ao comportamento e às conceitualizações relacionadas à leitura e/ou escrita. Ou seja, não incorporam apenas eventos de escrita (literacy events) como ocasiões empíricas para os quais a escrita é única e específica, mas também modelos (folk models) destes eventos e os “pré-conceitos” que os caracterizam.

O modelo ideológico de escrita (the ‘ideological’ model of literacy) sugerido por Street propõe uma síntese, já que nega a “falsa” polaridade entre aspectos técnicos e culturais da leitura e escrita. Ele entende as habilidades técnicas e os aspectos cognitivos da escrita como elementos integrantes de realidades culturais e de estruturas de poder. E elege como unidade de estudo a relação entre fala e escrita. E ao se colocar contra a divisão entre as duas modalidades de língua não adota uma postura universalista e ingênua, já que a relação entre práticas orais e escritas difere de um contexto para outro. Ou seja, os valores associados à fala e à escrita em determinado grupo social tendem a determinar a fronteira entre ambas. O que está em jogo, portanto, são as suas diferentes relações, o que permite a comparação entre diferentes manifestações culturais. E a análise destas relações requer que se reafirme a importância central do contexto social para o desenvolvimento de um aparato teórico sobre a escrita, entendido não simplesmente em termos do seu ambiente imediato de fala ou produção, mas de fatores mais amplos da vida social e cultural.

Abordagens recentes de antropólogos que estudam a vida social em uma perspectiva inter-cultural têm, segundo Street, enfatizado a natureza dinâmica de processos sociais e a estrutura ampla das relações de poder. E o conseqüente interesse antropológico na língua a partir do discurso precisa levar em conta os estudos feitos pela Sociolingüística, assim como os sociolingüistas precisam desenvolver uma teoria lingüística que conceba a língua essencialmente como um processo social, e que considere os estudos feitos sobre relações discursivas. Em suma, o autor estabelece a interface entre as teorias lingüísticas e antropológicas de uma lado e o método etnográfico e da análise do discurso, do outro, para situar o lugar do modelo ideológico de escrita por ele proposto.

Nesta perspectiva etnográfica as manifestações de escrita são práticas sociais. O interesse na análise destas escritas, em estudos desta ordem, tem sido o de examinar como as pessoas “afetam” ou caracterizam estas manifestações, ou melhor, como as pessoas aplicam as habilidades de escrita ativa e criativamente para que estas se adaptem aos seus propósitos e necessidades. Esta concepção opõe-se à visão tradicional de escrita que a restringe à sua condição de código. E o processo de aquisição do código escrito neste caso refere-se à aquisição de habilidades técnicas específicas. Sob esta orientação, as questões sobre as conseqüências do processo de aquisição de escrita para a cognição e o desenvolvimento social de povos há pouco letrados pressupõem que os seres humanos são objetos passivos afetados pela escrita de uma forma sobre a qual não têm consciência e nem controle.

As premissas do modelo autônomo de escrita (the ‘autonomous’ model), que Street opõe ao modelo ideológico, desviam sua atenção do contexto social onde a escrita se manifesta, desconsiderando a sua importância para as relações de poder em condições sociais específicas. A escrita tem sido considerada, sob este ponto de vista, um mecanismo ‘neutro’ destinado a atender as necessidades funcionais do Estado, ou seja, uma tecnologia a ser dominada por grande parte da população a fim de garantir o funcionamento mecânico de suas instituições. Há a ‘naturalização’ de ideologias que, embora sejam necessidades universais, são compreendidas como instituições de reprodução de padrões culturais e de poder de grupos específicos, reforçadas pelo sistema educacional e demais instâncias oficiais da sociedade. O autor, em seu artigo, cita Olson como o mais explícito defensor do modelo autônomo de escrita, já que este aponta as conseqüências da escrita não apenas para o desenvolvimento social, mas também para o desenvolvimento cognitivo individual e para a própria língua. De acordo com Olson,

The media of communication, including writing, do not simply extend the existing structures of knowledge; they alter it (...) Writing did not simply extend the structure and uses of oral language and oral memory but altered the content and form in important ways (...) When writing began to serve the memory function, the mind could be redeployed to carry out more analytic activities such as examining

contradictions and deriving logical implications. It is the availability of an explicit written record and its use for representing thought that impart to literacy its distinctive properties. (OLSON, 1988, *apud* STREET, 1981, p. 5 - 6)

Street, no mesmo artigo, lembra que no início da década de 1980 surgiram vários trabalhos acadêmicos que optaram por representar a relação entre escrita e oralidade como um contínuo (continuum), e não mais de acordo com muitos trabalhos da literatura anterior sobre o tema, como uma dicotomia. As pesquisas sob esta nova perspectiva priorizaram as interseções entre a fala e a escrita e as suas diversas funções no contexto social. Porém, de acordo com o autor,

... the supposed shift from 'divide' to 'continuum' was more rethorical than real: that, in fact, many of the writers in this field continued to represent literacy as sufficiently different from orality in its social and cognitive consequences, that their findings scarcely differ from the classic concept of the 'great divide' (...) This was to be explained by reference to the methodological and theoretical assumptions that underlay their work: in particular a narrow definition of social context; the reification of literacy in itself at the expense of recognition of its location in structures of power and ideology, related to assumptions about the 'neutrality' of the object of study: and, from the point of view of linguistics, the restriction of 'meaning' to the level of syntax. (STREET, 1981, p.4)

Dando continuidade ao texto, Street cita Besnier quando este critica o conceito de 'contínuo' entre fala e escrita, já que as manifestações entre estas duas modalidades de língua não se agrupam linearmente, e sim diferem entre si de maneira complexa e multidimensional tanto dentro de determinada comunidade de fala como entre comunidades de falantes.

O ensaio de Goody e Watt (1963), de acordo com Street, caracteriza a escrita como um modelo autônomo de comunicação e defende a tradicional dicotomia entre sociedades letradas e não letradas. A questão central que estes autores colocam para o campo de estudo da escrita, em uma perspectiva histórico - cultural, refere-se às mudanças de ordem cognitiva e social ocorridas nas sociedades em que se introduziu o

sistema de escrita. A observação da natureza das manifestações da oralidade em oposição às manifestações de escrita remetem à indagação sobre que proporção da sociedade deve saber ler e escrever antes que a sua cultura, como um todo, possa ser considerada letrada. Segundo Havelock,

O ensaio desviou a atenção para a oralidade enquanto tal e, com efeito, advogou o caso de uma importante diferença qualitativa entre a oralidade e a literacia (...) (O ensaio) tinha um duplo interesse: chamava a atenção para a sobrevivência da oralidade no mundo moderno e para um possível modelo de oralidade na sua relação com a literacia na experiência da Grécia antiga”. (HAVELOCK, 1996, p. 42 - 43).

Em linhas gerais, Goody e Watt afirmam que as mudanças introduzidas pela nova modalidade de língua variam de acordo com o grau de difusão do uso do sistema de escrita pelas sociedades. E a escrita alfabética provavelmente é, nesta linha de pensamento, o exemplo supremo de difusão cultural. De acordo com o autores,

The success of the alphabet (as well as some of its incidental difficulties) comes from the fact that its system of graphic representation takes advantage of this socially - conventionalized pattern of sound in all language systems; by symbolizing in letters these selected phonemic units the alphabet makes it possible to write easily and read unambiguously about anything which the society can talk about. (GOODY e WATT, 1963, p. 326)

O uso efetivo da escrita alfabética iniciou-se de forma gradual na Grécia provavelmente a partir do século VII AC, e com o passar do tempo atingiu um número grande de pessoas em diversas atividades econômicas e intelectuais. A civilização grega, para os autores, é o exemplo primordial da transição de uma sociedade oral para uma sociedade letrada, e há a possibilidade, segundo os mesmos, de relacionar o advento da escrita com as inovações culturais ocorridas na Grécia antiga, cujo exemplo pode ser estendido a todas as sociedades letradas (alphabetically - literate societies).

Os dois autores, embora rejeitem qualquer dicotomia baseada em diferenças marcantes entre o desenvolvimento cognitivo (mental attributes) de povos letrados e não

letrados, admitem haver diferenças gerais entre os dois tipos de sociedade, apontando como uma das razões ...the fact that writing establishes a different kind of relationship between the word and its referente, a relationship that is more general and more abstract, and less closely connected with the particularities of person, place and time, than obtains in oral communication. (GOODY e WATT, 1963, p. 331). E o repertório cultural de sociedades com tradição de escrita, considerando o ponto de vista da sociedade como um todo, tende a crescer, já que não possui nenhum sistema de eliminação, nenhuma "amnésia estrutural" própria de culturas orais. E essa proliferação ilimitada de conhecimentos inclui o repertório lingüístico como, por exemplo, o léxico da língua.

O caráter cumulativo da cultura alfabética enfatiza, segundo Goody e Watt, dentre outros elementos, a diferenciação social promovida pelas intuições letradas da sociedade e pelas diferentes especializações profissionais disponibilizadas pela tradição escrita, relacionada aos diferentes níveis de apreensão e domínio das habilidades de leitura e escrita por parte dos indivíduos. E esta diferenciação de participação da tradição escrita apresenta, como uma causa de tensão social (tension), a permanência da chamada tradição oral - transmissão de valores e atitudes através do contato pessoal entre indivíduos, que seria a primeira instância de orientação cultural, estando em maior ou menor sintonia com a tradição escrita. A seleção de orientações destas duas fontes antagônicas, de acordo com a abordagem que se apresenta, deriva uma totalidade extremamente complexa.

Os dois autores argumentam que há menos individualização de experiências pessoais nas culturas orais, se as compararmos às experiências de indivíduos de grupos sociais com tradição de escrita. O pensamento privado é encorajado pela escrita, já que esta registra as suas formas e o seu significado, que são passíveis de serem reavaliados e redimensionados, o que possibilita o indivíduo a objetivar suas próprias experiências e a fazer seleções, rejeições e acomodações mais ou menos pessoais de atitudes e valores de sua cultura. Ou seja, há a consciência pessoal desta individualização, e os meios de produção da escrita propiciam o desenvolvimento do pensamento lógico. Os autores apontam a persistência do pensamento não-lógico em sociedades modernas como um questão a ser analisada, embora admitam que em

nossa civilização a escrita é claramente uma adição e não uma alternativa para a “transmissão oral”, ou fala. A relação entre a tradição oral e a tradição escrita é, segundo eles, um problema maior das culturas ocidentais.

Em Goody (1987) a noção de autonomia do texto escrito está presente na investigação de "algumas diferenças gerais entre a organização social de sociedades sem e com escrita e o processo de transição de uma para outra". (p. 9) O autor procura enfatizar a importância dos meios e modos de comunicação para a explicação da História Humana. Uma das indagações feitas no livro é sobre até que ponto a presença da escrita afeta a noção e o estudo dos fenômenos religiosos. Goody sugere, em linhas gerais, que os traços das religiões mundiais ou éticas - as que possuem textos escritos sobre mito, doutrina e ritual, mantêm relação intrínseca com o modelo letrado. As que são letradas alfabeticamente apresentam uma fronteira autônoma e são religiões de conversão e não de origem, já que a palavra escrita propicia a sua difusão. Ao contrário da situação oral, que é marcada pelo processo de incorporação, as igrejas letradas são dogmáticas e ritualistas: o ritual é repetido e o credo é recitado textualmente. Qualquer processo de mudança ou proposta de novas interpretações da palavra estática é considerada um movimento deliberado de cisão em relação ao texto sagrado. O universalismo ético, neste contexto, é característico das principais religiões mundiais e relaciona-se com o seu uso da escrita, influenciando a estrutura normativa de sistemas sociais. “Em códigos escritos há uma tendência para apresentar uma única fórmula ‘abstrata’ que se sobrepõe a normas mais contextualizadas das sociedades orais, e até certo ponto as substitui” (p.28). Os códigos escritos associados à religião referem-se a situações generalizadas e dirigem-se a uma audiência universal, com conseqüentes implicações para a natureza da mensagem, que substitui as frases mais particulares por sentenças universais. A tradição que incorpora a pureza letrada e o ascetismo pode contrastar, segundo o autor, com a prática social quotidiana, marcando uma situação de tensão básica ou contradição que marca a distinção apontada entre o universalismo das normas escritas e a particularidade da sua apresentação oral.

Gnerre (1985) traça um breve histórico do campo de estudo da escrita e menciona as contribuições importantes, em uma perspectiva culturalista, de historiadores, antropólogos, sociólogos e psicólogos para o seu estabelecimento, a partir do final dos

anos 50. As especulações provenientes da ausência de pesquisas lingüísticas e etnográficas de situações concretas de usos da escrita, ou de escritas antigas, propiciaram o estabelecimento de hipóteses gerais, que "contribuíram para a aceitação de uma perspectiva quase que mítica sobre a escrita". (p.71) Ou seja, há neste contexto a supervalorização da escrita, em particular da escrita alfabética, que tem como resultado uma visão dicotômica entre pensamento "primitivo" e "civilizado" e cultura "primitiva" e "civilizada". O resultado desta visão hegemônica da escrita:

....foi um conjunto de hipóteses sobre conseqüências lingüísticas, cognitivas e sociológicas que a escrita comportaria, como se esse conjunto de "conseqüências" fosse desencadeado quase que automática e simultaneamente pela introdução da escrita numa sociedade. (GNERRE, 1985, p.71)

Gnerre, ao considerar algumas posições teóricas, leva em conta o ensaio de Goody e Watt (1963) por sua influência para os estudos da escrita. Estes consideram apenas as conseqüências da escrita nas sociedades como um todo. Segundo o autor, o ensaio não leva em conta as diferença internas que existem nas diversas sociedades, onde segmentos de elite, que detêm o poder social, constituem os grupos letrados. "É impossível fazer generalizações como "sociedades com escrita": tradicionalmente, existiam e existem somente grupos sociais com escrita e só em casos muito recentes e específicos podemos falar de "sociedades" com escrita." (p. 73)

A afirmação dos autores de que sociedades com tradição de escrita não dispõem de um 'sistema de eliminação e nem de uma amnésia estrutural' é contestada por Gnerre, que afirma que esta "é uma interpretação muito simplista da acumulação dos materiais escritos naquelas sociedades. Existe uma forma de 'amnésia' que em geral é controlada por alguns grupos sociais". (p. 74) A história da transmissão da informação escrita pode mostrar o quanto de informações de natureza diversa foi preservado, o quanto foi perdido muitas vezes de forma consciente, e o quanto foi destruído por razões ideológicas, ao longo do tempo.

A difusão das inscrições em pedra em sociedades que dispunham amplamente de outros meios muito mais práticos e manuseáveis para registrar informações escritas seria, a meu ver, uma evidência suplementar do fato de que as

sociedades com escrita dispõem de sistemáticos dispositivos de 'amnésia'. O uso de meios como a pedra ou metais para registrar informações pode ter sido (e ainda ser, em muitos casos) uma tentativa para fugir daqueles processos de amnésia. (GNERRE, 1985, p.75)

O ensaio, segundo o autor, acrescenta que as sociedades com tradição de escrita não possuem um sistema de eliminação ao nível da linguagem, o que resulta em um acúmulo do léxico da língua. E que, ao contrário, as sociedades sem tradição de escrita apresentam uma adaptação funcional da língua. Gnerre pondera que esta última observação é válida não apenas para as sociedades orais, mas também para dialetos não padrão de sociedades com tradição escrita já estabelecida. "Novamente, o problema principal está em pensar em termos de sociedades como um todo e de línguas como um todo: tentar fazer grandes generalizações em lugar de olhar para realidades específicas". (p. 75)

A hipótese histórica de Goody e Watt de que o uso da escrita alfabética pelos gregos foi decisivo para um desenvolvimento cognitivo é, na opinião de Gnerre, uma hipótese simplificada, já que baseia-se na comparação de sociedades contemporâneas sem escrita com sociedades letradas, tratadas como totalidades. As "articulações importantes de diferenças dentro das sociedades" (p. 76) não são levadas em conta nesta concepção.

Havelock (1996), em uma perspectiva histórico - cultural, investiga o que ele denomina de "crise" na história da comunicação humana quando a oralidade grega transforma-se em escrita, e tenciona apresentar uma imagem unificada desta crise, estendendo-a para a "equação oralidade - literacia" que ocorre no mundo moderno. O autor confessa-se convicto de que "a literacia grega não só mudou os meios de comunicação, mas também a forma da consciência grega" (p.28), fenômeno que causa o mesmo efeito na Europa como um todo, forjando o caráter de uma consciência moderna.

Em linhas gerais, Havelock relaciona as origens da filosofia grega à introdução da escrita na Grécia antiga. Ele inicialmente argumenta que a poesia na literatura grega desempenhou a função de preservação da tradição social e cívica, que era ensinada

oralmente e memorizada. As suas formas verbais foram projetadas para ajudar a memória e tinham também objetivos estéticos, além de conferirem prazer aos ouvintes. As epopéias, como são conhecidas atualmente, representam o resultado de uma união entre o oral e o literário, em que "o fluxo acústico da linguagem, que conseguiu através do eco conservar a atenção do ouvinte, foi transformado em modelos visuais criados pela atenção reflexiva da vista". (24) A "psicologia do desempenho oral" está portanto presente na literatura escrita da Grécia, onde o canto, a dança e a melodia desempenham papéis centrais. O drama grego, neste sentido, foi "uma possível arena de competição entre o oral e o escrito" (p. 25). Nele perdura a composição didática com vista à memorização oral, onde os coros desempenham papel crucial para a conservação da tradição cívica e para o controle das relações sociais. As atitudes que representam os rituais implícitos da vida cotidiana são, neste contexto, recorrentemente representadas pelas personagens, executantes da intriga, nos diálogos e em sua retórica. Contudo, segundo o autor,

As invenções aplicadas à narrativa das intrigas, juntamente com crescentes observações psicológicas expressas nos diálogos de palco, demonstram que a influência da oralidade estava a enfraquecer. Preparava-se a base para uma tecnologia da palavra escrita, que tomava forma num novo tipo de sintaxe. Platão estava prestes a exigir que a linguagem tradicional da epopéia e do drama fosse remodelada e substituída por uma linguagem de análise teórica. (HAVELOCK, 1996, p.27)

Os efeitos gerados pela introdução da escrita no mundo grego prepararam portanto o contexto propício para o desenvolvimento do pensamento analítico de Platão.

O canto, a recitação e a memorização são elementos de uma combinação cultural que Havelock rotula de oralidade e que no drama grego começam a competir e a colidir com a leitura e a escrita, elementos de uma cultura documental e letrada. A colisão e a competição constituem a essência de um processo cultural de transição. "A musa da oralidade, cantora, declamadora, memorizada, está a aprender a ler e a escrever - mas, em simultâneo, continua a cantar." (p. 34)

O "problema oralidade - literacia", em uma perspectiva histórica, não é estritamente técnico no que refere-se aos gregos. Ele supera os limites da Antigüidade. De acordo com o autor,

Há certas forças em ação que parecem impeli-lo para o nível do reconhecimento consciente, forçando-nos a vermo-nos, por um lado, como escritores e leitores, por outro, como executante e ouvintes, um papel que está a ser revivido por nós, poder-se-á dizer que está a ser-nos confiado, pelas novas tecnologias de comunicação. (HAVELOCK, 1996, p. 35 - 36)

Ginzburg (1998) apresenta um escrito histórico cujo fio condutor é o entrelaçamento entre cultura oral e cultura escrita. Ele pesquisou documentos inquisitoriais da Itália do século XIV e se deteve, para escrever *O Queijo e os Vermes*, nos manuscritos de julgamento de um moleiro condenado à morte pela santa inquisição por sustentar a sua versão pessoal para criação do mundo a partir da leitura de textos religiosos. O "filtro" que ele interpôs entre si e material lido pressupunha, segundo o autor, uma cultura oral popular camponesa. O contato com a escrita na escola permitiu que o sujeito recriasse o que leu sobre o cristianismo, ao assimilar e remodelar muitos de seus elementos e projetar para a página impressa símbolos tirados da tradição oral e transmitidos de geração para geração. Menocchio, o moleiro, expressou o materialismo instintivo deste estrato sólido de cultura oral presente em seu código de leitura, "empregando uma terminologia embebida de cristianismo, neoplatonismo e filosofia escolástica". Segundo Ginzburg, "aqui está a maior parte das contradições, incertezas e incongruências de seu discurso" (p.132). Nesta reelaboração original encontram-se correntes cultas e correntes populares, embora para o autor não se possa precisá-las ainda. A Igreja católica combatia neste tempo "a cultura erudita velha e nova, irreduzível aos esquemas contra - reformísticos, e contra a cultura popular. Entre estes dois inimigos tão diversos às vezes existiam convergências subterrâneas" (p. 115). A interpretação do autor é a de que "não o livro em si, mas o encontro da página escrita com a cultura oral é que formava, na cabeça de Menocchio, uma mistura explosiva" (p.116). Para ele o moleiro repropôs, muitas vezes de forma consciente, este cruzamento entre a cultura escrita e a cultura oral. A hipótese geral sobre a cultura popular de que trata Ginzburg opõe-se, no caso, ao conceito de autonomia e

continuidade da cultura camponesa. A sua hipótese liga-se ao conceito de circularidade nos mesmos termos propostos por Bakhtin, citado pelo autor: "Entre a cultura das classes dominantes e as das classes subalternas existiu, na Europa pré-industrial, um relacionamento circular feito de influências recíprocas, que se movia de baixo para cima, bem como de cima para baixo" (p. 13)

Schlieben-Lange (1996) apresenta um estudo sobre as relações entre cultura oral e cultura escrita no contexto histórico - cultural da França revolucionária do final do século XVIII. A sua tese é a de que "la Révolution Française est un moment historique de 'ré-oralisation', peut-être le dernier en Europe. On ne saurait saisir le dynamisme de la Révolution sans tenir compte de cette poussée vers l'oral" (p. 35). Segundo a autora, duas culturas convivem no país de maneira relativamente independente uma da outra: a cultura da leitura e da produção de textos de uma camada social de prestígio, que se concentra predominantemente em Paris e que é veículo de difusão das "Luzes", e as culturas orais campesinas, onde predominam as tradições locais e a pouca leitura de folhetins. A literalização do período revolucionário atinge todos os domínios culturais, aumentando a produção livresca em domínios os mais diversos naquele século, e esta difusão da escrita em grande escala coaduna-se com os ideais da razão e do consenso próprios do Iluminismo. Esta literalização em grande escala resulta em modificação de procedimentos textuais, tais como a simplificação da argumentação, ou sua estereotipação, e a utilização do diálogo como forma mais fácil de ser apreendida e que aproxima o texto escrito da oralidade. Segundo a autora o 'dialoguismo', ou a forma do diálogo - que inicialmente tem lugar na oralidade, transforma na escrita diversos universos discursivos como o literário, o científico, o filosófico, etc. O impulso da cultura escrita, portanto, torna-se possível porque utiliza as possibilidades que lhe oferecem os eficientes sistemas de comunicação oral, embora estes sofram marginalização crescente. Assim sendo, os documentos desta época revolucionária são caracterizados por uma constante oscilação entre o oral e o escrito, e esse encontro permite a proximidade da discussão e da ação, que é um dos elementos portadores da revolução. A cultura da época, porém, é quase totalmente oral, excetuando-se a Paris revolucionária, onde 60-75% das pessoas são capazes de ler. Os textos produzidos dão

a impressão de se situarem em uma cultura que funciona na modalidade oral. Schlieben-Lange, com relação à produção escrita da época, comenta que

"... c'est l'entière formulation, totalemente conçue selon les mécanismes conceptuels de l'écriture qui fait obstacle à la compréhension. Il ne suffirait pas de changer le lexique, de produire un lexique politique propre, il faudrait encore développer des techniques linguistiques pour rendre les contenus révolutionnaires dans le monde de l'oralité qui n'est coutumier des formulations dé-situées."  
( SCHLIEBEN-LANGE, 1996, p. 42)

Os problemas centrais da revolução portanto situam-se, de acordo com a autora, na mediação entre as classes sociais, as concepções políticas e sobretudo entre as culturas, onde as transições entre as oralidade e a escrita desempenham papel preponderante.

O domínio oral é gravemente atingido pela escrita na dinâmica revolucionária. E a passagem da oralidade para a escrita representa uma dupla transição: de um modo de comunicação ou processo verbal para outro e de uma estratégia de comunicação para outra. Os processos verbais passam a ser objeto de uma leitura ambígua, já que o povo ainda sofre a influência das narrativas orais e dos diferentes oradores, e apresenta a faculdade ainda ativa de reatualização da escrita. Ou seja, esta passagem do oral para o escrito faz nascer a necessidade de reinterpretação, simplificação e de estereotipação das posições assumidas pelos textos. A mudança da estratégia de comunicação oral para a escrita, por sua vez, representa a transposição de uma técnica que refere-se a situações concretas e a personagens de uma realidade vivenciada, para outra técnica que permite o afastamento de experiências familiares e de falas particulares.

Os trechos escritos apresentados por Schlieben-Lange como exemplos em seu trabalho mostram como muitas pessoas do povo sentiram a necessidade existencial de utilizar a escrita como meio para reelaborar as intensas experiências vividas no período, para melhor compreendê-las. Na análise de um dos trechos<sup>1</sup>, a autora analisa o seu

---

<sup>1</sup> Este é um trecho de quatro parágrafos do texto *Journal de ma vie*, de Jean-Louis Ménétra. Os dois primeiros parágrafos são:

autor como um indivíduo que conhece o 'meio' de comunicação escrita, mas não o domina, assim como o seu funcionamento conceitual. Há a nítida prioridade da oralidade e a escrita desempenha um papel meramente instrumental. O conhecimento insatisfatório do 'meio' pelo autor faz com que o texto apresente muitos traços do francês falado: faltam traços de pontuação e no seu lugar aparecem espaços em branco condizentes com o ritmo da fala, além de problemas de segmentação. Nos textos construídos e pensados no domínio próprio da escrita, por exemplo, os pronomes demonstrativos têm uma função textual anafórica ou catafórica, mas no texto em questão o leitor é constrangido a abdicar da leitura, já que estes demonstrativos o remetem a uma situação desconhecida. A autora prossegue a análise do texto, que é um relato ou narração, e aponta para a incapacidade dupla do autor: além de não dominar este novo meio - a escrita, o sujeito não se submete a ele. O domínio da narração cênica, neste caso, inspira-se nos modelos de retórica, destinados à pronúncia, sobretudo nas orações fúnebres, onde são freqüentes os epítetos, os paralelismos e os paradigmas. Outro procedimento freqüentemente utilizado é a formulação de verdades referentes a sujeitos genéricos, condizentes com o funcionamento de uma cultura oral, "dont les expériences sont cristallisées dans un réseau de topoi et qui fait un large emploi de formulations génériques et stéréotypées". (p. 50)

Schlieben-Lange, com relação à passagem conceitual da oralidade para a escrita, afirma que

---

*"Pendant cet espace la terreur planait sur la France et particulièrement à Paris où tous étaient non seulement dans la plus grande pénurie mais aussi dans toutes les horreurs dans les assassinats Tout était dans le plus grand désordre Le Français ne respirait que le sang Ils ressemblaient à ces cannibales et étaient de vrais anthropophages Le voisin dénonçait d'un sang-froid son voisin Les liens du sang étaient oubliés Je les ai vu ces jours d'horreur et j'ai vu [celui de voir ] toutes les dénonciations que l'on venait faire à cet infâme comité révolutionnaire Lorsque je fus nommé pour leur faire rendre des comptes des hommes que je croyais probes dénonçaient d'un sang-froid pour un mot écharpé L'homme était à l'instant incarcéré et même souvent fois guillotiné Vous mès malheureux amis vous serez toujours présents á ma mémoire Respectable Saint Cristau fermier général qui m'avait pris en amitié qui m'envoyait chercher souvente fois par son valet de chambre pour manager avec lui Tu devais périr tu étais riche Les monstres n'en voulaient qu'à ta fortune Mès paroles à l'assemblée tous les efforts que je fis pour ramener tous les eprits en ta faveur tout fu nul L'homme honnête plaignait ton sort mais il était muet. (Roche, 1982, apud Schlieben-lange, 1996, p. 48 - 49 )*

C'est la pluralité des modèles tant oraux qu' écrits qui garantit l'authenticité de l'individu qui écrit. La multiplicité des perspectives correspond au déchirement du sujet qui est en même temps acteur sur la scène politique et orateur funèbre, ami bom-vivant e partie du sujet collectif. L'échec de la scripturalisation est simultanément réussite d'un sujet qui se situe entre oral e écrit, qui est à la fois victime et acteur de la Révolution. (SCHILIEBEN-LANGE, 1996, p. 51)

A passagem do meio de comunicação escrita para ao meio de comunicação oral no período revolucionário, segundo a autora, refere-se à leitura de textos em voz alta em locais públicos, ou discurso público, que funciona como instância fundamental de difusão do pensamento revolucionário. Os textos são objeto de uma reinterpretação comum que procura atender, com a sua atualização, o interesse do público. A mensagem bem compreendida transforma-se em projeto de ação, e os sujeitos que escutam o texto lido em voz alta passam a ser sujeitos potenciais de novas ações, o que garante a produtividade da interpretação textual. A maioria dos textos da época produzidos no sul da França estava destinada à uma oralização programada, já que a sua compreensão dependia da leitura em voz alta em ocitano, o que indica o nível de complexidade da passagem do escrito para o oral neste contexto. Ou seja o discurso político, escrito em francês, era primeiro lido em voz alta, traduzido e explicado em voz alta em ocitano e depois impresso nesta língua. A leitura pública em regiões não - francofônicas implicava, portanto, em uma falsificação do sentido original dos textos, já que estes dependiam de traduções autorizadas a serem feitas por cidadãos bilíngues que possuísem o domínio da escrita.

A mudança conceitual da escrita para a oralidade neste contexto apresenta uma série de dificuldades. As estratégias utilizadas para ultrapassá-las pretendem atingir um público situado em um universo oral, e para tanto lançam mão de modelos tradicionais de escrita, como, por exemplo, as fábulas edificantes e o catecismo - que é fonte de ambigüidades. Algumas revistas incumbem-se da tarefa de colocar textos disponíveis ao alcance de todos através da leitura pública, e a maioria das contribuições feitas a estas revistas são de concepção dialógica e geralmente incluem cartas e conversações fictícias, em uma tentativa de imitação de procedimentos orais a fim de facilitar a

compreensão dos textos. Estes procedimentos dialógicos das revistas reforçam a sua proposta de difusão das “Luzes” pelas classes sociais sem acesso à cultura, e os autores de catecismos, dicionários, jogos, etc, têm como destino um público alfabetizado superficialmente.

Schlieben-Lange, ao referir-se aos aspectos formais do texto em seu estudo, trata de fragmentos discursivos, já que as diversas passagens do oral para o escrito e vice-versa produzem nas culturas orais em geral uma instabilidade de forma. Cada ‘atuação’ produz um exemplar textual único e original, e esta instabilidade ao nível formal e/ou semântico deveria certamente variar segundo os gêneros. Ou seja, constata-se a flutuação e a abertura entre os gêneros neste contexto, como por exemplo, as peças de teatro que são escritas como representações cênicas de textos de canções, etc.

Os primeiros anos revolucionários mostram portanto autores que em face ao texto escrito recusam-se a deixar definitivamente o texto oral e, por outro lado, autores de textos escritos destinados à reoralização que não deixam inteiramente a segurança e a estabilidade oferecidas pela escrita. E é justamente o entrecruzamento de todas essas formas que caracterizam as produções político-culturais do período.

Fabre (1997), em ensaio introdutório sobre estudos etnográficos contemporâneos, tece comentários gerais sobre as práticas cotidianas da escrita. Dentre as observações feitas na primeira parte do texto (p. 1 - 11), está a de que as investigações desta ordem deixam transparecer a complexidade dos contextos sociais e culturais em que a escrita se manifesta. De acordo com o autor,

L'écriture, entendue ici au sens strict d'écriture alphabétique, n'est pas une compétence extérieure, un savoir-faire facultatif, une injonction discontinue. Sa présence est forcément centrale et active, aucun espace ne lui est étranger (...) On ne sait pas écrire tant que l'on ne maîtrise pas les univers sociaux que tel ou tel écrit a pour fonction d'articuler... (FABRE, 1997, p. 5)

O domínio da modalidade escrita da língua portanto não requer apenas competência técnica, mas sobretudo competência social. "Nous sommes dans l'écriture et l'écriture est en nous, il n'y a pas de grand partage qui séparerait deux mondes". (p.5)

Fabre critica a visão autônoma da escrita, que lhe atribui valores cognitivos e estruturais próprios em detrimento de suas relações com a fala nos diversos contextos sócio-culturais. "Il ne s'agit plus de considérer isolément le passage de l'oral à l'écrit, mais de reconnaître les différences et les hiérarchies complexes dont l'acte d'écrire est le lieu de manifestation". (p. 6).

E o caráter interativo das práticas cotidianas da escrita é enfatizado, já que, segundo o autor, a maioria destas manifestações pressupõe um leitor ou leitores reais.

L'écrivain et l'écriture ordinaires incluent leur lecteur, unique ou collectif, mais toujours très concret. Il faut accueillir dans le texte cette nécessaire présence, la faire exister avec les mots justes, accordés au monde particulier des références qu'on lui suppose. (FABRE, 1997, p. 6 - 7)

Shirley Heath, em suas pesquisas sobre as relações entre escrita e oralidade, trabalha com o conceito de 'evento de escrita' (literary event), um dos termos-chave dos estudos sobre a escrita que estão de acordo com o modelo 'ideológico' defendido por Street. A autora define "...literary event as any occasion in which a piece of writing is integral to the nature of participants' interactions and their interpretive processes". (HEATH, *apud* STREET, 1981, p. 12).

Heath (1983) faz um relato etnográfico de duas comunidades norte-americanas, Trackton e Roadville. E no capítulo referente às tradições de escrita (literate traditions), ela observa as manifestações de escrita que fazem parte do cotidiano das pessoas das duas comunidades, suas semelhanças, diferenças e relações diversas com a oralidade. Em linhas gerais pode-se afirmar que as comunidades de Trackton e Roadville são letradas (literate), de acordo com Heath, mas os usos e os aspectos estruturais da leitura e da escrita obedecem à tradição mantida por cada grupo. Os moradores de ambos os locais alternam usos orais e usos escritos da língua de acordo com o contexto de interação verbal, e os dois modos de expressão servem de suplemento e de reforço mútuo. As duas comunidades portanto não podem ser simplesmente consideradas ou letradas (literate) ou orais.

Heath lembra que as tradições orais são em geral consideradas basicamente as mesmas por apresentarem diferenças culturais mínimas, sempre que usadas para caracterizar determinada sociedade. E que muitos estudos sobre a escrita detêm-se nas características universais de suas formas e funções, como, por exemplo, os estudos das funções individuais e sociais da escrita que limitam suas análises à prosa expositiva e aos fenômenos a ela relacionados, ou aos usos da escrita valorizados pela educação formal.

A pesquisa feita em Trackton e em Roadville mostra que as pessoas têm acesso a múltiplos usos da língua oral e da língua escrita. A adaptação oral espontânea de algum material escrito, por exemplo, geralmente resulta em frases mais longas e complexas acompanhadas da mudança de um estilo formal para um estilo mais informal. E a oralização de material escrito, como a sua leitura em voz alta e comentários em grupo sobre o seu significado, incorpora experiências pessoais e coletivas, que podem ser relatadas e avaliadas por seus sujeitos a partir do material escrito que foi lido e escutado. Neste caso a primeira pessoa do singular, extremamente pessoal e característica da oralidade, costuma substituir a terceira pessoa, que é mais impessoal ou formal. Os tipos de texto que são escritos em ambas as comunidades - cartas, receitas, listas, etc - remetem a vários contextos específicos, a partir dos quais os sujeitos fazem generalizações e muitas vezes definem as suas estratégias de ação.

Em Roadville, por exemplo, os textos que são escritos funcionam, em sua maioria, como um auxílio para a memória e para estabelecer contato entre pessoas, e predominam nestes contextos os bilhetes, as listas de compras e de telefones, as receitas culinárias, as etiquetas em livros, etc. Os textos escritos com a finalidade de reafirmar os vínculos interpessoais são os cartões de felicitação, trocados em datas festivas, notas de agradecimento e, raramente, cartas. Estas últimas são escritas geralmente pelas mulheres mais jovens e têm a finalidade específica de manter contato entre parentes e amigos. É interessante assinalar a natureza dialógica da seqüência de cartas enviadas e recebidas por moradoras de Roadville. Cada carta representa um elo ou um turno de uma cadeia conversacional, e a sua interpretação depende de tópicos ou frases específicas contidas na carta anterior. O conteúdo e a forma deste tipo de texto são previsíveis. Há o uso freqüente de perguntas e respostas em sua estrutura. As

exclamações são comuns, assim como a presença de desenhos, outros símbolos gráficos, etc.

A prática da leitura é valorizada em Roadville. As famílias fazem assinaturas de revistas: as mulheres lêem sobre costura, culinária, etc, e os homens interessam-se pela leitura de artigos sobre esporte, férias, anúncios comerciais, instruções para algum tipo de construção, etc. Estas práticas de leitura, embora freqüentes, raramente transformam-se em projetos de ação, já que o material lido, às vezes comentado por seus leitores, é em seguida estocado. As crianças da cidade crescem cercadas pela escrita, já que os seus pais acham que a leitura contribui para o seu desenvolvimento espiritual e intelectual. Eles lêem as estórias infantis em voz alta para os filhos pequenos, mostram as ilustrações, fazem perguntas sobre o texto narrado, pedem para que as crianças recitem versos rimados, compram livros com figuras para colorir, etc. A participação dos pais nas atividades de leitura dos filhos diminui quando estes iniciam o seu processo de escolarização.

Já em Trackton, por exemplo, os eventos de construção de escrita têm a finalidade básica de auxiliar a memória, e os textos produzidos na comunidade são principalmente notas, listas, etc. Raramente escrevem-se cartas e cartões de felicitação, já que estes eventos só ocorrem quando a comunicação oral entre as pessoas não é possível. Os eventos de leitura são realizadas em local público, em voz alta e são compartilhados por um grupo de pessoas. Os participantes fazem comentários e perguntas para que possam interpretar oralmente o que foi lido, e apreciam contar e escutar histórias relacionadas ao texto apresentado. Os moradores da comunidade descartam o material já lido, e não há espaço ou tempo reservado *a priori* para os eventos de leitura, já que estas atividades acompanham as interações sociais e as decisões tomadas pela comunidade em sua vida cotidiana. Elas muitas vezes transformam-se em projetos de ação, já que "...meaning is not built individually, except in financial matters, because the community members share their experiences to build interpretive bridges from print to practice". (p. 232)

As crianças de Trackton não possuem livros e antes de irem pra a escola lêem para aprender. Ou seja, "reading for Trackton children is reading to learn what they

need to know before they go to school to be successful in their community". (p. 233) Os eventos de leitura destas crianças ocorrem tanto em casa como em locais públicos. Elas aprendem a identificar o significado de rótulos, cartazes e placas, de regras escritas de jogos, etc. Lembram do significado de uma frase, por exemplo, a partir da recriação do contexto em que ela é usada.

For them there seems a holistic coherency about print which does not depend on its discrete elements, and they find it puzzling to shift the context or alter the manner of presentation of print. Each new appearance of the same words seems at first a new reading task, because it does not cohere as the same whole read earlier. (HEATH, 1983, p. 233)

Em Trackton os eventos de leitura estão entrelaçadas aos eventos orais. Nos cultos religiosos criam-se novas frases a partir do texto escrito, e estas são repetidas de variadas formas em hinos, preces e sermons.

Words are action, and a creative oral rendering of a message can move an audience to action. Preachers, men of music, and the best playsong performers claim they cannot stick to written text. Seemingly thoughts which were once shaped into words on paper become recomposed in each time and space. (HEATH, 1983, p. 233)

Cada uma das comunidades, portanto, possui padrões de uso da língua que envolvem a escrita: regras de escuta dos textos lidos, tipos de perguntas a serem feitas, etc. E Trackton e Roadville diferem entre si com relação à forma, conteúdo, situação e função de sua leitura e produção de textos, variando também internamente, cada uma, de acordo com os padrões adotados por seus moradores. Em suma, "Roadville and Trackton residents have a variety of literate traditions, and in each community these are interwoven in different ways with oral uses of language, ways of negotiating meaning, deciding on action, and achieving status".

Estas manifestações de escrita definem-se a partir do contexto em que se realizam, mantendo uma relação de interdependência com a utilização dos espaços e a

organização do tempo, e com as funções que os sujeitos desempenham na família e na comunidade.

Marcuschi (2001) considera duas dimensões das relações entre língua falada e da língua escrita, distinguindo de um lado oralidade e letramento e de outro fala e escrita. Oralidade e letramento constituem práticas sociais, e suas semelhanças e diferenças devem ser observadas de acordo com "a distribuição de seus usos na vida cotidiana" (... ) "Mais do que uma simples mudança de perspectiva, isto representa a construção de um novo objeto de análise e uma nova concepção de língua e de texto, agora vistos como um conjunto de práticas sociais". (p. 15) Oralidade e letramento não apresentam portanto uma relação dicotômica em que se destaca a supremacia cognitiva da escrita, de acordo com o que Street (1981) denominou de modelo autônomo de escrita. Oralidade e letramento são atividades interativas e complementares, situadas no contexto das práticas sociais e culturais. O objeto central de investigação nesta nova visão refere-se aos usos da língua, já que "são as formas que se adequam aos usos da língua e não o inverso". (p. 16)

Mais urgente (e relevante) do que identificar primazias ou supremacias entre oralidade e letramentos, e até mesmo mais importante do que observar oralidade e letramentos como simples modos de usos da língua, é a tarefa de esclarecer a natureza das práticas sociais que envolvem o uso da língua (escrita e falada) de um modo geral. Essas práticas determinam o lugar, o papel e o grau de relevância da oralidade e das práticas do letramento numa sociedade e justificam que a questão da relação entre ambos seja posta no eixo de um contínuo sócio-histórico de práticas. Este contínuo poderia ser traduzido em outras imagens, por exemplo, na forma de uma gradação ou de uma mesclagem. Tudo dependerá do ponto de vista observado e das realidades comparadas. (MARCUSCHI, 2001, p.18)

As práticas de letramento constituem um tipo de processo histórico e social que permeia a maioria das práticas culturais de sociedades com escrita, influenciando inclusive os sujeitos considerados analfabetos. A escrita em seu caráter institucional é aprendida mediante ensino geralmente em contextos formais, ou seja, na escola, e equivale à manifestação formal do letramento, daí o seu prestígio como bem cultural

inquestionável. Mas "o letramento não é o equivalente à aquisição da escrita. Existem 'letramentos sociais' que surgem e se desenvolvem à margem da escola, não precisando por isso serem depreciados". (p. 19) Neste sentido Marcuschi faz a distinção entre padrões de alfabetização, ou apropriação e distribuição da escrita e leitura do ponto de vista formal, e processos de letramento, ou usos e papéis da escrita e da leitura enquanto atividades sociais mais amplas. Ele acrescenta que sabe-se pouco sobre a influência e o espaço ocupado pela escrita na sociedade, assim como existe um conhecimento mínimo sobre as relações entre os diversos tipos de atividades comunicativas. Deve-se partir do pressuposto, para a investigação dos usos sociais da escrita e da fala, de que "primeiro, fala e escrita são atividades comunicativas e práticas sociais situadas; segundo, em ambos os casos temos um uso real da língua". (p. 21)

O autor, ao distinguir fala e escrita de oralidade e letramento, estabelece basicamente que:

Em certo sentido, a distinção entre fala e escrita aqui sugerida contempla, de modo particular, aspectos formais, estruturais e semiológicos, ou seja, os modos de representarmos a língua em sua condição de código. São os aspectos sonoro e gráfico que contam de modo essencial neste caso. Note-se, no entanto, que o aspecto gráfico não está aqui sendo equiparado a uma de suas formas de realização, isto é, a alfabética, pois a escrita abrange todos os tipos de escrita, sejam eles alfabéticos ou ideográficos, entre outros. (MARCUSCHI, 2001, p. 26)

Em um momento mais avançado de seu texto, Marchuschi amplia o sentido dos termos fala e escrita, "que passam a ser usados para designar formas e atividades comunicativas, não se restringindo ao plano do código. Trata-se muito mais de processos e eventos do que de produtos". (p. 26)

A concepção de língua que fundamenta o estudo da fala e da escrita proposto pelo autor pressupõe em linha gerais, portanto, um fenômeno heterogêneo, variável, histórico e social, indeterminado sintática e semanticamente, já que depende de suas condições de produção, e que se concretiza em situações de uso como texto e discurso. (cf. p.43). E cujo funcionamento baseia-se na contextualização destes usos.

As observações sobre as relações entre fala e escrita, neste sentido, não se referem a um objeto de análise consensual. Segundo Marcuschi (2001), "as relações entre fala e escrita não são óbvias nem lineares, pois elas refletem um constante dinamismo fundado no *continuum* que se manifesta entre essas duas modalidades de uso da língua". O autor caracteriza esta perspectiva de análise das relações entre fala e escrita como "*visão sociointeracionista*" (grifo do autor), cujos princípios baseiam-se em dialogicidade, usos estratégicos, funções interacionais, envolvimento, negociação, situacionalidade, coerência e dinamicidade apresentados pelas duas modalidades da língua (cf. 33). Esta perspectiva, para Marchuschi, "não forma um conjunto teórico sistemático e coerente, mas representa uma série de postulados um tanto desconexos e difusos..." (p. 32)

A língua é, nesta concepção, um fenômeno interativo. Em uma linha discursiva e interpretativa, a visão interacionista proposta por este autor propicia tanto análises sobre as variedades de textos produzidos em co-autoria, como em conversações, quanto análises sobre formas textuais produzidas por um único autor, como em monólogos. Esta abordagem possibilita também a observação de características da atividade de construção de sentido do texto, além de permitir o estudo dos fenômenos de compreensão na comunicação face a face, e dos fenômenos relativos à interação entre leitor e texto escrito. Sob este ponto de vista, os processos de produção de sentido do texto situam-se em contextos sócio - históricos marcados por atividades de negociação, e as categorias lingüísticas são construídas interativamente de acordo com os fatos culturais.

Fala e escrita apresentam, portanto, um contínuo de variações e, segundo Marcuschi (2001), o seu estudo deve basear-se nas relações que ambas constroem a partir dos seus usos, fundados em um contínuo de gêneros textuais. Ou seja, em vez de dicotomia, diferenças graduais entre os textos orais e escritos. Este contínuo permite correlações em vários planos, que levam a um conjunto de variações. Ao tentar sistematizar este contínuo de gêneros textuais, o autor estabelece que os gêneros encontram-se em dois domínios lingüísticos, que são a fala e a escrita. E ambas organizam-se em dois contínuos: na linha das características específicas de cada

modalidade - fala (F) ou escrita (E), e na linha dos gêneros textuais (G). Teríamos então os GF1, GF2...GE1, GE2...etc.

Os textos entrecruzam-se em muitos aspectos, e podem constituir domínios mistos. Estas relações mistas de gêneros classificam-se a partir das características de meio e concepção. Ou seja, a fala é de concepção oral e meio sonoro, e a escrita é de concepção escrita e meio gráfico. Os gêneros mistos seriam, por exemplo, o noticiário da TV, de meio de produção sonoro e de concepção discursiva escrita, e uma entrevista publicada em uma revista, de meio de produção gráfico e de concepção discursiva oral.

Os textos apresentados de forma resumida neste capítulo oferecem pressupostos importantes para a observação e análise das manifestações de escrita. Por exemplo, conceber a escrita como competência social e não técnica, noção delineada durante este capítulo, amplia a visão estreita que a reduz a um código ou tecnologia neutra, exterior aos sujeitos, ensinada pela escola e reconhecida formalmente pelas instâncias oficiais da sociedade, ou seja, por instituições de reprodução de padrões culturais de grupos sociais de elite. Esta concepção reducionista está de acordo com o modelo autônomo proposto por Goody e Watt (1963), que separa a escrita das suas situações concretas de uso. A concepção mais ampla de escrita está relacionada à complexidade dos contextos sociais e culturais em que ela é usada, já que estes pressupõem a sua presença em todos os espaços, segundo Fabre (1997). A escrita reflete e medeia as relações de poder, de caráter antagônico e assimétrico, a partir das relações discursivas construídas nos diversos grupos sociais, de acordo com Street. (1981) A língua nesta perspectiva define-se como um processo sócio - histórico de natureza dinâmica. Ela não é um sistema único e abstrato, e sim uma entidade de realização variável e heterogênea, como lembra Marcuschi (2001).

As análises das manifestações de escrita compreendidas como manifestações culturais têm por objetivo revelar como as suas práticas adaptam-se aos objetivos e propósitos de seus sujeitos, de acordo com Street (1981). Schlieben-Lange (1996), por exemplo, ao analisar o que denomina de processo de reoralização ocorrido no contexto histórico da França revolucionária, mostra como o impulso da cultura escrita e a sua aproximação das concepções de construção dos textos orais serviram intencionalmente

à promoção de discussões sobre os ideais da revolução e a sua transformação em projetos de ação. Por trás de cada texto produzido pressupunha-se a multiplicidade de perspectivas que o momento sócio - político suscitava em seus sujeitos. Ginsburg (1987), em seu trabalho de historiador, pesquisa elementos da cultura popular em textos da época inquisitorial, através de marcas de oralidade neles presentes. Ele observa que textos lidos sobre cristianismo submetem-se a um novo código de leitura, ou a uma reelaboração original que resgata símbolos da tradição oral, passados de geração a geração. O estudo etnográfico de Heath (1983), sobre as tradições de escrita de duas comunidades, também afirma que os eventos de escrita definem-se a partir dos contextos em que se realizam e das funções que os sujeitos desempenham no grupo social. Sob o mesmo ponto de vista, Marcuschi (2001), ao definir a língua como um conjunto de atividades comunicativas, pressupõe que a sua forma, ou estrutura, se adequa aos seus diversos usos.

O entrelaçamento entre cultura escrita e cultura oral é uma realidade histórica. Havelock (1996), nesta perspectiva, investiga o que ele denomina de "problema oralidade - literacia" no contexto da Grécia antiga. Mas em vez de centrar as suas observações nas conseqüências gerais e irreversíveis de ordem cultural, lingüística e cognitiva acarretadas pela introdução do sistema de escrita no mundo grego, como o fizeram Goody e Watt (1963), o autor observa as relações entre oralidade e escrita que caracterizaram o processo de transição cultural em curso naquele momento histórico. As formas verbais do texto oral colidem e competem com as formas próprias do texto escrito. Mas este confronto entre cultura escrita e cultura oral não é de ordem exclusivamente técnica e nem se limita ao mundo antigo, mas toma dimensão de uma crise na história da comunicação humana, já que molda as novas formas de pensamento e de percepção do mundo. A escrita é neste contexto uma alternativa e não uma adição à oralidade. O oralismo primitivo de sociedades não letradas é irremediavelmente afetado pela escrita, já que faz o homem ser consciente do seu papel de falante e ouvinte. Ao mesmo tempo, as relações entre escrita e oralidade perduram no mundo contemporâneo, e têm sido enfatizadas pelas novas formas de comunicação eletrônica. Ou seja, cultura oral e cultura escrita estão intimamente entrelaçadas e devem ser estudadas no contexto das suas múltiplas relações.

Fabre (1997) enfatiza o caráter interativo das práticas cotidianas de escrita, já que estas pressupõem a presença concreta do leitor, único ou coletivo. As atividades de produção de textos e de leitura portanto estão intimamente relacionadas, e a diversidade de relações mantidas entre si está de acordo com as suas interações com a fala e com as múltiplas situações de interação verbal. Sob esta orientação situam-se os estudos baseados em fontes históricas feitos por Ginsburg (1998) e Schlieben - Lange (1996), assim como o estudo etnográfico contemporâneo de Heath (1983) e o artigo de Marcuschi (2001). Neles os usos de escrita estão de acordo com a natureza das interações de seus participantes e de seus processos interpretativos.

Em Ginsburg (1998), o texto escrito sobre cristianismo submete-se a um código de leitura, ou de significação, que origina-se em aspectos da tradição oral camponesa e de seus elementos primitivos, passados de geração a geração. As contradições do discurso do sujeito que interpreta os textos lidos residem no confronto, proposto de forma consciente, segundo o autor, entre elementos próprios da cultura letrada e elementos da cultura oral. Para o autor, como já foi citado, cultura popular e cultura das classes dominantes não são entidades autônomas ou descontínuas, mas sofrem influências recíprocas e estão em constante confronto. Da mesma forma que cultura oral e cultura escrita, em suas atividades de leitura e escrita, serão melhor compreendidas se estudadas no contexto de suas relações dinâmicas.

Schlieben-lange (1996) escolhe um momento histórico marcante, de transição político - cultural, para estudar as relações entre cultura oral e cultura escrita, a partir dos exames de documentos escritos no período, que mostram a oscilação entre o oral e o escrito. A reoralização dos textos escritos possibilita o impulso da cultura escrita, com o propósito de disseminar a leitura e as discussões sobre temas políticos pertinentes e transformá-las em projetos de ação. O material escrito mostra que esta transição do oral em direção à escrita não se resume à transição de um processo verbal para outro, mas de uma estratégia de comunicação para outra, o que gera uma multiplicidade de perspectivas de construção do texto escrito. Da mesma forma em relação à transição em direção ao texto oral, quando os discursos públicos possibilitam a reinterpretação ou atualização coletiva dos seus significados, através da leitura coletiva, para a propagação dos ideais da Revolução Francesa. O uso do meio oral, como a

vocalização do texto escrito, soma-se à estratégia de utilização de modelos tradicionais de escrita e textos de concepção dialógica, com a intenção de facilitar a compreensão dos textos lidos.

Heath (1983), como mostra o seu texto, trabalha com a concepção de eventos de escrita. As tradições de escrita das duas comunidades investigadas correspondem aos seus padrões de uso da língua, e entre ambas a leitura e a produção de texto diferem quanto à forma, conteúdo, situação e função. Por exemplo, em uma das comunidades faz-se a leitura coletiva e oral de cartas, que são discutidas no grupo e respondidas coletivamente. Eventos de produção de textos e de leitura, portanto, constroem-se mutuamente e são constituídos pelo oral.

Esta autora, embora não classifique os eventos de escrita em um contínuo de gêneros textuais, classifica os usos específicos da escrita compartilhados pelos sujeitos em cada comunidade estudada em padrões distintos de manifestações lingüísticas, que caracterizam as tradições de escrita de cada grupo.

Já Schlieben-Lange (1996), ao considerar a variedade de textos produzidos na época estudada, instáveis em seus aspectos formais e semânticos - o que marca a oscilação entre o oral e o escrito, afirma que estas práticas de escrita, enquanto manifestações culturais, além de relacionarem de forma diversa leitura, produção de textos e oralidade, variam segundo os gêneros textuais.

Marcuschi (2001), por sua vez, ao estudar as relações entre o texto oral e o texto escrito, afirma que fala e escrita não caracterizam uma dicotomia porque não se limitam aos seus códigos gráfico e sonoro. Fala e escrita são atividades comunicativas, de caráter interativo, que se manifestam em situações de uso como texto e discurso.

Os pontos de vista apresentados representam um conjunto de princípios sobre a escrita em sua dimensão sócio-cultural, que pode subsidiar a descrição e a análise dos seus diversos usos. Street (1981), embora admita a fronteira entre fala e escrita, reconhece que estas são manifestações culturais e que as suas relações são complexas porque abrangem uma grande diversidade de entrelaçamento entre as suas práticas, determinada pelos diferentes contextos sociais e valores a eles associados por seus sujeitos. Em uma perspectiva ampla, a sua unidade de estudo refere-se às

relações entre fala e escrita enquanto reflexo das relações de poder. O objetivo do autor é situar as relações entre cultura oral e cultura popular no contexto geral das suas manifestações. Para tanto sugere a construção de um modelo de investigação sobre a relação entre fala e escrita, com base em estudos etnográficos e ancorado em um aparato teórico, a partir do qual se possa estabelecer as características comuns e recorrentes do entrelaçamento entre práticas orais e escritas. Marcuschi (2001), ao tratar do estudo das relações entre atividades de fala e atividades de escrita, estabelece como prioridade a tarefa de esclarecer a natureza das práticas sociais que envolvem os usos da língua. Neste sentido, sugere a construção de procedimentos de pesquisa que contribuam para a construção de um conjunto teórico consistente que possa explicar e descrever estes usos enquanto elementos constitutivos das práticas culturais dos diversos grupos sociais. Este autor propõe uma questão que deve permear os estudos sobre as relações entre fala e escrita, ao indagar "se as relações entre a fala e a escrita são uniformes, constantes e universais, ou se elas são diversificadas na história, no espaço e nas línguas". (p.26)

A presente pesquisa é fruto de trabalho de campo realizado em uma comunidade ou bairro particular situado em área central da cidade de Salvador. Um olhar breve sobre a cidade evidencia a complexidade sócio - econômico e cultural de seu tecido urbano, composto por vários segmentos sociais. Neste contexto, o trabalho, ao descrever e explicar os usos sociais de escrita circunscritos à vida cotidiana de uma comunidade específica, pode apresentar resultados que contribuam com futuros estudos etnográficos sobre as práticas de escrita, enquanto práticas sociais, que se desenvolvem nos diferentes segmentos que compõem a cidade de Salvador, ou mesmo em outros grupos sociais. Ou seja, este estudo, somado a muitos outros de igual natureza, pode contribuir para a caracterização de aspectos comuns e recorrentes de manifestações de escrita enquanto práticas culturais, como sugere Street (1981), o que subsidiaria a construção de procedimentos de pesquisa que, de acordo com Marcuschi (2001), permitiriam a construção de um conjunto teórico coerente que pudesse fundamentar a análise dos usos da escrita nos diferentes grupos sociais.

A partir das idéias apresentadas e das primeiras observações das manifestações de escrita que circulam na comunidade, de acordo com as suas funções no interior do grupo, delinearão-se alguns pressupostos que nortearão a investigação:

1. A escrita constitui um conjunto de práticas sócio-culturalmente situadas.
2. Escrita e fala são atividades interativas e complementares, e os valores associados a ambas determinam as suas fronteiras, caracterizando os padrões de escrita próprios dos segmentos sociais pesquisados.
3. O caráter interativo das práticas de escrita pressupõe redatores e leitores concretos, únicos ou coletivos, já que os usos de escrita estão de acordo com a natureza de suas relações e de seus processos interpretativos.
4. As manifestações de escrita refletem as relações de poder presentes em determinado contexto social, e regulam a vida dos seus moradores.

## Capítulo II

### Comunidade

#### 1 • Conceito

Esta pesquisa adota o conceito de Comunidade de Prática (Community of Practice) para caracterizar o seu universo por achá-lo adequado à observação de uma comunidade particular. O conceito de comunidade escolhido é definido como

An aggregate of people who come together around mutual engagement in an endeavor. Ways of doing things, ways of talking, beliefs, values, power relations - in short , practices - emerge in the course of this mutual endeavor. As a social construct, a CofP is different from the traditional community, primarily because it is defined simultaneously by its membership and by the practice in which that membership engages. (ECKERT & MCCONNELL-GINET, 1992, p.464)

A conceito de Comunidade de Prática é dinâmico e complexo, segundo Holmes (1999), e a noção de prática é elemento central para a sua caracterização. As atividades desenvolvidas pelos sujeitos definem até que ponto eles pertencem ao grupo, podendo os mesmos ser membros centrais ou periféricos, inclusive por escolha própria. Os aspectos globais ou específicos do discurso e os padrões de interação social refletem o grau de engajamento dos sujeitos na comunidade. Tornar-se um membro da Comunidade de Prática significa portanto submeter-se a um processo de aprendizagem dentro do grupo que possibilite o controle do discurso apropriado às diversas atividades desenvolvidas no âmbito da comunidade.

As dimensões básicas de uma Comunidade de Prática citadas por Holmes (WENGER, 1998, p.76, *apud* HOLMES, 1999, p.175) e que dizem respeito a este estudo são, em primeiro lugar, as atividades que envolvem interações regulares ou cotidianas dos sujeitos na comunidade. E em segundo lugar os processos de negociação e construção de atividades que atendam ao interesse coletivo, e que

necessitam da participação de moradores. Dentre os dados mais específicos que caracterizam a Comunidade de Prática e que são pertinentes a este trabalho estão: saber o que os outros fazem, o que podem fazer e como podem contribuir para a realização das atividades. Incluem-se nestes dados os discursos sobre a comunidade que são compartilhados pelos sujeitos.

## 2 • Comunidade hoje: o cenário da pesquisa

A comunidade de São Lázaro localiza-se no alto e no entorno de uma colina, onde na sua parte mais elevada está a capela e o largo. Os seus limites, de acordo com os moradores, são: do lado esquerdo a CONDER - Companhia de Desenvolvimento da Região Metropolitana de Salvador, e o campo de futebol da Ufba – situado abaixo da colina. Do lado direito encontra-se o campus de Ondina da Ufba, à frente a FFCH desta universidade, e atrás a rua Alberto Carneiro Ribeiro, já na Ondina. As casas estão dispostas no começo do largo ao lado direito da igreja, na “avenida” principal ou ladeira mais antiga que leva até a Ondina e no caminho à direita das colina que vai também até Ondina. Existem oito barracas de comércio enfileiradas do direito largo, enquanto do lado oposto está a entrada da CONDER. Não se sabe com exatidão o número de domicílios existentes em São Lázaro atualmente. O líder comunitário, ZB, fala de umas duzentas casas no local, talvez o número total seja um pouco menor. As antigas casas de taipa deram vez às construções de alvenaria e muitas delas possuem atualmente mais de um andar e visão privilegiada da orla marítima – muitas destas últimas com terraço panorâmico e padrão de classe média. E são estas as casas que estão, em sua maioria, na parte mais alta do largo, ao lado da capela, e as que se situam nas duas “avenidas” principais que descem para a praia de Ondina. Muitas casas que se situam nas vielas que fazem a comunicação pela parte interna da comunidade, no entorno da colina, são ainda de “sopapo”(estuque), embora possam desfrutar da vista e da brisa do mar. Estas vielas e suas escadarias são estreitas, de barro e perigosas, porque estão em terreno íngreme e sem a devida proteção

A comunidade de hoje está em terreno valorizado, já que se situa em área central da cidade e tem posição privilegiada por sua proximidade da orla marítima. São Lázaro é considerada Área de Proteção Sócio – Ecológica (APSE) pela Lei Municipal 3592/85 (vide anexos 1 e 2). Ou seja, é área de assentamento consolidado de população de baixa renda que, valorizada pelo processo de transformação urbana, fica suscetível a pressões que se refletem na expulsão dessa população. Assim sendo as construções no local estão reduzidas por lei a lotes de no máximo 125 m<sup>2</sup>, ao máximo de dois pavimentos e a área comercial está restrita ao apoio local. A situação fundiária das casas e áreas ocupadas é a de uma invasão consolidada, onde existem posseiros sem registro de propriedade de suas casas e terrenos. De acordo com o depoimento de AB, a comunidade tem no mínimo cem anos e desde que sua família se estabeleceu na área, em 1930, os moradores pagavam ‘à “viúva Reis” a prestação das casas e recebiam um recibo informal de pagamento (“um papelzinho”), prática seguida posteriormente pelo “Dr. Renato Reis”, seu filho, e pelo advogado Manuel Fortunato. As cobranças mais tarde terminaram e ninguém recebeu a escritura dos terrenos e casas.

A comunidade ainda carece de melhorias em serviços básicos. Segundo alguns moradores, muitas casas ainda utilizam a rede pluvial para o escoamento de esgoto, principalmente as que se situam em local não privilegiado da comunidade. Há a necessidade de estender a pavimentação feita no largo às duas “avenidas” que descem para a Ondina, já que o seu passeio ainda é irregular, há muito mato em suas laterais e os degraus largos de concreto pré – fabricados de suas descidas são irregulares, além da necessidade de urbanização da parte interna do bairro. O lixo é coletado diretamente e há iluminação pública - melhorias feitas em atendimento à demanda dos moradores. Segundo ZB não há até o momento nenhum projeto de urbanização da comunidade por parte do governo baiano. O telefone comunitário ainda é bastante utilizado pela comunidade, embora um número crescente de moradores já esteja instalando linhas particulares em suas casas.

Os principais problemas apontados pelos moradores são o perigo de deslizamento de encostas e o de desabamento de habitações. As reivindicações coletivas são para que haja pontos de comércio no local, como mercadinho e farmácia, e que se coloque nova linha de ônibus com local no largo para as suas manobras. As principais

demandas, unânimes entre todos, são para que se instalem um posto médico e uma creche - escola na comunidade. Foram construídas as instalações para uma pequena escola em uma área dos fundos da capela por iniciativa de um padre e da associação de moradores, mas a obra foi embargada pela prefeitura por problemas técnicos, o que gerou descontentamento geral. As crianças se deslocam para estudar em outros bairros.

A segurança do bairro é motivo de orgulho para ZB, embora moradores mais jovens admitam que já há meninos da comunidade envolvidos com o consumo de drogas, embora estes sejam poucos. Cenas de violência que já ocorreram na comunidade envolveram, em sua grande maioria, moradores de outras comunidades de baixa - renda que se situam perto de São Lázaro, principalmente Alto das Pombas, Calabar e Binóculo. A segurança da comunidade é afetada em períodos de festas, quando muitas pessoas de outros bairros usam São Lázaro como passagem para a orla marítima ou quando permanecem nas lavagens dos santos.

Acreditamos que a população local esteja em torno de 750 pessoas, embora este cálculo seja informal. A população é formada de negros, mestiços e pouquíssimos brancos. Os dados sobre o nível médio de escolaridade dos moradores são frutos de deduções a que chegamos, já que muitos não se sentem à vontade para confessar os poucos anos de escolaridade que possuem. A nossa hipótese é a de que haja entre a população mais velha - acima dos setenta anos, casos de analfabetismo - pessoas que não lêem e nem escrevem, como pudemos constatar com a observação do comportamento de alguns idosos. A liderança comunitária nos informou que os analfabetos são só “os mais antigos” e, contraditoriamente, que não há analfabetos, que fulano “assina o nome” e que “D. Albertina não assina o nome porque não enxerga”. A maioria dos adultos possui até o ensino fundamental (8ª série) completo ou não, sendo que os mais velhos em sua maioria fizeram até o antigo curso primário, completo ou não. Os moradores que cursaram o ensino médio estão entre os adultos mais jovens ou adolescentes. Há casos de pessoas fazendo cursos de nível superior ou mesmo já formadas em universidades, mas que são uma grande exceção dentro do grupo. De acordo com informações recebidas no local, os homens da comunidade trabalham em sua maioria como funcionários públicos (contínuos, porteiros, etc), como prestadores de

serviços, principalmente serviços manuais (pedreiros, pintores, etc) e como autônomos, geralmente no mercado informal (barraqueiros, ambulantes, etc). As mulheres em geral são diaristas, comerciárias e autônomas. Os dados informais sobre renda nos informam que a grande maioria dos chefes de domicílio ganha até dois salários mínimos, sendo que alguns chegam até três e poucos alcançam cinco salários mensais.

Como atividade de lazer oferecida para a comunidade, alguns moradores organizam periodicamente passeios de fim-de-semana a outras localidades do estado. Acontecem bingos para angariar fundos para as festas do padroeiro e a organização de bazares para arrecadar dinheiro para a festa das mães, etc, que são de responsabilidade da liderança comunitária. Há jogos de futebol principalmente aos domingos no campo da Ufba, além do carteadado e jogo de dominó nas barracas do largo e do bate-papo acompanhado de cerveja. O espaço coletivo do largo constitui-se em um universo masculino, com algumas exceções que vão se impondo devagar. Geralmente os grupos mistos que tomam cerveja ou comem comida baiana, como sarapatel, etc, nas barracas são formados por estudantes da UFba e funcionários da CONDER, às sextas-feiras, ou por banhistas de fim-de-semana que passam por lá. As mulheres da comunidade que freqüentam o largo esporadicamente para alguma atividade de lazer vão geralmente acompanhadas dos maridos. Elas permanecem a maior parte do tempo nos espaços domésticos ou privados e usam o largo como passagem.

A organização dos moradores em associação representativa dos interesses da maioria é fundamental para a comunidade, já que qualquer benfeitoria a ser realizada no local depende da demanda do grupo. A Associação e Moradores de São Lázaro foi fundada em julho de 1991, e a sua sede é na capela. Em 1997 encontramos a entidade em situação irregular, já que não se convocavam eleições havia cinco anos. ZB assumiu durante esse tempo o papel de líder comunitário sem ser presidente da associação, e ele definiu a sua função durante este tempo como a de um “presidente tampão”. As pessoas que junto com ZB trabalhavam na liderança comunitária fizeram críticas ácidas às pessoas que compunham a associação - principalmente à secretária e ao presidente da entidade, pela inoperância e sede de poder, já que não convocavam novas eleições. Estas críticas foram feitas sem que se declinassem os nomes dos envolvidos e houve o cuidado de se preservar a imagem do padre, que era membro da

associação e, segundo a liderança comunitária, não tinha tempo de engajar-se no trabalho em prol da comunidade. Em 1988 uma equipe do Mestrado em Arquitetura e Urbanismo da FAU / Ufba realizou uma experiência participativa na comunidade através de um projeto de intervenção<sup>2</sup>, cuja metodologia de trabalho foi discutida com a representação de moradores em reuniões realizadas na capela. O objetivo inicial dos mestrandos era propor uma nova forma de coleta e reciclagem do lixo acumulado nas encostas. Muitas discussões foram travadas e, atendendo à demanda dos moradores, decidiu-se analisar e resolver a situação de irregularidade da associação de moradores. Escolheu-se uma comissão de trabalho composta de pessoas da comunidade e os moradores em geral foram convidados a assistir aos trabalhos e a opinar durante as reuniões. Os estatutos da entidade foram analisados, formou-se uma comissão eleitoral e marcou-se para o dia 11 de junho a data das novas eleições, cujo edital de convocação foi publicado no Diário Oficial do Município. Duas chapas concorreram: a União e a Comunitária. A última chapa, tendo ZB como presidente e demais membros da antiga liderança em sua composição, foi vitoriosa, ganhando por ampla maioria dos votos, sendo empossada no dia 08 de agosto de 1998. O importante foi a grande participação da comunidade, já que o número total de votantes foi de 387 pessoas.

Há desde 1998 um templo da Assembléia de Deus na comunidade e muitos moradores consideram os seus cânticos em público um desrespeito à Igreja, embora os seus cultos tenham atraído várias pessoas que eram antes católicas. As pessoas da comunidade que assistem à missa o fazem aos domingos e são basicamente senhoras, poucos senhores e quase nenhum jovem. De resto comparecem fiéis católicos de outros bairros. Há o catecismo para as crianças que vão fazer a primeira eucaristia na capela, ensinado por uma ministra da eucaristia da comunidade. A postura da igreja é a de separar o trabalho realizado com os fiéis da comunidade do culto dos devotos às segundas-feiras. Segundo os moradores, as missas das segundas são para “os de fora.”

O santuário é o destino de romarias que acontecem há mais de um século, tradição que resistiu ao período de decadência do templo. Segundo os moradores,

---

<sup>2</sup> Dargette C. Tavares, Maria Lúcia Simões e Roberto Luiz Sawitzki, 1999

chegam romeiros até de outros estados, geralmente em ônibus fretados. Há uma celebração à meia-noite em volta do cruzeiro em frente à capela, no primeiro dia do ano, realizada por romeiros. Nas segundas-feiras aproximadamente 800 pessoas assistem às quatro missas - duas de manhã e duas à tarde, e nos dias de festa do padroeiro esta população sofre um acréscimo de 35%, chegando a mais de 1000 pessoas no local. Os seus freqüentadores têm entre 30 e 50 anos e são procedentes de Salvador e do interior do estado. Estes sujeitos em sua maioria possuem o ensino fundamental completo e renda familiar de cerca de um a dois salários mínimos. As mulheres em geral são vendedoras da economia informal, costureiras, comerciárias, domésticas, etc, e os homens são operários, motoristas, mecânicos de carros, autônomos como encanadores, etc. As pessoas de nível universitário que visitam a capela no dia do santo constituem menos de 1º do seu público. Mais de 75 % das pessoas que lá vão têm crenças e práticas religiosas diversas dos sacramentos estabelecidos pelo catolicismo oficial. Alguns freqüentam também a Umbanda, ou Espiritismo, mas a grande maioria tem a sua filiação, como iniciação ou não, nos terreiros de candomblé. São em grande maioria negros e mestiços e se vestem de branco. Os espaços do sagrado e do profano, termos cunhados pela tradição católica, definem-se claramente: no interior da capela os devotos assistem à missa e no largo em frente à igreja tomam passes com pipocas dados por filhos de santo, e o trânsito entre uma e outra prática é constante contando com a tolerância dos padres católicos.<sup>3</sup> Os romeiros colocam os seus “ex - votos” no “altar do Lazinho”, pequeno altar em um pequeno aposento à esquerda da nave central da capela. Na parte externa da capela, à sua esquerda, acendem velas ao santo.

Os moradores comerciantes da comunidade consideram as segundas-feiras como dia de trabalho, já que abrem as barracas que têm no largo e comercializam comidas, bebidas, santos e velas o dia todo. Os demais moradores também não modificam a sua rotina diária nestes dias. A festa religiosa de São Roque e de São Lázaro é organizada pelos padres e ajudantes – as três missas em dias anteriores ao dia festivo, quando há a celebração solene e procissão pelas ruas da Federação. A lavagem do santo é a parte profana da festa e acontece no largo cheio de barracas de bebida e música, com

---

<sup>3</sup> Maria Lúcia S. Pereira, 1998

cortejo de carroças, baianas e grupos de afoxé vindos da Federação até a capela, momento em que se faz a lavagem da escadaria do templo. Esta parte da festa é organizada pela liderança comunitária.

### 3 • Comunidade: história e devoção

#### A - Capela, Lazareto e povoado

Não se sabe ao certo quando surgiu a capela de São Lázaro. Existem provas arquitetônicas, de acordo com Ott (1983), de que o templo, uma capela de tipo rural, tenha sido edificado na primeira metade do século XVIII, já que a sua fachada é típica deste período:

Com duas janelas apenas na sua parte superior e um nicho do padroeiro no meio delas, uma portada renascentista e um frontão triangular com um óculo no meio dele. Ainda se encontram pedras de cantaria em forma retangular colocadas embaixo das janelas, lembrando o costume português e brasileiro de colocar por ocasião das procissões, colchas de retalho de cores vistosas nas janelas para enfeitar as casas... (OTT, 1983)

Antes de existir a capela houve, como sua primeira fundação, uma ermida já por invocação de São Lázaro, de acordo com um trecho de documento da Câmara de Salvador, datado de 1755: "Fora da Barra desta cidade fundou-se há tempos a caridade de alguns devotos uma ermida de São Lázaro, onde recolhem pessoas pobres da terra ou dos navios da África".<sup>4</sup> "Para lá eram recolhidos os doentes pobres e sem recursos, portadores de lepra, escorbuto, sarampo, varicela, filariose, varíola, todas as enfermidades endêmicas de Salvador, na época" (Pereira, 1998, p.11), que então eram consideradas contagiosas. O primeiro documento que fala a respeito da capela de São Lázaro é de 12 de outubro de 1737. Com o passar do tempo a primeira capela ficou danificada ou pequena demais para os moradores. Para fazer uma nova igreja por invocação do mesmo santo, os proprietários do terreno, Jorge Fernandes da Rocha e

---

<sup>4</sup> Arquivo da Santa Casa de Misericórdia. 1750 - 1762

Francisca Xavier, fizeram nesta data, no tabelião, uma escritura de patrimônio - neste caso a doação da quantia de cem mil réis. Esta era uma das inúmeras escrituras de padroado exigidas na época pelo Arcebispo da Bahia, Dom Sebastião Monteiro de Vide, para permitir a construção de uma capela, garantindo assim, com os juros, o culto divino. Em contrapartida, os doadores garantiram o direito de assistir à missa na capela-mor e, ao morrer, o direito de serem ali enterrados. Os escravos, presume-se, foram os principais construtores da capela, erguida provavelmente nos primeiros anos do século XVIII, já que nesta época os proprietários das fazendas faziam as igrejas beneficiando-se do sistema escravista.

A capela de São Lázaro pertenceu à Freguesia da Vitória até o ano de 1913. Em 05 de abril de 1913 passou a pertencer à paróquia de Santana do Rio Vermelho. Ela foi a princípio rica, administrada por uma Irmandade florescente, a Irmandade de São Lázaro do Camarão, da qual só se tem notícia em um documento do Arquivo Público do Estado da Bahia, que traz arrolados os “bens de raiz” da referida confraria. Acredita-se que esta fosse uma Irmandade de negros, já que estes eram em grande número no local, e já que os fatores étnicos eram preponderantes na composição destas corporações. Quando o patrimônio original da igreja perdeu-se, o templo passou a necessitar da doação dos fiéis ou visitantes, que eram muitos, o que garantiu reformas precárias de suas instalações. A capela nesta época entrou em processo de decadência. "Da igrejola nada me parece digno de ser mencionado senão o abandono em que jaz..."<sup>5</sup>, de acordo com depoimento de 1930.

Em 1966 a capela de São Lázaro passou a pertencer à Paróquia da Ressurreição do Senhor, recém – criada em Ondina, ficando aos cuidados dos padres redentoristas.

Em 1968 os redentoristas holandeses tentaram reduzir os riscos de desabamento. Fizeram construir um muro de contenção das paredes, e reformaram as fachadas – anterior e laterais, o adro e a escadaria da igreja. A obra durou dois anos. Durante a mesma foram encontradas ossadas de pessoas enterradas ali. O local fora um cemitério pois era costume, naquela época, enterrar católicos falecidos dentro e nos arredores de igrejas. (Pereira, 1998, p.13)

Após as reformas a capela foi entregue aos padres jesuítas, que concluíram a sua recuperação reconstruindo a sua parte interna. Em 1972 a Prefeitura do Salvador determinou o fechamento da capela à visitação pública, porque seu teto ameaçava desabar. Os devotos se organizaram para salvar o prédio sob o comando do padre Valdir, missionário da Companhia de Jesus. Com este fim foi fundada a Comunidade de Amigos de São Lázaro. Em 1973, sem qualquer ajuda do Governo, a capela e o santo padroeiro estavam restaurados. E até hoje, segundo os padres de São Lázaro, qualquer manutenção do templo depende da boa vontade e generosidade dos seus freqüentadores.

A capela estava ligada a um hospital que se fundou junto dela.

A gafaria, ou hospital dos Lázaros, existiu primeiro num pequeno asilo constituído por casinhas próximas à capela de São Lázaro (...) Era ali que se recolhiam as pessoas pobres da cidade afetadas da terrível moléstia (mal dos lázaros, morfêia ou elenfatiasis dos gregos), assim como os pretos que chegavam da África doentes dela. (Amaral, 1921, p. 171)

De acordo com um documento de 1755, os vereadores, para o sustento do hospital e da capela, pediram ao rei licença para cobrarem nos navios que chegavam à Bahia, e geralmente traziam doentes de escorbuto a bordo, o real de São Lázaro “para com o produto deste imposto conservar o Hospital de São Lázaro que estava funcionando algum tempo, mas de uma renda certa e legalizada.”<sup>6</sup> Mas a partir de 1777 o hospital passou a atender apenas os leprosos. Os demais pacientes foram transferidos para um outro hospital, também recém inaugurado na Quinta do Jesuítas, que passou a ser denominada de Quinta do Lázaros. A intenção dos poderes públicos era a proteção da população urbana daquelas enfermidades, isolando os doentes.

A decadência da Irmandade de São Lázaro e da capela acompanhou o declínio do seu hospital.

---

<sup>5</sup> Conder - Fpacba, 1977, p.14

<sup>6</sup> Santa Casa de Misericórdia de Salvador - arquivo, livro 3 das escrituras

Nos primeiros anos do século XIX, o Lazareto atravessa expressiva fase de declínio, como hospital destinado exclusivamente aos hansenianos. A própria expansão urbana passou a redefinir a ocupação do solo e dos imóveis em geral e a localização de hansenianos e demais pacientes próxima do centro da cidade apresenta inconvenientes. Assim, grande parte dos leprosos foi transferida para o hospital da Quinta dos Jesuítas. Em 1897 o Lazareto atendeu a população de Salvador atacada por uma epidemia de varíola. Nesta oportunidade foram criadas enfermarias no Lazareto para atender as vítimas desta epidemia e também os feridos provenientes da Guerra dos Canudos. Depois os variolosos foram transferidos para o Lazareto da Quinta dos Jesuítas, onde já estavam os hansenianos e demais pacientes. (CONDER - FPACBA, 1977, p.14 )

O prédio do lazareto, sem manutenção, foi-se arruinando até a transferência de todos os doentes para a Quinta dos Lázaros, por volta de 1925. O quadro na época era de um local abandonado que servia de abrigo para mendigos e vadios.

Em 1925 foi criado o Patronato Ignácio Tosta para menores desamparados, através do Decreto do Governo do Estado, que passou a funcionar no antigo Lazareto. Não se sabe como e quando o seu terreno e o prédio passaram a ser propriedades do Estado, provavelmente houve desapropriação para utilidade pública. Em 1926/1927, o governador Góes Calmon criou no prédio a Escola de Instrução para Recrutas. Posteriormente, em situação precária, a escola transformou-se na Companhia Escolar de São Lázaro, destinada à instrução de recrutas da PM. Em 1931 o Lazareto sofreu reformas e foi destinado à detenção de menores - os “capitães de areia”. Em 1947 o prédio encontrava-se abandonado, arruinando-se com o tempo. Segundo os moradores mais velhos houve uma serraria e depois uma fábrica de bolas, seguida de uma fábrica de meias no antigo Lazareto e adjacências. A partir de 1950,

Como prioridade do Governo do Estado, o imóvel foi sendo ocupado por famílias de baixa renda, formadas por indivíduos pertencentes à Polícia Militar e à Guarda Civil, em sua maioria. Com a mudança para outros bairros de parte destas famílias, o imóvel foi invadido por outras famílias de níveis sócio – econômicos e

higiênicos ainda mais baixos, ao lado de algumas viúvas de militares e de antigos membros da Guarda Civil. (CONDER - FPACBA, 1977, p. 17)

Em 05 de setembro de 1977 o Governo do Estado da Bahia desapropriou as edificações e benfeitorias existentes no terreno de propriedade do Estado, situados em São Lázaro, em favor da Conder (Companhia de Desenvolvimento da Região Metropolitana). E desde 1998 que apenas alguns setores da Conder permanecem em funcionamento no local.

No começo do século XVIII, onde hoje encontram-se a comunidade e a capela, situava-se o Sítio do Camarão, uma espécie de fazenda localizada extra - muros da cidade, já que na época a área urbana de Salvador concentrava-se nas cidades alta e baixa. O primeiro povoado do local deve ter surgido ao redor da ermida existente antes da construção da capela de São Lázaro.

O livro de tomo da paróquia de Santana do Rio Vermelho registra: "o bairro de São Lázaro ou Areia Preta (atual Ondina) é constituído de gente paupérrima". (Piatek, 1996). E desde o começo do século XX que as Irmãs Ursulinas do noviciado da Vila Santa Ângela, situado em um casarão na Estrada de São Lázaro, ministravam catecismo para estas pessoas no templo, de acordo com o mesmo documento. Em 1930 este caminho e o largo, ao seu final, onde se encontram a capela e o prédio do Lazareto, eram cobertos de vegetação abundante, com pouquíssimas moradas. De acordo com um antigo morador da comunidade de São Lázaro, AB, nesta época "ninguém queria morar aqui deste lado não, era moradia para pobre. Os barracos era de 'sopapo' e as casas de palha. Era tudo barro. A estrada era estreita, só entrava carroça, era cavalo daqui até a Federação".

Até a década de 1970 a comunidade viveu sem nenhuma infra-estrutura. Lá moravam, na década de 1960, por volta de 100 famílias em volta do largo da igreja e no entorno da colina, e as casas ainda eram de tábuas e de taipa. Não havia energia elétrica nas casas e, em documento de 1966, registra-se que

O pequeno bairro vive completamente abandonado (...) A impressão que se tem, defrontando o local, é de que estamos na praça mais pobre e decadente do

interior. (...) Em São Lázaro não existe coleta de lixo, (...) não existe esgoto, nem qualquer espécie de pavimentação, nem iluminação pública. A água é fornecida por um chafariz existente ao lado da igreja. (Jornal A TARDE, 1966)

Segundo antigos moradores, a estrada que dá acesso à comunidade a partir do bairro da Federação era cercada de “roças”, e a única edificação existente era o casarão da Vila Santa Ângela, noviciado das irmãs ursulinas. A sua urbanização só aconteceu na década de 1970, trazendo o asfaltamento de uma trilha ainda estreita e de poucas moradias. A ladeira para pedestres que desce morro abaixo até a praia de Ondina era uma picada de barro íngreme e de difícil trânsito. A estrada de São Lázaro começava na “roça do finado loiô, ou na “entrada do queima”, onde hoje se encontra a Escola Politécnica da Ufba, na Federação, e ia até o largo da capela. Onde hoje estão as instalações da TV Bahia era a Cocheira do Odorico, e a rua Camilo Torreno, que se localiza no lado oposto à estrada, já na encosta do morro, era também uma cocheira. Quando a família Novis veio morar na estrada, na década de 1960, esta se dividiu em duas. Do começo até a encosta que dá vista para um vale na Ondina, em uma encruzilhada, passou a se chamar rua Aristides Novis. E seguindo da encruzilhada sempre em frente pela encosta até o largo da capela permaneceu como Estrada de São Lázaro. Alguns suíços estabeleceram-se em casas perto da encruzilhada ainda na década de 1960. O convento das Irmãs Ursulinas, de onde inicia-se a comunidade de São Lázaro, já na parte final da estrada, passou para o INEP na mesma época e ainda nesta década a Ufba lá instalou a FFCH. O terreno plano ao lado direito do outeiro por onde passa a estrada de São Lázaro era usado para a pecuária e lá faziam-se exposições anuais de gado, tendo a última vaquejada ocorrido em 1971. Em seguida o terreno passou para a CHESF, que logo depois o negociou com a Ufba. Hoje o terreno abriga o Campus da Ondina da mesma universidade.

Antes da instalação da Conder em 1977 no antigo Lazareto, a sua área ao lado esquerdo da capela pertencia à comunidade. Ali era o fim de linha para veículos, onde realizavam-se as festas de São Lázaro e onde estavam instaladas barracas ou “tendinhas”. Com a desapropriação do terreno as barracas passaram para o lado direito do largo em frente ao templo. O acesso para o bairro de Ondina também começava

deste lado esquerdo do largo e rodeava a capela pelos fundos, onde atrás começava a descida da colina até a beira-mar. Depois de 1977 fechou-se este acesso e ele passou a ser feito pelo lado direito do largo. Um outro caminho de pedestres para a Ondina foi aberto na década de 1960, contornando a colina pelo seu lado direito onde antes havia uma espécie de chácara, e que só foi ser pavimentado na década de 1980. As festas da comunidade passaram a ser realizadas em frente à escadaria do templo, bem no centro do largo, local também destinado ao estacionamento dos carros.

#### B - São Lázaro, o Santuário

“Esta igreja pertence a Deus, a São Lázaro e ao povo baiano”.<sup>7</sup>

São Lázaro foi escolhido padroeiro do templo desde o seu início, ainda como uma ermida e servindo de capela de um hospital público. Os doentes pobres das ruas de Salvador assistidos por esse nosocômio eram em sua maioria escravos, descendentes de escravos e praticantes das tradições religiosas africanas. O culto ao santo cresceu na proporção em que novos espaços da mata atlântica eram ocupados e que o povoamento em direção à colina aumentava. Segundo depoimento de AB, que mora em São Lázaro há quase setenta anos, “toda a vida teve romarias ao santuário”, assim como as festas ou “lavagens” do santo. Um texto de 1930, que diz respeito às tradições baianas, refere-se ao

Crescido número de fiéis que em cumprimento de votos a procuram (a capela). A festa do orago, celebrada entre fevereiro e março, atrai grande concorrência, especialmente na segunda-feira, que se resume em animada pândega segundo acontece em todas as festividades celebradas em igrejas de arrabalde. (NESSER, H. & TEIXEIRA, C, 1944, nº 56, p. 481)

O dia de segunda-feira ser dedicado a São Lázaro é prática muito antiga e respeitada pelo candomblé, que dedica cada dia da semana para o culto de um orixá específico. Neste dia a afluência ao templo tem sido enorme, contando com devotos e eventuais romeiros, em sua maioria vestidos de branco, além dos fiéis católicos nas missas celebradas pela manhã e tarde.

Embora São Lázaro esteja perto da Ondina, grande parte das pessoas que se dirigem à comunidade ainda hoje utilizam a sua tradicional estrada, que se localiza na Federação. Este bairro nasceu da urbanização de muitas fazendas e sítios. Segundo o historiador Cid Teixeira,

A Federação era um bairro quase rural. Toda a área que compreende a atual Avenida Caetano Moura (onde começa a estrada de São Lázaro) e ruas adjacentes eram terras pertencentes às fazendas que ali existiam. (...) Havia a fazenda Gantois, do francês François Gantois, traficante de escravos, e que na década de 30 era conhecida como a roça do Gantois, de dona Escolástica, A Mãe Menininha, e que hoje é o Terreiro do Gantois. Com a construção do Cemitério do Campo Santo (na atual Avenida Caetano Moura), em 1836, abre-se ao trânsito regular o chamado Caminho do Bom Gosto, que ligava o Campo Grande (mais próximo do centro) ao cemitério. Seu prolongamento, o Caminho da Federação, só vai ser construído no final do século XIX (...) O prédio da Escola Politécnica / UFBA, (no início da estrada de São Lázaro) foi construído nas terras da roça de Odorico Dórea, um dos principais fornecedores de leite da cidade (...) O Engenho Velho da Federação (parte do mesmo bairro) deve o seu nome a um engenho de tração animal, construído em terras pertencentes ao Mosteiro de São Bento, que não prosperou. (MACHADO, 1988)

São Lázaro é portanto parte da Federação e identifica-se historicamente com o bairro não apenas por seu passado rural, mas também pela cultura popular que nele emergiu marcadamente influenciada pela cultura negra. A Federação abriga há mais de cento e cinquenta anos três tradicionais terreiros de candomblé, representantes de peso da influência africana na Bahia. São eles o Axé Iyá Massô Oká, ou simplesmente Casa Branca – o mais antigo terreiro da Bahia, o Terreiro de Bogum – o único da nação gêge em Salvador, e o Ilê Iya Omim Axé Iyamassé, ou Terreiro do Gantois. De acordo com a tradição oral, o povo se reuniu para erigir um terreiro na Barroquinha, num barraco onde os negros se reuniam furtivamente e faziam o culto aos orixás. O Governo Geral exigiu

---

<sup>7</sup> Frase encontrada na nave do teto da capela de São Lázaro durante a restauração do templo. Ver Niemiec, 1991, p.9

a sua saída por incomodar os brancos que construíam a cidade à sua volta, e na época a área da atual Avenida Vasco da Gama, nas encostas do Engenho Velho, foi dada como terreno próprio pelo Governador Geral, já que não tinha nenhum valor imobiliário e por se tratar de mata virgem de difícil acesso. Assim, presume-se que no começo do século XIX o terreiro da Casa Branca já estivesse na Federação. Esta mudança marcou a volta ao espírito de terreiro, próprio do candomblé e, com a instalação do terreiro na nova área, os africanos se organizaram para dar ao templo uma estrutura hierárquica. O terreiro do Gantois estabeleceu-se nos idos de 1849, tendo originado-se a partir da Casa Branca. O terreiro de Bogum, na ladeira do mesmo nome, no Engenho Velho, foi construído há quase quatrocentos anos em um antigo engenho e fazenda de escravos. Assim como nas encostas do Engenho Velho, há na Estrada de São Lázaro um antigo pé de “iroco”, ou gameleira sagrada para o candomblé, que se conservou mesmo estando localizada no centro da pista para carros. E assim como os adeptos dos cultos afro – brasileiros, os freqüentadores do santuário, por sua própria história e vocação, têm sido, através dos anos, em sua maioria, negros, mestiços e pobres que mantêm algum tipo de vínculo com estas manifestações religiosas, além da devoção católica.

A capela de São Lázaro abriga o culto a dois santos: São Roque e São Lázaro.

Existe uma certa controvérsia dentro da hierarquia da Igreja Católica quanto à existência histórica destes santos, principalmente São Lázaro, que seria ou o pobre da parábola de Jesus no evangelho de São Lucas (Lc.16, 19-39) ou o Lázaro, amigo de Jesus e por ele ‘ressuscitado da morte’. Este último é citado no evangelho de São João. São Roque foi um nobre jurista francês, que abandonou tudo para se dedicar aos doentes de peste, tendo posteriormente contraído a moléstia. É por esta razão que sua imagem se assemelha à de São Lázaro, com o corpo coberto de chagas e com a presença de cães ao redor. (PEREIRA, 1998, P. 39)

É necessário esclarecer, neste contexto, o que os dois santos representam para o candomblé. São Roque e São Lázaro são chamados de “médico dos pobres”. O Deus da varíola ou das doenças contagiosas / epidêmicas / eruptivas é Obaluaê / Omolu, sincretizados como São Roque e São Lázaro, respectivamente. O Deus ora aparece

velho e decrépito – Omolu, ora como um moço forte – Obaluaê. O primeiro é celebrado na capela e comunidade no último fim de semana de janeiro e o segundo no dia 16 de agosto, quando são também venerados em muitos terreiros de candomblé.

A capela de São Roque na Avenida Vasco da Gama há aproximadamente vinte anos ficou danificada, tendo sido a imagem do santo, o seu culto e a festa transferidos para a capela de São Lázaro, já que os dois santos representam a mesma entidade para a maioria de seus devotos. Até então em São Lázaro só aconteciam as festas em homenagem a São Lázaro. Quando a capela danificada foi restaurada a festa de São Roque continuou a ser realizada em São Lázaro, além de sua imagem em madeira estar no altar à esquerda desta capela desde 1992, em substituição a uma imagem de Santo Antônio, por vontade dos romeiros e com a permissão dos padres.

A rica história da antiga ermida explica o porquê de uma capela rústica abrigar um santuário de viva devoção, principalmente por parte de pessoas pobres, doentes, negras e mestiças. E talvez explique também a razão do templo nunca ter sido elevado à condição de paróquia e, apesar do seu valor histórico, não ter sido até a data atual tombado pelo IPHAN, embora haja a proposta de tombamento e de estudo de integração com o Lazareto desde a década de 1970.

## Capítulo III

### **Procedimentos de pesquisa: o trabalho de campo e a construção do objeto**

Soares (1986) lembra a importância fundamental da linguagem no contexto cultural, já que “a linguagem é, ao mesmo tempo, o principal produto da cultura e é o principal instrumento para a sua transmissão” (p.16). Ou seja, a língua é um fenômeno cultural produzido pelos homens em suas relações sociais. Este ponto de vista com relação à língua, inscrito no campo geral de investigação já traçado, permite que se comece a delinear o objeto da pesquisa. De acordo com Goldenberg,

A simples escolha de um objeto já significa um julgamento de valor na medida em que ele é privilegiado como mais significativo entre tantos outros sujeitos à pesquisa. O contexto da pesquisa, orientação teórica, o momento sócio-histórico, a personalidade do pesquisador, o ethos do pesquisado, influenciam o resultado da pesquisa. (GOLDENBERG, 1997, p. 45)

A autora cita Pierre Bourdieu (BOURDIEU, 1989, *apud* GOLDENBERG, 1997, p. 45) quando este afirma que se deve buscar a ‘objetivação’, o esforço controlado de conter a subjetividade. E lembra que embora esta meta não possa ser realizada plenamente, é importante para que não se faça do objeto construído um objeto inventado. Quanto mais o pesquisador tiver consciência de suas escolhas e preferências pessoais, além das considerações científicas, mais ele poderá evitar a parcialidade de julgamento e o preconceito. E esses valores envolvidos na escolha dos problemas estudados devem ser sempre explicitados. Em suma, “a totalidade de qualquer objeto de estudo é uma construção do pesquisador, definida em termos do que lhe parece mais útil para responder ao seu problema de pesquisa” (p.51)

O objeto desta pesquisa são as manifestações de escrita que circulam em um grupo urbano de baixa renda e que fazem parte da vida de seus moradores, em suas

relações cotidianas. As questões que delimitam este campo específico de observação referem-se basicamente a indagações sobre:

1. Os textos escritos que circulam na comunidade;
2. As características sócio-culturais dos sujeitos e os padrões de uso da escrita de São Lázaro.
3. As situações de interação verbal em que ocorrem as manifestações de escrita, e as relações entre práticas escritas e práticas orais;
4. Posição social e relações de poder no universo investigado.

O universo da pesquisa é a comunidade de São Lázaro, em Salvador. A escolha deste lugar justifica-se a princípio por sua localização em terreno central do litoral da cidade, e por abrigar uma pequena comunidade centenária que mantém as suas tradições culturais e faz parte da própria história de Salvador, inserindo-se ao mesmo tempo no contexto atual da cidade como um de seus chamados bairros populares. O fato de gostarmos de São Lázaro e de já conhecermos o local, parte da sua história, alguns moradores e algumas de suas manifestações culturais foram também elementos decisivos para a escolha do universo a ser pesquisado.

Foram feitas inicialmente nove (9) visitas a São Lázaro com o objetivo de obter dados iniciais para a confecção do projeto de pesquisa, no ano de 1997. A busca por estes primeiros dados orientou-se inicialmente por questões que já se colocavam para o estudo, e que dizem respeito aos tipos de textos a serem coletados - produções próprias, rescrituras ou material para leitura, condições de produção e de consumo destes escritos, e possibilidades de classificação do material obtido. As questões estenderam-se também à escolha dos sujeitos - dados pessoais, posição que ocupam na comunidade e tipo de relação que mantém com o local e com os demais moradores. Conhecer o contexto em que se desenvolvem as práticas de escrita e onde vivem os seus sujeitos, ou seja, descrever a comunidade de hoje e a história de São Lázaro foi tarefa também agendada desde o início do trabalho. Assim sendo, investigar possíveis relações entre os sujeitos, manifestações de escrita, funções sociais exercidas na comunidade e atitudes assumidas com relação ao contexto tornou-se o objetivo primordial do trabalho.

Antes de pesquisarmos a comunidade, já costumávamos passear em São Lázaro, e nestas ocasiões sempre ficamos no bar Omolu do Tempo, de RAI, em um anexo de sua casa. Lá conversamos com a sua família e com os demais moradores presentes. O local fica acima do largo e ao lado da igreja, é bem arejado no verão e perto da vista para o mar. Costumamos ir às festas dos santos, freqüentamos esporadicamente a capela há vários anos e batizamos um dos nossos filhos neste templo.

Quando assumimos o papel de pesquisador, o trabalho de campo definiu-se desde o início pela nossa posição 'intermediária' em relação à comunidade. Ou seja, já conhecíamos o local e alguns moradores, já tínhamos participado de algumas de suas festas e celebrações religiosas, e esta realidade influenciou a escolha do universo. Não precisamos de auxílio interno para as visitas iniciais do trabalho de campo. Estas limitaram-se ao largo de São Lázaro, onde conversamos nas barracas, e à capela. Decidimos utilizar um gravador para registrar as primeiras entrevistas. Nestas ocasiões despertamos a curiosidade das pessoas que estavam no largo e nas duas vias principais do lugar durante a nossa passagem, principalmente por tirarmos fotografias do local e carregarmos um pequeno gravador.

O público que permanece nas barracas de comida e bebida do largo é predominantemente masculino, e quando fizemos as primeiras gravações com os antigos moradores ZB e LI em uma mesa de bar, depois de algumas negociações neste sentido, os homens das mesas ao redor, que pareciam concentrados no jogo de cartas, pararam várias vezes para acompanhar a conversa e acabaram aproximando-se para escutar e tecer comentários esporádicos. Alguns cachorros, que para a comunidade são protegidos de São Lázaro, permaneceram em volta da mesa latindo sem serem importunados, o que comprometeu bastante a qualidade da gravação. ZB e LI são membros da liderança comunitária e conhecem fatos sobre a história passada e recente da comunidade. E a nosso primeiro objetivo foi obter dados sobre a história da comunidade a partir do relato de moradores. Eles falaram como antigos moradores e como líderes comunitários, e não mediram palavras para elogiar São Lázaro. ZB, a título de observação, nos conhece há muito tempo e nos chama de "comadre", o que facilitou a nossa permanência em sua barraca. Outro tema que foi abordado espontaneamente diz respeito às atividades da associação de moradores, que possuía

na época divergências com relação às atividades da liderança comunitária. Depois de várias tentativas frustradas, realizamos outra entrevista com ZB em sua barraca, quando perguntamos sobre dados atuais da comunidade, dados pessoais, opiniões sobre São Lázaro, atividades de lazer, religião e hábitos de leitura e de produção de textos. Recebi textos escritos por ele e conversamos informalmente algumas outras vezes no decorrer do trabalho de campo.

Através de ZB conhecemos RA, única mulher membro da liderança comunitária. Depois de acertarmos o momento adequado para a entrevista, a realizamos no muro do largo. Os temas abordados nas entrevistas com ZB foram os mesmos trazidos para a entrevista com RA. A atuação da liderança na comunidade e as críticas veladas à associação de moradores ocuparam boa parte do tempo da entrevista. Gostamos muito de RA desde o nosso primeiro contato, e por várias vezes conversamos informalmente em São Lázaro. Ela nos entregou um caderno seu com vários textos em manuscrito, para que nós reproduzíssemos o que quiséssemos.

Aprendemos que quando ZB e RA estão participando dos jogos de cartas, não conversam com ninguém. E que às segundas-feiras, quando as barracas atendem os muitos visitantes de fora que vêm assistir às missas na capela, ZB se reveza entre o trabalho na sua barraca e o carteadado, não sendo este um bom dia da semana para entrevistas com nenhum morador que trabalha com comércio no largo, ou com as senhoras que trabalham na capela.

Decidimos, na mesma época da entrevista com ZB e RA, ir à capela tentar entrevistar RI, ministra da eucaristia do templo, conhecida de todos e filha da moradora mais antiga de São Lázaro. Fizemos algumas tentativas neste sentido. A entrevista gravada por fim realizou-se em uma pequena sala da capela, e RI comportou-se formalmente e esteve pouco à vontade durante todo o tempo. Os mesmos temas abordados nas entrevistas com ZB foram trazidos para esta entrevista. O seu relato sobre a história do lugar limitou-se às lembranças de sua infância em São Lázaro e na praia da Areia Preta, atual Ondina. RI enfatizou as atividades que realiza na capela e a sua boa atuação como líder na associação de moradores. Embora tenha falado dos textos que lê e escreve, não nos disponibilizou nenhum deles, com exceção do discurso

que leu em voz alta por ocasião da posse da equipe da nova gestão da associação de moradores, ocorrida muito tempo depois da sua entrevista. Pedimos o texto publicamente antes que ela o guardasse, o que não lhe deu chance de uma recusa.

A escolha dos sujeitos baseou-se de início nos fatores sexo, idade e escolaridade. Com o avanço do trabalho de campo, a disponibilidade para dar entrevistas passou a ser também fator pertinente para a pesquisa. Elemento preponderante foi a rede de relações sociais e familiares mantidas pelos moradores, já que esta definiu as suas sugestões de novos sujeitos para a pesquisa. Os encontros com os três primeiros moradores ajudaram a decidir os temas das entrevistas e os procedimentos a serem adotados para a coleta dos demais dados durante o resto do trabalho de campo. Escolhemos fazer entrevistas abertas e gravadas em fitas cassete, com temas pré-determinados, sendo eles: dados pessoais (idade, tempo de moradia em São Lázaro, escolaridade, renda familiar, profissão, estrutura familiar); opiniões sobre a comunidade; religião; lazer; e hábitos de leitura e escrita.

Em um novo momento da pesquisa, RT, que já nos conhecia e que freqüenta o largo, levou-nos para entrevistar a sua filha RE em sua residência, no interior da comunidade. A nossa passagem pelas ruelas que circundam o pequeno morro despertaram a curiosidade dos que estavam no caminho. Pela primeira vez entrávamos em uma casa da comunidade. RE, muito tímida, limitou-se a responder rapidamente as perguntas. Mas ficou à vontade para mostrar os textos que escreveu. Tanto que ofereceu-se para passar alguns a limpo para nós. A sua mãe participou o tempo todo da entrevista, conversando muito e dando opiniões. Falou com insistência sobre a sua condição de mulher negra, pobre e semi-analfabeta, em atitude de humildade e de esperança em relação ao futuro da filha. Nós voltamos mais uma vez à casa de RE para apanhar os textos prometidos. Mãe e filha sugeriram que eu entrevistasse um parente seu que mora perto de sua casa, mas as tentativas neste sentido fracassaram.

Contamos IR por acaso perto da sua casa, já na descida para o bairro de Ondina, quando já íamos embora depois de mais uma visita à comunidade. Ele aceitou ser entrevistado e gravado, e nos convidou para irmos à sua casa. Respondeu as perguntas sobre os mesmos temas abordados nas entrevistas anteriores com muita

desenvoltura e segurança. Foi enfático no seu discurso sobre as atividades desenvolvidas por algumas pessoas na associação de moradores e na liderança comunitária. Ofereceu-nos cópia de textos redigidos por ele, mas nenhum de cunho pessoal que diz escrever bem. Esta foi a única conversa que tivemos durante a pesquisa de campo.

A partir do contato com ZB e RA, conhecemos TR, ministra da eucaristia da capela. As várias visitas que fizemos à sua casa foram marcadas por sua amabilidade. A sua entrevista transformou-se em uma longa conversa. Houve muitas críticas à atuação da associação de moradores. AE e AA, seus filhos, foram entrevistados e tornaram-se sujeitos da pesquisa. Recebemos textos de AA. AE, muito amável e simpático, tocou composições próprias em seu violão, estendeu a conversa para além da entrevista e demonstrou interesse em ler a parte da pesquisa que trata da história de São Lázaro.

O nosso contato com TR não restringiu-se ao momento da entrevista. Trocamos telefonemas algumas vezes para agendar outros encontros no bairro. Com TR participamos de uma novena em louvor a São Lázaro, assistimos em sua casa a uma aula de catecismo seguida de lanche que oferecemos às crianças, assistimos a uma peça de Natal na capela, participamos de uma comemoração de primeira eucaristia e estivemos na comunidade para colaborar com a cesta básica de Natal dos moradores carentes. Ela nos entregou alguns textos que leu ou escreveu. E sempre reclama quando demoramos a fazer contato com ela.

Não conseguimos entrevistar nenhuma senhora com mais de sessenta anos. Fomos então à casa de AB, um dos moradores mais antigos de São Lázaro e nosso conhecido de muitos anos. Ele perguntou muito por nosso filho, que quando pequeno brincava em São Lázaro e ganhava cocos de seu quintal. Ele e a irmã nos receberam em sua casa satisfeitos. Conheci o quintal e tirei uma fotografia dos dois junto ao retrato da mãe, pendurado na parede da sala. AB nos contou a história de São Lázaro que vivenciou, além de responder às outras perguntas feitas. Nenhum texto nos foi entregue.

A irmã de AB nos sugeriu entrevistar a sua sobrinha RG, moradora da casa ao lado. Depois de várias tentativas conseguimos entrevistar RG em sua casa em um dia de sábado, sua folga do trabalho. Foi muito simpática, mas mostrou-se cansada, pois passa a maior parte do tempo fora de casa trabalhando. Durante a entrevista fez acusações à atuação de determinadas pessoas da associação de moradores. Estivemos em sua casa duas vezes, já que entrevistamos também VA, sua filha, que tornou-se do mesmo modo sujeito da pesquisa. Recebemos de RG uns textos para leitura e uma carta escrita por uma tia.

VA apresentou-nos à RO, vizinha antiga de RG. Não a encontramos na primeira vez que fomos à sua casa, e seus filhos foram muito reticentes conosco. Quando retornamos em um segundo momento, encontramos RO preocupada, já que seus filhos nos confundiram com alguma funcionária da Prefeitura que tivesse ido lá cobrar a escritura da casa. Isto porque a comunidade de São Lázaro está incluída em uma área de proteção ambiental e houve uma ameaça oficial de liberação do gabarito local, o que assustou os moradores, preocupados com a especulação imobiliária. Desfeito o engano, RO nos recebeu em sua casa e foi muito amável durante a entrevista. Não nos entregou nenhum texto.

TR levou-nos à casa de TP, que nos recebeu muito amável e solícita. Seu marido era membro da associação de moradores na época, e não houve nenhum comentário na casa sobre a sua atuação nesta agremiação. Entrevistamos TP e seu simpático filho, VI, em três visitas feitas ao local. Só VI entregou-nos textos, além de ter elogiado a atuação de ZB na liderança comunitária.

Decidimos por conta própria falar pela primeira vez com AT no largo enquanto ele guardava os carros de alguns freqüentadores da capela, já que permanece o dia todo no local às segundas-feiras e é figura conhecida das pessoas que costumam ir à comunidade neste dia da semana. Ele foi muito gentil conosco, colocando-se à disposição para qualquer entrevista. Tivemos porém dificuldades para achar a sua casa, situada em um das vielas do interior da comunidade. E tivemos que ir lá pelo menos duas vezes para conseguir conversar com AT, embora ele passe a maior parte do seu tempo na comunidade, já que é deficiente físico. Da primeira vez que chegamos

à sua casa, ele disse que estava fazendo obras na laje e que não poderia conversar, sempre mantendo uma postura subserviente. Durante a entrevista, longa, ele procurou ser amável e preocupou-se em só falar bem de todos e da comunidade, em especial do padre, que o deixa feliz porque o cumprimenta. Reclamou só dos vizinhos que não colaboram pra consertar a pequena calçada da viela, falando em seguida que esta já estava melhor. Por ocasião de um Natal, AT disse ter respondido um cartão nosso de boas festas e que o mesmo foi entregue por ele na barraca de ZB. Este, por sua vez, disse não ter tido conhecimento da entrega do referido cartão em seu estabelecimento, e AT, ao comentar o fato, concluiu que o seu cartão de resposta foi perdido.

RA nos apresentou a sua sobrinha WA, que mora em sua casa. Lá mesmo nós a entrevistamos. As suas opiniões sobre a comunidade são parecidas com as de RA. Ela nos emprestou um caderno com vários textos que leu ou escreveu. Embora tímida, foi muito simpática e decidida em suas respostas.

Durante o processo de coleta de dados para a pesquisa, as atividades desenvolvidas pela associação de moradores e a liderança comunitária constituíram o tema central das entrevistas realizadas. Ou seja, a partir dos diversos depoimentos espontaneamente prestados sobre estas práticas sociais, os sujeitos falaram sobre as suas reivindicações para o local, posicionando-se com relação à comunidade, e com relação ao papel desempenhado pelos moradores no contexto de suas relações sociais.

A relação construída entre nós e os sujeitos durante o nosso longo contato caracterizou-se por um cruzamento de papéis, em que a antiga freqüentadora do local confundiu-se todo o tempo com a pesquisadora da 'universidade'. E o trabalho de campo, nas sua totalidade, foi um percurso que exigiu paciência, tempo e algumas negociações para a realização de encontros e o acesso aos dados.

Berremán (1990), ao escrever sobre a observação participante como método de trabalho de campo, afirma que pesquisador e pesquisados são simultaneamente atores e público.

Cada um tentará dar ao outro a impressão que melhor serve aos seus interesses, tal como os vê. (...) As impressões que o etnólogo e os sujeitos procuram projetar mutuamente são as que julgam ser favoráveis à consecução de seus objetivos

respectivos: o etnógrafo procura obter informações sobre a 'região interior'; os sujeitos procuram proteger os seus segredos, já que representam uma ameaça à imagem pública que desejam manter. Nenhum deles poderá ter um sucesso absoluto. (BERREMAN, 1990, p.141 e 142).

A interação entre pesquisador e sujeitos se baseia portanto no controle dessas impressões. Nesta perspectiva, a observação direta dos sujeitos e de suas falas durante as visitas a São Lázaro funcionou também como instrumento de pesquisa, já que tentamos registrar alguns depoimentos ou opiniões informais, posturas, hesitações e mesmo o silêncio como fatores que pudessem auxiliar a interpretação dos dados. Os que deram entrevistas para a pesquisa tornaram-se seus sujeitos, mesmo os que não entregaram textos escritos, os que demoraram a nos atender e aqueles que foram incoerentes nas informações prestadas - de acordo com o nosso ponto de vista.

Além dos eventos já mencionados durante este capítulo, estivemos presentes, a convite, na cerimônia de posse dos novos membros da associação de moradores, seguida de pequena comemoração na casa de RA. Participamos de algumas outras festas e celebrações religiosas, trocamos cartões de Natal com alguns moradores e tentamos conseguir ajuda médica para uma criança.

A nossa participação na vida comunitária foi portanto eventual, para fins de observação, e não teve nenhuma finalidade de intervenção. Esta postura precisou ser reafirmada em alguns momentos mais avançados do trabalho de campo, principalmente quando conversamos sobre questões polêmicas para a comunidade, envolvendo principalmente associação de moradores.

Além de dados informais sobre a comunidade que AB e ZB nos forneceram, procuramos algumas fontes históricas sobre São Lázaro em algumas instituições públicas baianas. Citamos: CEAO - Centro de Estudo Afro - Orientais; Arquivo da Santa Casa de Misericórdia; Arquivo Público do Estado da Bahia; Arquivo Público Municipal; Centro de Estudos Baianos; e CONDER - Companhia de Desenvolvimento da Região Metropolitana de Salvador. Os dados atuais sobre a comunidade foram fornecidos pelos moradores, pelos trabalhos de Pereira (1998) e Tavares, Simões e Sawitzki (1999), pelo IPAC, e pelo IBGE, através da CONDER. O Censo Demográfico da Bahia de 1991, feito

pelo IBGE, não disponibiliza dados quantitativos exatos sobre a comunidade. Isto porque o setor censitário de que São Lázaro faz parte engloba outros grupos sociais que, embora mantenham proximidade física, apresentam características sócio - econômicas diversas, o que impossibilita a particularização precisa dos dados e nos obriga a trabalhar com dados prováveis. A liderança comunitária de São Lázaro estava fazendo um levantamento demográfico do local quando iniciamos o trabalho de campo, ainda inconcluso quando fechamos esta parte da pesquisa.

O trabalho de campo, como um todo, incluindo as nove (9) visitas feitas à comunidade para recolher os dados iniciais, contabilizou dez (10) visitas em 1997, vinte e sete (27) em 1998, vinte (20) em 1999 e cinco (5) em 2000, totalizando setenta e uma (71) visitas. Estão incluídas as participações em eventos e festas, e as visitas ordinárias em que não conseguimos obter nenhuma informação interessante para a pesquisa

## Capítulo IV

### Os dados coletados: descrição e interpretação

De acordo com Miranda,

Estudar o cotidiano é buscar os múltiplos e ‘pequenos’ elementos que, de forma infinitamente dinâmica, constituem o tecido das relações sociais. Mas tarefa difícil é a de apreender o *infinitamente pequeno* (citando La Plantine - 1988), a de medir e avaliar o qualitativo que se manifesta no choro, nas fofocas, nos odores, nos rumores, nos discursos fragmentados que organizam a prática do cotidiano. (MIRANDA, 1991, p.25)

Berger e Luckmann (1966) fazem uma análise sociológica do conhecimento que orienta a conduta na vida cotidiana, e com esta intenção observam que a realidade do dia-a-dia é por natureza objetivada, já que os seus objetos se constituem antes da interação dos sujeitos neste cenário. Em linhas gerais estes autores afirmam que a vida cotidiana é experimentada em diferentes graus de proximidade temporal e espacial. A zona de proximidade maior com os sujeitos refere-se ao contexto que está ao seu alcance e que possibilita o desenrolar de ações que possam modificar a própria realidade. E esta realidade cotidiana apresenta-se como um mundo intersubjetivo, compartilhado com os outros, ou seja, os sujeitos participam desta rotina porque interagem e se comunicam continuamente. Há neste sentido o conhecimento do senso comum (“commonsense knowledge”) que, segundo Berger e Luckmann, corresponde ao conhecimento que as pessoas dividem entre si na prática do dia-a-dia. Mas há também a consciência de que as perspectivas e os projetos com relação a este mundo comum não são necessariamente idênticos, e podem mesmo se conflitar. A língua, segundo os autores, é o sistema de signos mais importante da sociedade humana. As objetivações comuns da vida cotidiana são mantidas basicamente pela significação lingüística. A propriedade da língua de transmitir significados é compartilhada por outros sistemas de signos, mas a sua imensa variedade e complexidade conferem-lhe uma

capacidade muito maior de se desprender do contexto imediato de comunicação. A língua é portanto capaz de acumular de forma objetiva uma grande quantidade de significados e experiências, que podem ser preservadas no tempo e transmitidas às gerações seguintes. Ou seja, ela é capaz de tornar presente uma variedade de objetos ausentes espacial, temporal e socialmente, mesmo quando o sujeito não está interagindo verbalmente com outras pessoas. Esta independência do “aqui e agora” da vida cotidiana atinge o seu grau maior quando a língua constrói representações simbólicas que se sobrepõem à realidade prática. Como sistemas simbólicos mais importantes historicamente, os autores citam a religião, a filosofia, a ciência e a arte. Mas os sistemas de representação lingüística podem ser de grande importância para a vida cotidiana, já que a língua é capaz de construir símbolos desvinculados do mundo concreto e familiar e ao mesmo tempo torná-los constituintes essenciais desta realidade. Ou seja, a língua constrói campos semânticos que são circunscritos lingüisticamente, e que representam um conjunto de significados que estão disponíveis para a organização da vida social, possibilitando a objetivação, a retenção e a acumulação da experiência biográfica e histórica.

De acordo com Berger e Luckmann (1966), há um estoque social de conhecimento que é transmitido de uma geração para outra e que está disponível para o indivíduo em sua vida cotidiana. As pessoas são conscientes de que compartilham pelo menos parte deste conhecimento, o que afeta a interação entre elas neste contexto. Ou seja, este manancial de informações acumuladas é socialmente distribuído, sendo possuído diferentemente por diferentes indivíduos ou tipos de indivíduos. E a distribuição do conhecimento de certos elementos desta realidade pode-se tornar bastante complexa, e mesmo de difícil entendimento para os que dela não fazem parte. "In everyday life I know, at least roughly, what I can hide from whom, whom I can turn to for information on what I do not know, and generally which types of individuals may be expected to have which types of knowledge". (BERGER E LUCKMANN, p. 46)

A observação de uma comunidade particular como a de São Lázaro, neste sentido, revela que o grau de participação dos sujeitos em ações que possam influenciar ou modificar a vida cotidiana de que fazem parte depende do contexto em

que estes sujeitos vivem e interagem. E as práticas discursivas, enquanto práticas culturais, revelam as formas complexas de relação existentes entre língua e contexto, baseadas nos padrões de comportamento mantidos pelos diferentes sujeitos que convivem em um mesmo espaço físico e nas diversas interpretações que estes fazem da realidade em que vivem. E que incluem o conhecimento de mundo que possuem, o conhecimento sobre si, sobre os outros, e sobre o papel que desempenham em seu grupo social. Buscar desvendar quem são, o que fazem e o que pensam os sujeitos que compartilham a vida cotidiana de uma comunidade particular significa, portanto, para este estudo, além da observação direta, procurar saber o que eles falam sobre a comunidade, as pessoas com quem convivem no local, os seus projetos de vida, as suas crenças, e as ações que se desenvolvem no universo em que vivem, principalmente as relativas às suas experiências enquanto leitores e redatores.

#### I• Os sujeitos da pesquisa: dados individuais e das práticas do cotidiano

O critério geral para a escolha dos sujeitos da pesquisa foi o de que estes tivessem sido entrevistados individualmente durante o trabalho de campo. Ter mais de quinze anos de idade, mais de dez anos de moradia na comunidade e haver o equilíbrio entre as categorias sexo e idade foram os demais critérios estabelecidos *a priori* para a escolha destes sujeitos. Os critérios que se impuseram durante a pesquisa de campo foram a disponibilidade e a vontade dos moradores de atuarem como sujeitos do estudo, a indicação de novos sujeitos feita por quem já tinha sido entrevistado, e o sentimento de pertencer à comunidade. O fator renda familiar não pôde ser computado para cada um dos sujeitos porque a maioria deles não soube precisar o seu valor aproximado, já que alguns trabalham no setor informal e não têm renda estável, ou mais de uma pessoa trabalha na casa, ou algum membro da família está desempregado. Os dados gerais sobre renda familiar em São Lázaro são os que estão citados no capítulo III.

Os sujeitos entrevistados constituem, para a pesquisa, um *corpus* representativo dos moradores de São Lázaro. Portanto, os dados sobre este grupo e suas práticas do cotidiano retratam a comunidade como um todo.

#### A. Dados gerais sobre os sujeitos

Apresenta-se a seguir o conjunto de sujeitos da pesquisa divididos por sexo em dois quadros esquemáticos com dados sobre faixa etária, nível de escolaridade e profissão dos entrevistados.

##### A1. Quadro Geral Feminino:

| <b>SUJEITO</b> | <b>IDADE</b> | <b>ESCOLARIDADE</b>   | <b>PROFISSÃO</b>        |
|----------------|--------------|-----------------------|-------------------------|
| RI             | 58           | Antigo primário       | "Economista do lar"     |
| TR             | 54           | Superior em curso*    | Costureira              |
| TP             | 54           | 1ª série primária     | Empregada doméstica     |
| RO             | 42           | Antigo primário       | Empregada doméstica     |
| RG             | 42           | Antigo primário       | Garçonete/diarista      |
| RA             | 41           | Ensino Médio**        | Costureira / bordadeira |
| AA             | 24           | Superior              | Bibliotecária           |
| RE             | 18           | 8ª série              | Estudante               |
| WA             | 16           | 1ª série/Ensino Médio | Estudante               |
| VA             | 16           | 4ª série primária     | Estudante               |

\* Ensino médio feito em curso supletivo

\*\* Feito em curso supletivo

##### A2. Quadro Geral Masculino:

| <b>SUJEITO</b> | <b>IDADE</b> | <b>ESCOLARIDADE</b>  | <b>PROFISSÃO</b>      |
|----------------|--------------|----------------------|-----------------------|
| AB             | 84           | Semi-analfabeto      | Jardineiro aposentado |
| ZB             | 65           | Antigo primário      | Comerciante           |
| AT             | 37           | Primário incompleto* | Guardador/carros      |

|    |    |                         |                     |
|----|----|-------------------------|---------------------|
| IR | 29 | Ensino Médio**          | Salva-vidas         |
| AE | 25 | Ensino Médio***         | Professor de música |
| VI | 18 | Ensino Médio em curso** | Estudante           |

\* Dedução da pesquisa de campo

\*\* 5ª à 8ª séries do Ensino Fundamental e Ensino Médio feitos em curso supletivo

\*\*\*Feito em curso supletivo

Todas as informações presentes nos quadros A1 e A2 foram fornecidas pelos sujeitos durante as entrevistas. Observa-se, com relação aos dois quadros acima, que:

1. As mulheres entrevistadas, em maior número do que os homens, apresentam uma diversidade de idade menor do que estes, considerando-se os sujeitos com mais de trinta e sete anos. Tanto que entre os sujeitos idosos encontram-se apenas dois homens, ZB e AB. Não houve possibilidade de senhoras idosas participarem da pesquisa, porque elas limitam as suas atividades ao seu universo privado ou familiar, não desenvolvendo ações ou assumindo publicamente atitudes relativas à vida cotidiana da comunidade.
2. Houve pouca disponibilidade de participação de homens na faixa dos trinta aos sessenta anos como sujeitos da pesquisa devido à sua ausência da comunidade em dias úteis por motivo de trabalho, sendo os seus fins-de-semana preferencialmente reservados para o lazer e o descanso. Já as mulheres na faixa dos trinta anos estiveram pouco disponíveis para a pesquisa pelo mesmo motivo que o grupo de homens citado, sendo os seus fins-de-semana dedicados preferencialmente às atividades domésticas e à família. As exceções dos dois quadros de informantes com relação à pouca disponibilidade para a pesquisa são RG que, embora já tenha quarenta e dois anos, passa todos os dias de semana fora da comunidade a trabalho, tendo as suas entrevistas sido realizadas em dois dias de sábado, e AT, de trinta e sete anos, que trabalha no largo de São Lázaro apenas às segundas-feiras. Esclarecemos que a pouca disponibilidade do grupo dos homens citado para as entrevistas necessárias à pesquisa de campo, devido à sua ausência prolongada do local por motivos de trabalho, não significa a sua não

participação em ações desenvolvidas neste contexto. Alguns deles freqüentam o largo em seu tempo livre e interessam-se pelas atividades coletivas desenvolvidas na comunidade, participando e / ou opinando sobre as mesmas sempre que têm oportunidade. Já o grupo de mulheres que se ausenta diariamente da comunidade a trabalho raramente participa de ações coletivas desenvolvidas no local, com exceção das atividades de cunho religioso como, por exemplo, os bazares de Natal e as novenas, que contam com a participação de algumas destas mulheres.

3. Os jovens, que são os sujeitos com menos de trinta anos presentes nos quadros acima, estudam ou ausentam-se da comunidade diariamente para trabalhar meio turno ou em dias e horários flexíveis, o que facilitou o seu engajamento na pesquisa, embora seja rara a sua participação em ações comunitárias em São Lázaro.
4. A diversidade de grau de escolaridade entre as mulheres entrevistadas aparece no Quadro A1, em uma escala que vai da primeira série primária ao curso superior. Esta variação ampla de experiência escolar não está relacionada a nenhuma faixa etária específica, já que pode ser detectada entre as mulheres na faixa dos quarenta ou cinquenta anos, ou entre as mais jovens. É pertinente acrescentar que TR, das pessoas entrevistadas com mais de dezoito anos, é a única que estuda, e que RA cursou o ensino médio quando já estava na faixa dos trinta anos, ambas tendo retornado aos estudos depois de um longo tempo afastadas da escola. Entre os homens a diversidade de grau de escolaridade é menor por não haver nenhum sujeito com experiência universitária. Há relação entre a faixa de idade dos homens e o seu grau de escolaridade, já que quanto mais jovem for o sujeito, maior a sua experiência escolar. Os jovens, ou os que têm menos de trinta anos, deixaram há pouco a escola ou ainda a freqüentam, já que AA, AE e IR interromperam os estudos recentemente e os outros ainda são estudantes.
5. RG, do grupo das mulheres não jovens, trabalha como garçoneiro em um bar durante a semana e excepcionalmente como cozinheira aos sábados. TP, do mesmo grupo, toma conta de crianças de vizinhos em sua própria casa e,

assim como RO, esporadicamente trabalha como diarista em casa de família. RA costuma dar aulas de trabalhos manuais em São Lázaro e às vezes em outros locais, enquanto TR aceita encomendas de costura e bordado. A função de RI como dona – de - casa tem, sob o seu ponto de vista, o *status* de profissão, já que ela se intitula "economista do lar".

6. AT, do grupo de homens não jovens, exerce a função de guardador de carros no largo de São Lázaro às segundas – feiras. AB está aposentado como jardineiro e ZB é comerciante local, já que possui um ponto de venda de bebidas no largo de São Lázaro.
7. Entre os homens jovens entrevistados, IR, salva – vidas por profissão, está no momento afastado deste serviço e sonha ingressar nos quadros da Polícia Civil do Estado da Bahia, já que foi aprovado em concurso público realizado para este fim. AE, professor e compositor de música, faz arranjos musicais, apresenta-se como instrumentista e sonha tocar em um conjunto. Ele dá as suas aulas e estuda violão na casa de TR, sua mãe, em São Lázaro, enquanto VI está desempregado.
8. AA, do grupo de mulheres jovens, trabalha temporariamente e em meio - turno como bibliotecária, enquanto RE, WA e VA não exercem nenhuma atividade remunerada.
9. Os sujeitos que realizam trabalho voluntário na comunidade são os não jovens RI, TR, RA e ZB. Eles, com exceção de RI, utilizam a sua profissão para desenvolver atividades em benefício da comunidade, já que ZB usa o seu bar como sede da liderança comunitária, RA eventualmente dá aulas de trabalhos manuais para os moradores e TR faz serviços de costura para a capela de São Lázaro.
10. Os jovens, ou sujeitos da pesquisa com menos de trinta anos, usam cotidianamente a escrita em suas atividades profissionais ou estudantis, incluindo IR que, como salva-vidas, precisa preencher fichas, ler manuais, etc. Já entre os sujeitos com mais de trinta anos, TR utiliza a escrita em sua vida escolar e ZB, como comerciante de bebidas no largo de São Lázaro, utiliza a

escrita em sua profissão para fazer pedidos de mercadoria, confeccionar a lista dos clientes devedores, etc.

11. Todos os sujeitos que exercem ações que atendam aos interesses da comunidade utilizam para tanto a escrita: RI e TR são ministras da eucaristia na capela de São Lázaro, atividade relacionada aos estudos teológicos atualmente realizados por TR, que também leciona catecismo e organiza festas católicas, e à prática religiosa de ambas, o que requer a leitura de textos bíblicos. RI também faz uso da escrita ao exercer a função de diretora da associação de moradores, assim como ZB e RA em suas atividades da liderança comunitária, já que redigem ofícios, confeccionam cartazes, etc.
12. Os sujeitos que não estudaram além das quatro primeiras séries primárias não foram claros ou sentiram-se pouco à vontade ao declarar o seu grau de escolaridade durante as entrevistas. TP não confirmou o término da primeira série, RO apenas insinuou que completou as primeiras séries do antigo curso primário, e AB afirmou constrangido não saber ler e só conseguir assinar o seu nome já no fim da entrevista. AT a princípio declarou ter cursado a sexta série do Ensino Fundamental, mas logo após admitiu, sem muita convicção, que estudou até a terceira série. Já RG foi lacônica ao afirmar que só completou as quatro primeiras séries escolares. RI e ZB, por sua vez, foram enfáticos ao justificar a sua pouca experiência escolar: eles fizeram o antigo curso primário, que afirmam ser mais adiantado do que o atual. RI acrescentou ainda que fez a antiga quinta série primária, que hoje, segundo ela, corresponde ao início do ginásio.

## B. Moradia e família

Todos os sujeitos da pesquisa gostam de morar em São Lázaro com exceção de RI, que afirma que precisa residir em local plano, como a Ondina, por causa de dificuldades de locomoção na ladeira em que mora. Eles residem no local há mais de 15 (quinze) anos e formam um *corpus* representativo dos seus moradores. Dos 16 (dezesesseis) sujeitos da pesquisa, 9 (nove) moram em São Lázaro desde que nasceram.

Dentre estes estão 4 (quatro) dos 9 (nove) moradores com mais de 30 (trinta) anos, e 5 (cinco) dos 7 (sete) mais jovens.

Dos 5 (cinco) sujeitos não jovens que vieram residir no local a partir dos cinco anos de idade encontram-se os idosos ZB e AB que, embora tenham vindo para a comunidade com 19 (dezenove) e 16 (dezesesseis anos), respectivamente, lá estão há 46 (quarenta e seis) anos – ZB, e 68 (sessenta e oito) anos – AB. Inclui-se neste grupo RA, que mora em São Lázaro desde os 5 (cinco) anos de idade. Também fazem parte do grupo TR e TP, únicos sujeitos que possuem mais tempo de moradia em outro lugar do que na comunidade, já que nela residem há 16 (dezesesseis) e 19 (dezenove) anos, respectivamente, tendo portanto chegado ao local com 38 (trinta e oito) anos – TR e 35 (trinta e cinco) anos – TP.

AA e AE vieram para a comunidade com 8 (oito) anos – AA, e 9 (nove) anos - AE, e são os únicos jovens entrevistados que já moraram em outro local.

AT e RE moram no interior da comunidade, lugar de difícil acesso, já que se situa em uma encosta de passagens irregulares e estreitas, onde se encontram as residências mais modestas. A vista para o mar é belíssima deste local. AT criou dificuldades para que a pesquisa fosse realizada em sua casa, o que só foi possível devido à insistência do pesquisador. Já as entrevistas realizadas na casa de RE caracterizaram-se pelo seu discurso lacônico, acompanhado da fala insistente de sua mãe sobre o fato das duas serem negras e pobres e sobre a necessidade de RE estudar para mudar esta realidade. Os demais dados sobre moradia e família de AT e RE são os seguintes:

1. AT é solteiro e mora com a mãe e mais três parentes. A sua casa é muito estreita, praticamente sem móveis, e localiza-se em um pequeno caminho que dá acesso a algumas casas. A sua família está construindo um quarto em andar superior.
2. RE é solteira e mora com os pais e um irmão menor em uma casa muito pequena e escura, feita de "sopapo" (barro), e com pouco espaço para se andar por causa dos móveis. Na pequena sala, onde foram gravadas as entrevistas, encontram-se mesa, cadeiras, televisão e estante. Nos outros cômodos, ainda menores, o espaço livre é mínimo.

TR, AA, AE, TP, VI e IR moram na “avenida” ou ladeira mais nova da comunidade. Ela começa no largo da São Lázaro, contorna o local e desce até o bairro de Ondina, na orla marítima. Os quatro primeiros sujeitos residem no começo da ladeira, próximo ao largo da capela, enquanto IR reside no final deste caminho, já próximo à praia. Os demais dados sobre moradia e família destes sujeitos são os seguintes:

3. TR, viúva de um professor do antigo curso ginásial, possui sete filhos, sendo que cinco ainda moram com ela. Entre eles encontram-se AA e AE. Este divide-se entre a casa da namorada, em um outro bairro popular, e a casa da mãe. Como TR gosta de contar, duas de suas filhas têm nível superior e uma outra é universitária. TR possui uma boa moradia para os padrões do bairro. Inicialmente comprou o terreno e fez a construção em uma época em que a maioria das casas ainda era de "sopapo", tendo sido a sua a primeira de laje na avenida em que mora. Hoje a casa, embora não seja muito grande, situa-se de frente para a rua, tem três quartos, sala, cozinha, dois banheiros, quintal e uma pequena área murada em sua frente. Possui acabamento em cerâmica e janelas amplas com cortinas. A sala tem dois pequenos sofás, mesa com cadeiras, um móvel de madeira, alguns enfeites, telefone e televisão.
4. TP, mãe de VI, é casada, tem sete filhos, sendo que três não são filhos biológicos. Ela, o marido e os filhos moram no segundo piso de uma casa de frente, vizinha à casa de TR. O espaço divide-se em sala, cozinha, três quartos e banheiro em alvenaria, sem divisórias e nenhum acabamento. Tem-se a impressão de se estar em meio a uma obra. O templo da Assembléia de Deus funciona no primeiro piso de sua residência.
5. IR é solteiro e mora com o pai, mãe e irmãos em uma casa grande de dois pavimentos com varanda, de frente para a rua. A casa está em reformas, e possui ampla área externa.

AB, RG, VA, RO e RI moram na “avenida” ou ladeira mais antiga que liga o largo de São Lázaro ao bairro de Ondina. Com exceção de RI, todos os demais moram mais próximos do largo do que da praia, enquanto RI mora na penúltima casa antes da

entrada para a orla marítima. Os demais dados coletados sobre moradia e os dados sobre família destes cinco sujeitos são os seguintes:

6. AB é viúvo, pai de dois filhos e mora com uma irmã na casa que foi da sua mãe, uma das moradias mais antigas do local. A casa fica de frente para a avenida e possui um portão separado da casa por uma área livre, um pequeno quintal repleto de plantas, dois quartos, cozinha, sala e banheiro mal conservados, além de poucos móveis velhos.
7. RG é desquitada, mora com as suas duas filhas, uma delas VA, um filho, uma nora e um neto em uma casa em frente à de AB, seu tio, construída em terreno da família. A casa é estreita e tem dois andares. No primeiro andar há uma sala pequena com alguns móveis e uma cozinha minúscula. No segundo andar estão dois quartos e o banheiro. A casa é de frente para a avenida e está com a pintura conservada
8. RO é viúva. Ela mora com a sua mãe e seus quatro filhos em uma casa situada em terreno alto e com laje externa, de onde se avista o mar. A casa é velha e está em obras. As paredes estão sem reboco, os cômodos sem divisórias e o chão sem piso. Com a reforma a casa passou a ter dois quartos, cozinha e banheiro. Quase não há móveis.
9. RI é casada e mora com o marido, a mãe e um filho, sendo que três filhos casados moram em casas próximas à sua. A sua filha, ela ressalta, mora na Itália. A casa de RI é ampla: possui dois andares, varanda e vista panorâmica para o mar. É a melhor residência do local.

ZB, RA e WA moram no largo de São Lázaro. Os demais dados sobre moradia e sobre família destes sujeitos são os seguintes:

10. ZB, viúvo, morou na antiga invasão de moradores que havia no prédio do antigo Lazareto até o mesmo ser desapropriado pela Conder em 1977. Ele permaneceu residindo na comunidade até 1988, quando se mudou para a casa de uma filha no bairro popular do Nordeste de Amaralina. Mas ZB passa a maior parte do tempo em sua barraca no largo, onde muitas vezes dorme à noite, razão pela qual é considerado morador da comunidade.

11. RA, casada, mora na casa que foi de seu pai em companhia do marido, dois de seus três filhos, uma irmã, a mãe e a sobrinha WA. A construção é muito simples, ampla, e fica em um terreno íngreme, grande, cheio de árvores frutíferas, no final da Estrada de São Lázaro e começo do largo da comunidade. Este terreno atualmente está na área da Ufba e por isso ainda encontra-se preservado. A casa possui uma espécie de varanda improvisada em sua frente, por onde circulam cachorros, galinhas e gatos. Nesta varanda a família recebe as pessoas de fora.

As residências dos sujeitos serviram de local para a maioria das entrevistas, incluindo-se o bar de ZB, com exceção da casa de RI, que não foi disponibilizada para a pesquisa de campo. Esta só aceitou dar entrevista na capela.

### C. As práticas do cotidiano

As atividades cotidianas dos sujeitos estão descritas, neste trabalho, de acordo com os temas abordados nas entrevistas. As práticas citadas estão subdivididas em ações particulares e em ações coletivas. As ações particulares servem de instrumento para a expressão do sujeito e refletem a sua posição singular com relação a si próprio e ao contexto social. E as ações coletivas, para a pesquisa, são as que um grupo de pessoas, com interesses comuns, compartilha em sua vida cotidiana. Estas ações coletivas integram-se à natureza das interrelações de seus sujeitos e submetem-se às suas interpretações.

#### *1. Religiosidade: crença e culto*

##### *1.1. Em relação às ações particulares dos sujeitos*

Os três homens não jovens entrevistados declaram-se católicos, e reclamam que nos dias atuais poucas pessoas da comunidade assistem à missa e que muitos moradores são “crentes”. Acrescenta-se que:

- a) ZB expressa a sua devoção a São Lázaro quando fala de religião.
- b) AB revela que assistia à missa regularmente quando era mais novo, e que aprendeu rezas, salmos e o catecismo com as irmãs ursulinas quando estas

ainda estavam no convento da Estrada de São Lázaro, o qual freqüentou durante quatro anos em sua juventude.

- c) AT vai à missa aos domingos porque "gosto do movimento, minha mãe diz que a igreja católica foi a primeira igreja que foi fundada", e lembra que os padres da capela de São Lázaro reparam que poucas pessoas vão aos cultos aos domingos.

Os homens jovens entrevistados não negam a fé em Deus, mas não fazem opção por nenhuma religião:

- a) VI diz não ter preferência por culto católico ou protestante e não freqüenta nenhum templo. Lembra, porém, que ele e os amigos do bairro foram batizados e fizeram a primeira eucaristia na capela de São Lázaro.
- b) AE e IR, apesar de não terem religião fixa, interessam-se por temas religiosos, embora IR não participe de cultos religiosos.
- c) AE freqüenta muito pouco a igreja de São Lázaro e de vez em quando vai a igrejas de outros bairros, e afirma não ter devoção especial pelo santo padroeiro de sua comunidade. Ele afirma que não gosta de misturar santos com orixás: "não me dou com esta ligação".

A mulheres não jovens entrevistadas, com exceção de TP, declaram-se católicas:

- a) TR e RI são devotas praticantes e assistem à missa na capela de São Lázaro. Elas ressaltam que a sua devoção maior é por Deus, apesar da fé em São Lázaro.
- b) RI também freqüenta a paróquia de Ondina e enfatiza que os cultos afro-brasileiros relacionados à devoção aos santos católicos, especificamente a São Lázaro, são meras manifestações folclóricas.
- c) RO vai à missa "no dia que dá" e RG diz não ter tempo de ir à missa, pois sai para trabalhar.
- d) RA, por sua vez, expressa a sua devoção a São Lázaro, mas não assiste a cultos religiosos.
- e) TP era católica, mas contou que esteve desenganada pelos médicos e que, operada há dez anos, está curada por obra de Deus. "Os santo eu fazia promessa, fazia caruru, fazia isso, fazia aquilo ( ... ) não pôde

responder pra mim. E meu Deus ouviu as minha oração, minhas lágrimas."

TP é hoje evangélica e zeladora do templo da Assembléia de Deus.

As mulheres jovens entrevistadas declaram-se católicas, com exceção de RE:

- a) AA é devota praticante e tem freqüentado, além da capela de São Lázaro, a paróquia de Ondina.
- b) WA assiste esporadicamente a missas na comunidade e critica a ação do templo da Assembléia de Deus que existe no local: "eles já falaram em fazer outra igreja, eles querem 'apropriar' mais".
- c) VA faz questão de dizer que é devota de São Lázaro, que foi batizada na capela e que lá fez a primeira eucaristia por iniciativa própria, embora não freqüente nenhum templo católico.
- d) RE, por sua vez, não vai à capela, assim como a maioria das pessoas que mora perto de sua casa, já que há um grande número de "crentes" entre eles.

### *1.2. Em relação às ações coletivas dos sujeitos*

As mulheres não jovens entrevistadas participam de atividades sociais de cunho religioso desenvolvidas na comunidade, com exceção de RO, como descreve-se a seguir:

- a) TR, atualmente fazendo o curso de Teologia Catequética Pastoral, desenvolve um trabalho de orientação religiosa na comunidade. Ela é ministra de eucaristia e permanece na capela de São Lázaro quase o dia todo aos domingos e segundas-feiras para ajudar nos cultos, e é quem faz os serviços de costura para a capela. Segundo ela a nova paróquia de Ondina, próxima a São Lázaro, é "mais reforçada" do que a capela do bairro, já que muitas celebrações religiosas antes realizadas na capela estão sendo transferidas para a igreja matriz. "São Lázaro está cada vez mais esquecido". Ela reclama que os tríduos que antecedem as festas do santo estão sendo realizados também na Ondina, e que alguns moradores do bairro já vão assisti-los lá. TR é catequista em São Lázaro

como forma de resistência, já que se opôs a dar as suas aulas na igreja matriz, argumentando que as crianças pequenas não podem ir sós para a Ondina e porque “eu quero fazer aqui, na comunidade”, embora o trabalho esteja prejudicado por falta de espaço na capela. Ela conta com o apoio das mães católicas da comunidade, e freqüentemente dá as aulas de catecismo em sua casa. TR preside novenas de Natal realizadas nas casas de senhoras da comunidade. Todas as pessoas católicas do local podem participar destas cerimônias itinerantes, sempre realizadas em espaços privados. Ela também organiza as cerimônias de primeira eucaristia e as cerimônias de Natal na capela, assim como o seu teatro.

- b) RI é ministra da eucaristia e presta serviços religiosos e assistenciais tanto na capela quanto na paróquia de Ondina. Ela faz parte da Congregação Redentorista, grupo de leitura e de discussão de temas religiosos que, na sua opinião, "servem para o crescimento individual e espiritual, orientam para a vida". Fiéis da Paróquia de Ondina, que são moradores deste bairro, fazem parte do grupo, e ela os considera seus vizinhos. As reuniões da Congregação realizam-se no bairro dos Barris, no centro da cidade.
- c) TP, mesmo sendo evangélica, esporadicamente vai à capela quando alguma senhora que participa das atividades do templo pede a sua ajuda para a organização dos cultos.
- d) RG participa de cerimônias religiosas presididas por um grupo de pessoas em espaço privado, já que ela recebe eventualmente em casa a visita de moradores evangélicos da comunidade ou de Ondina que vão "levar a palavra de Deus", ou a "explicação, convencimento" de passagens da Bíblia, como diz. Parentes e às vezes alguns vizinhos participam destes encontros. Antes estavam vindo à casa de RG pessoas católicas para sessões de oração e de "explicação".

- e) RA demonstra a sua fé nos santos a partir do seu trabalho comunitário. Ela é membro da comissão organizadora das lavagens de São Roque e de São Lázaro, e estes festejos, que são mantidos com a ajuda dos moradores e de órgãos públicos, não perderam a sua conotação religiosa de reverência aos santos ou orixás, apesar de fazerem parte do ciclo de festas de Salvador. RA acompanha o cortejo que se realiza nestes eventos vestida de baiana e participa da tradicional lavagem das escadarias do templo.

As mulheres jovens entrevistadas não são agentes de ações sociais de cunho religioso desenvolvidas na comunidade, mas acompanham a sua realização. Ou seja:

- a) AA já fez parte do grupo jovem da capela de São Lázaro, o Êxodus, já extinto, e hoje em dia apenas assiste às atividades desenvolvidas por sua mãe, TR.
- b) WA veste-se de baiana e acompanha a tia RA nos cortejos e nas das festas de São Roque e São Lázaro, embora não colabore com a sua organização.
- c) VA e RE, por sua vez, assistem às reuniões religiosas que as suas respectivas mães permitem que se realizem em suas casas.

Dos homens entrevistados, apenas ZB promove alguma ação social de cunho religioso na comunidade, já que é responsável, junto com RA, da organização das lavagens de São Roque e de São Lázaro, e acompanha todas as procissões católicas em louvor a estes santos.

Acrescenta-se que AE, embora não contribua para a construção de nenhuma atividade coletiva de inspiração religiosa, afirma que a ausência de grupos jovens na capela de São Lázaro é um exemplo de falta de união entre as pessoas do bairro.

## *2. Tempo livre, atividades de lazer*

### *2.1. Em relação às ações particulares dos sujeitos*

Todos os sujeitos entrevistados assistem à TV, e somente RA e WA afirmam que este não é um hábito regular. De todo o grupo, apenas IR não citou os programas de sua preferência.

O telejornal é tipo de programa preferido do grupo, não sendo assistido apenas por três mulheres: RI, uma das seis mulheres não jovens, e por RE e VA, que representam metade das mulheres jovens. AE é o único sujeito que comenta sobre os jornais da TV, afirmando que dá preferência aos telejornais locais, onde passam pessoas conhecidas com quem ele poderia manter contato, e notícias sobre a cidade.

A telenovela é o segundo tipo de programa mais assistido, embora não o seja pelos homens com mais de trinta anos. Dos demais informantes:

- a) Apenas RA e TP, entre a mulheres não jovens, não acompanham os seus episódios, sendo que esta última por orientação da igreja que frequenta.
- b) WA, do grupo das quatro mulheres jovens, é a única que não gosta de telenovelas, ao contrário de VA, sendo que RE e AA só as assistem de vez em quando.
- c) Os homens jovens, embora priorizem outras atrações da TV, assistem eventualmente aos seus folhetins. AE esclarece que gosta de novelas de época, “coisas de antes e depois”, já que tem “ligação direta com isso”.

Os filmes representam o terceiro tipo de programa de TV mais assistido pelos sujeitos, embora não tenham sido citados pelas mulheres não jovens. Os sujeitos que gostam de filmes televisionados são AA e VA, que representam metade das mulheres jovens, assim como AT e AB, entre os homens não jovens, e VI entre os homens jovens.

Os demais programas de TV citados pelos moradores foram os seguintes:

- a) Programas da TV Educativa, assistidos por ZB, embora na sua casa ninguém goste desta estação.
- b) Programa de auditório, no caso o do “Ratinho”, destinado a um público de baixa escolaridade e que foi mencionado por TP.
- c) Programas esportivos, citados apenas por RE, que assiste ao Globo Esporte, e por AB, que gosta dos jogos de futebol, embora problemas de visão o estejam impedindo de assisti-los.

AE faz críticas a uma emissora nacional de TV, afirmando que esta manipula as notícias e engana o telespectador menos esclarecido, além de ser “a pior emissora em termos de cultura”. Cita programas infantis educativos de outras emissoras que “ensinam através da música”.

Os sujeitos também citaram a música como atividade de lazer. São eles:

- a) RA, entre as mulheres não jovens, que gosta muito de “pagode” e TP, do mesmo grupo, que escuta hinos religiosos pelo rádio e no templo que frequenta.
- b) As mulheres jovens, que adoram música. RE e VA gostam especialmente de “pagode” – gênero musical de gosto popular em Salvador, WA prefere rock e o axé – ritmo popular baiano, e AA ouve “MPB, Bossa Nova e Lulu Santos”.
- c) Entre os homens não jovens, AT, que escuta músicas evangélicas e canções antigas, como as de tango. ZB diz gostar de ouvir “música clássica, romântica, as de seresta, as de Nelson Gonçalves e as de Sílvia Caldas”, e não aprecia músicas indecentes.
- d) Entre os homens jovens, IR, que prefere o pagode carioca e música internacional. VI gosta de pagode, e AE afirma que ouve muita “música de qualidade”.

## *2.2. Em relação às ações coletivas dos sujeitos*

A maioria dos sujeitos participa de atividades de lazer fora do contexto social em estudo. Entre as mulheres não jovens apenas RG, que diz não ter tempo para lazer, e TR, que só sai de casa por necessidade, não saem de São Lázaro a passeio. Observa-se que:

- a) TR faz parte do Coral Comunitário do Teatro Castro Alves, com a Orquestra Sinfônica da Bahia, e integra também a oficina de teatro da terceira idade realizada pela Ufba, junto com mais seis senhoras e um senhor. Ela faz questão de destacar que uma integrante do grupo é avó da atriz Ingrid Liberato, e que estas senhoras são moradoras do Canela, Ondina e Federação - bairros de classes média e alta.
- b) RA, por sua vez, costuma sair de São Lázaro para participar de torneios de carteados em outras comunidades de baixa renda, como a do Gantois, da Garibaldi, do Alto das Pombas e do Nordeste de Amaralina. E para visitar outras cidades em excursões integradas por moradores de São Lázaro.
- c) RO participa dos passeios da comunidade.
- d) RI associa as suas atividades religiosas a atividades de lazer.

Entre as mulheres jovens, somente RE não costuma sair de São Lázaro a passeio, já que:

- a) AA frequenta a praia de Ondina com as irmãs e gosta de ir ao teatro em outros bairros, embora só o faça esporadicamente. Ela também participa do coral comunitário junto com TR, sua mãe.
- b) WA vai pouco à praia de Ondina, já que prefere visitar amigos que moram em outros bairros populares de Salvador. Ela diz que já frequentou os teatros Castro Alves e do Acbeu, embora não os frequente mais.
- c) VA gosta de dançar em shows de pagode com as suas amigas de São Lázaro.

Entre os homens não jovens, AT é o único que eventualmente sai da comunidade a passeio, já que gosta de visitar o Jardim Zoológico de Salvador, localizado no bairro de Ondina. Ele diz envergonhado que nunca foi ao teatro, e tenta justificar o seu desconhecimento afirmando que dá preferência às telas: ele lembra que era “viciado” em cinema, onde entrava de tarde e só saía de noite. Gosta de filme “que fale de coisas boa, de amor, que não tem violência ... ‘cobói’, Bruce Lim’.

Entre os homens jovens,

- a) VI e IR freqüentam a praia de Ondina com amigos que possuem na vizinhança.
- b) AE é o único que concentra a maior parte de suas atividades de lazer fora da comunidade, considerando que ele sai muito a trabalho e faz contato com muitas pessoas – a maioria músicos que moram em outros bairros. Ele gosta de assistir a shows com os amigos e sair para “bater papo interessante, sadio”.

Há as atividades de lazer que se desenvolvem na própria comunidade, principalmente no largo e arredores, ou em pontos periféricos do local.

Entre as mulheres não jovens, somente RA reserva tempo livre para práticas recreativas em São Lázaro. Ela ressalta que tem uma “turminha” muito unida no largo, e que o seu lazer preferido é lá, junto aos amigos. É a única mulher que freqüenta regularmente e desacompanhada os jogos de cartas e de dominó, que são rotina na barraca de ZB, sendo que é ela quem dita as normas para a participação no carteadado, sempre respeitada pelos demais jogadores – todos homens: “tenho autoridade”. RA é também a única mulher que faz parte da liderança comunitária, e como tal costuma organizar na comunidade os passeios para outras cidades, que contam com grande participação de moradores.

Os três homens não jovens participam de atividades de lazer que se desenvolvem principalmente no largo de São Lázaro:

- a) AB costuma beber e conversar com os amigos nas barracas e no largo, e joga dominó na varanda da casa de um de seus conhecidos.
- b) AT afirma que o seu local preferido de lazer é o largo, que frequenta às segundas –feiras a trabalho, mas também para se distrair. Ele diz que gosta de conversar com ZB, RA e com outros amigos, e diz satisfeito que os padres têm o hábito de participar destas conversas.
- c) ZB participa ativamente dos jogos de cartas que ocorrem na sua barraca, e conversa com todos os moradores que passam pelo largo.

Das mulheres jovens, AA é a única que não preenche o seu tempo livre com alguma atividade de lazer na comunidade, já que passa a maior parte do tempo em casa quando está no local. Dentre as demais:

- a) WA gosta de conversar apenas com os mais velhos, amigos da sua tia, RA, no largo e adjacências, porque “eles têm muitas coisas para ensinar”.
- b) VA e RE, ao contrário, gostam de conversar com amigos na parte de baixo da avenida que contorna a comunidade, já na entrada de Ondina, tradicional ponto de encontro de jovens para bate-papos. RE acrescenta que o largo de São Lázaro é local de menino pequeno jogar bola e dos mais velhos jogarem dominó e cartas.

Todos os homens jovens entrevistados participam de momentos de lazer na comunidade:

- a) AE abandonou o jogo de futebol e a prática de capoeira do bairro "por causa da violência", já que pessoas desconhecidas passaram a participar destas atividades. Possui amizades na comunidade e, quando tem tempo, gosta de ficar no muro que circunda o largo para conversar principalmente com os senhores mais velhos, "já

que eles não têm a atenção dos mais jovens". AE esporadicamente encontra antigos conhecidos na parte de baixo da avenida – ponto de encontro de jovens

- b) VI joga bola no bairro e conversa sempre com alguns amigos no muro do largo. Ele também costuma encontrar amigos na parte de baixo da avenida para conversar.
- c) IR não gosta de freqüentar o largo, que considera um espaço dos mais velhos, preferindo a ladeira onde os jovens se encontram e que se localiza perto de sua casa.

### *3. Comunidade*

#### *3.1. Em relação às ações particulares dos sujeitos: reivindicações e opiniões. A questão da associação de moradores*

Os sujeitos entrevistados solicitam a instalação de uma escola / creche no local para as crianças. E de maneira geral reivindicam pontos de comércio, atendimento médico e segurança para os moradores. Todos gostam da comunidade e apontam razões diversas para tanto, assim como as restrições que fazem ao local.

Entre as mulheres não jovens:

- a) TP e RG afirmam gostar do lugar, onde conhecem muitas pessoas.
- b) RO aprecia a tranquilidade de São Lázaro, mas aponta como maior inconveniente a ladeira por causa do seu joelho. Ela possui amizades dentre os moradores mais antigos: “vizinho antigo da gente não vai trocar pelos novo”.
- c) RA, embora adore o local, critica a falta de união entre os moradores: “o pessoal visa mais o seu lado, mas para mim é comunidade”.
- d) TR acha a comunidade um lugar ótimo porque todos a conhecem, não existe ladrão e os vizinhos são excelentes, embora só

cumprimento as pessoas de passagem pelo largo. Com relação aos moradores afirma que “são humildes mas são pessoas tranquilas”. Critica os homens, ao dizer que “a maioria fica aí (no largo)”, e que as mulheres “aqui é quem trabalha. Só vai uma na casa da outra se tiver doente”.

- e) RI opina que a comunidade é “pobre, simples, são uma comunidade coesa. Tenho um bom relacionamento com eles. Não são comunidades violentas. Sempre atendem a minha solicitude. É uma comunidade que a gente pode comandar”. Refere-se aos “crentes” como moradores desligados, mas cita o bom relacionamento destes com os católicos e diz que “somos uma família”. Ela sonha em morar na Ondina, bairro de classe média situado em zona nobre da cidade, e onde residem algumas ministras de eucaristia que com ela dividem as atividades desenvolvidas na capela de São Lázaro e na paróquia de Ondina. Contudo não abre mão da realização de ações comunitárias no local caso vá residir em outro bairro, já que afirma exercer liderança no contexto estudado, do qual sempre fará parte.

Entre as mulheres jovens:

- a) RE diz que adora a comunidade, sem restrições.
- b) VA, embora goste da comunidade, ressalta que em São Lázaro falta organização “em todos os sentidos”.
- c) WA sente-se uma pessoa da comunidade “até certo ponto”, já que gosta de algumas pessoas “contadas a dedo”, e já que, em sua opinião, não há união entre os moradores. Ao mesmo tempo ela afirma que gosta da comunidade por causa da tranquilidade e do amplo espaço da sua casa, e que não moraria em outro lugar.

- d) AA, quando se refere à comunidade, elogia a sua tranquilidade e faz restrições apenas a uma vizinha barulhenta. Ela também se preocupa com a preservação de São Lázaro, já que afirma que os moradores precisam melhorar as suas casas, “arrumar a sua frente”.

Os homens com mais de trinta anos só fazem elogios à comunidade, já que:

- a) ZB, conhecido de todos, afirma que “aqui todo mundo é unido, a amizade aqui é sincera (...) a juventude convive em São Lázaro, é nota mil, nunca saiu em página policial (...) Ninguém bole com ninguém, pode deixar a barraca, casa aberta. São Lázaro é o melhor lugar dentro de Salvador, paraíso, não tem zoadá”.
- b) AB diz que não existe lugar melhor e mais tranquilo: “não ofendo ninguém”.
- c) AT concorda com ambos.

Entre os homens jovens:

- a) AE fala que com certeza identifica-se com a comunidade e que conhece novena por cento dos moradores. "O pessoal aqui é a minha família". Mas mostra-se saudosista quando revela que a sua "época" era mais sadia, lembrando cenas protagonizadas por jovens moradores no local no último carnaval. "Minha geração nunca fez isso". Ele tem consciência da necessidade de conservação da comunidade e de preservação de sua estética, ao lembrar que os comerciantes deveriam preservar o seu estabelecimento, e as pessoas cuidar da frente de suas casas, "rebocar". Ele afirma também que "quem tem preocupação com a estética urbanizaria a comunidade, como fez no Pelourinho; pegar a 'grana' e, em vez de tirar as casas e construir outras mais bonitas, consertar o que está feito".

- b) VI adora São Lázaro mas lembra que os moradores só se unem "para certo tipo de coisas, para outras um fica dependendo do outro. Se um não tomar a frente ninguém toma uma atitude".
- c) RI gosta da comunidade, mas pensa que melhorias para o local dependem de ações que deveriam ser desenvolvidas por moradores mais jovens.

Os sujeitos, durante as entrevistas, deram opiniões espontâneas sobre a conduta da associação de moradores da comunidade. Levando-se em conta o grupo de mulheres com mais de trinta anos, registra-se que:

- a) TR faz críticas contundentes a esta associação, na figura de seu presidente, e principalmente à RI, sua tesoureira, momento em que fala em tom confidencial. Ela reconhece o papel importante da associação e indaga sobre a possibilidade de interdição do grupo que está à sua frente no momento. Diz que a preocupação da associação deveria ser a de ajudar os mais carentes do local. Defende e oferece o seu apoio irrestrito a ZB, líder comunitário, já que "ele tem acesso às coisas. Ele tem conhecimento, batalha e consegue mais do que quem tem estudo ( o presidente da associação ). Em comunidade não tem essa não! Depende da cabeça da pessoa". Curiosamente, TR irá após alguns meses compor a chapa da situação que acabará derrotada pela chapa de oposição, encabeçada por ZB, na eleição para a nova gestão da associação de moradores. Segundo a mesma, ela não teve chance de recusar os insistentes convites para compor a chapa da situação.
- b) RI faz parte da diretoria da associação de moradores. Quando indagada se é líder comunitária responde rápida e entusiasmamente que sim, e que para tanto conta com a ajuda dos padres. Com relação ao trabalho comunitário

desenvolvido por ZV, RI afirma que ele dirige a parte "folclórica" das festas religiosas, citando a lavagem do adro e as "festinhas" com as baianas, não reconhecendo portanto o seu trabalho comunitário.

- c) RG critica veementemente alguns membros da associação de moradores, acusando-os de maus administradores, por conta de uso indevido de verba destinada à compra de material de construção para melhoria do calçamento da avenida antiga, dentre outras ações irregulares, em proveito próprio.
- d) RA, que faz parte da liderança comunitária, reclama da inoperância da associação de moradores.
- e) RO e TP não se pronunciaram sobre o tema.

ZB foi o único homem não jovem que opinou sobre a atuação da associação de moradores, ao criticar reservadamente a sua inoperância.

Considerando-se o grupos das mulheres jovens, registra-se que:

- a) AA e VA afirmam que a associação de moradores nunca resolveu nada para o bairro.
- a) WA compartilha da mesma opinião que a sua tia RA, ao criticar a atuação desta agremiação.
- b) RE não se pronunciou sobre o tema.

Os três jovens entrevistados opinaram sobre a questão:

- a) VI, embora o pai seja membro da associação de moradores, elogia a liderança de ZB: "é ele que toma frente de tudo".
- b) AE compartilha da mesma opinião da sua mãe, TR, e da sua irmã, AA.
- c) IR afirma que a associação de moradores não tem a sua sede e nunca resolveu os problemas da comunidade, já que sempre atendeu aos seus próprios interesses, precisando do incentivo

dos mais velhos para buscar soluções para os problemas através do trabalho da liderança comunitária, cujo líder é ZB. Mas, segundo ele, "ZB fica na barraca dele...é gente boa, carismática, mas, a capacidade de ZB...". Afirma que o pessoal jovem "teria condições de cobrir essa parte que exige um conhecimento maior", e poderia buscar ajuda oficial das autoridades. Na última eleição para a associação de moradores, ocorrida depois do período de entrevistas, IR compôs a chapa da situação, que foi fragorosamente derrotada.

### *3.2. Em relação às ações coletivas dos sujeitos*

As atividades comunitárias desenvolvidas no contexto têm a função de apoiar os moradores em suas carências materiais e em suas manifestações culturais. Elas referem-se principalmente às ações da liderança comunitária e da associação de moradores, além de ações assistenciais geralmente apoiadas pela igreja católica.

A tarefas principais da liderança comunitária são a de reivindicar junto aos órgãos públicos melhorias para o bairro, e a de ajudar os padres na organização das festas religiosas. Na época das entrevistas esta entidade estava montando o cadastro comunitário. Fazem da liderança comunitária:

- a) ZB, do grupo dos homens não jovens. Ele é o líder do grupo e está à frente de suas ações.
- b) RA, do grupo de mulheres com mais de trinta anos. Ela organiza anualmente o bazar de Natal para angariar fundos para as ações da liderança comunitária, e promove bingos na barraca de ZB com esta finalidade.

Já a Associação de Moradores de São Lázaro é a entidade oficial de representação comunitária. Ela funciona nas dependências da capela e tem o padre como um de seus membros. Além das festas católicas, poucas ações em prol da comunidade são desenvolvidas por esta associação.

Apenas RI, do grupo de sujeitos da pesquisa, faz parte desta agremiação, já que é a sua tesoureira. Ela fala que a associação está construindo a escola "das primeiras

letras" no local com sacrifício, porque não há dinheiro suficiente e é necessária a ajuda dos devotos e moradores. Em uma primeira tentativa de construção da escola, em um aposento nos fundos da capela, a Prefeitura embargou a obra por ser esta irregular. Até o fim dos trabalhos de campo a prometida escola não havia sido construída.

As ações assistenciais, por sua vez, são geralmente fruto da iniciativa de algum sujeito da comunidade, e geralmente atendem um número significativo de moradores. O grupo de mulheres não jovens lidera algumas destas ações, já que:

- a) RA eventualmente dá aulas de trabalhos manuais na capela.
- b) TR todos os anos pede donativos para compor cestas básicas para os moradores carentes da comunidade. Ela também distribui cartõezinhos natalinos para os pais que têm filhos pequenos, para que estes não deixem de ganhar "lembrancinhas" no Natal.

As mulheres jovens e os homens não jovens entrevistados não participam destas ações comunitárias. Já entre os homens jovens citamos:

- a) IR, que já organizou partidas de futebol apenas para jovens e crianças da comunidade, na quadra da praia próxima ao local. Ele defende a mobilização de jovens para a prática de esportes como mecanismo de luta contra as drogas.
- b) AE, que nunca participou de nenhuma ação comunitária, mas declara espontaneamente que gostaria de das aulas de violão e de tocar nos cultos da capela aos domingos e nas festas da comunidade, mas que não tem tempo disponível para organizar essas atividades.

#### *4. Atividades de leitura e de escrita*

##### *4.1. A atitude dos sujeitos*

A atitude das pessoas entrevistadas com relação às suas experiências e expectativas com relação à leitura e produção de textos fornece indícios das diversas relações que elas mantêm com a escrita em suas práticas sociais cotidianas.

#### 4.1.1. Com relação às ações particulares dos sujeitos

Ao considerarmos o grupo de mulheres não jovens, observamos que:

- a) TR preocupa-se com o gravador e fica reticente quando é indagada sobre o que lê e escreve. Afirma que não tem muito tempo para ler porque toma conta da casa, dos filhos e estuda. E escreve só o necessário, pelo mesmo motivo: “nem em prova escrevo muito”.
- b) RA diz categórica que não gosta de ler muitas coisas, e que procura “escrever o mínimo possível”. Ao mesmo revela que gosta de ler jornal e revistas, “pois a gente tem que estar atualizada”, e que escreve textos para a liderança comunitária.
- c) “Gosto de ler!” “Escrevo”; “correspondo”, TP afirma rapidamente quando indagada sobre o que costuma ler e escrever. Em seguida mostra-se evasiva ao falar sobre as suas práticas de escrita, e diz que não tem tempo para se dedicar à leitura.
- d) RO conta que só lê textos com letra “graúda”, já que não enxerga com uma das vistas. Ao mesmo tempo afirma que não tem tempo para ler: “não tenho lido não”, e que antes de perder uma das vistas trabalhava, e que portanto não poderia ler da mesma forma. Ela revela que não lê textos religiosos e conta, contraditoriamente, que começou a freqüentar a oficina de oração da paróquia de Ondina, formada por pessoas deste bairro e adjacências, onde se lê este tipo de textos, e que “não pega as coisas direito” porque às vezes falta aos encontros. Ela conta que deveria, como tarefa de casa, assinalar as passagens mais interessantes dos textos lidos, mas está “toda atrasada” porque não comprou a Bíblia e o caderno, e não pôde destacar os trechos solicitados, para leitura posterior. RO também comenta que não atende ao filho quando este a aconselha a ler de vez em quando o jornal “para ‘desarnar’, para não ficar esquecendo das coisa”.
- e) RI diz enfaticamente que adora ler e escrever e que quando era jovem leu muitos contos de amor e revistas em quadrinhos. Conta que fez a

assinatura de uma revista infantil para o seu neto pequeno. Ela justifica o fato de não ler jornais dizendo que não tem muito “acesso” a eles, mas faz questão de ressaltar que os seus filhos fazem esta leitura habitualmente.

- f) RG não tem tempo para ler e escrever, e só lê textos que atendam as necessidades práticas do seu dia-a-dia.

Já ao considerarmos o grupo de mulheres jovens, observamos que:

- a) AA afirma que já leu muito para a escola e que escrevia mais para a faculdade, tentando justificar o fato de estar lendo e escrevendo poucos textos no período de suas entrevistas.
- b) WA mostra-se indecisa quando afirma que lê romances, esquecendo o título de algum livro de literatura que já tenha lido. Reconhece que as suas experiências com a escrita, basicamente sobre temas da atualidade e de interesse para os jovens, são fruto de suas atividades escolares.
- c) VA diz que gosta de ler, mas que não cultiva este hábito porque não tem acesso a livros ou jornais. O material de leitura que conhece é o que a sua escola disponibiliza. Ela conta que precisava retirar livros da biblioteca para ler, como tarefa escolar, mas que tinha esquecido de fazê-lo.
- d) RE diz que escreve como forma de desabafo, já que não pode desabafar tudo que sente para alguém. “Escrevo por mim, pelo que estou sentindo...” Ela, apoiada por sua mãe, fala espontaneamente sobre a importância das pessoas saberem ler pelo menos “alguma coisa”, para que sejam respeitadas pelas demais. A sua mãe acrescenta que faz questão que os filhos aprendam.

Entre os homens mais velhos, observamos que:

- a) ZB responde enfaticamente que lê “bastante, muito”. Gosta de ler para “se informar, as coisas muda no dia-a-dia”. Ele escreve cartas aos parentes por obrigação, e faz questão de redigir os documentos da

liderança local, argumentando que é líder comunitário e por isto está investido da função de redator desta entidade.

- b) AB afirma que sabe ler qualquer coisa, mas está com “as vista ruim”. Depois completa que lia “qualquer coisinha”. Diz evasivo que antes se interessava por tudo do jornal, dando a entender que esta leitura não o interessa mais. Responde constrangido, em certo momento da entrevista, que não sabe escrever, e que só assina o nome.
- c) As afirmações de AT sobre as suas experiências de leitura e escrita são evasivas e contraditórias, e ele as faz pouco à vontade. A leitura para ele relaciona-se ao ato de observar o texto e os seus signos gráficos. “Olho o jornal para ver a notícia. Eu olho, adoro. Ver as figura. Eu leio porque não adianta a gente ler as figura e está escrito aqui, né, não vai saber. Leio pouquinho. Não leio assim ligeiro. Gosto de ler. Tem muito livro bom”. Ao ser indagado sobre o que escreve, ele afirma vacilante: “O neguinha, com um sacriçozinho eu escrevo”. Eu conheço as letra. Uma vez uma professora minha mandou eu fazer uma carta e eu acertei, né, fazer uma carta”. E ao ser confrontado com a pergunta sobre o que tem escrito atualmente, ele responde baixo: “Não, agora você me pegou pelo pé, que é difícil. Agora eu pegar de novo as letra...”.

Entre os homens jovens:

- a) AE procura justificar o fato de ler pouco porque “tem que interromper”, embora faça questão de afirmar que gosta de leitura. Enfatiza a necessidade da leitura de periódicos e jornais para fazer a redação do vestibular e “debater temas da atualidade”. “Você conversa com as pessoas, não entende do assunto, e aí recebe informação de forma mais clara, dá uma idéia superficial, e em casa tira a diferença, lê, mas no momento não faço isso”. Com relação à sua produção de textos, ele conta que escreve algo, acha que está ruim, perde a paciência e rasga o que foi escrito, pois preocupa-se com a combinação de idéias e acha importante a consulta ao dicionário e a atenção “com a forma”. O

indivíduo “pode escrever para uma pessoa daqui, mas querendo escrever para um advogado, médico, promotor... assim eu posso escrever para uma pessoa do meu nível mesmo depois... para escrever para uma outra pessoa ... A gente tem que ter esse cuidado”.

- b) VI faz questão de dizer que lê muito, principalmente aos domingos, com a leitura de jornais em sua casa.
- c) IR também diz que gosta de ler, mas apenas textos objetivos. Considera-se “fraco” para escrever textos longos, já que é objetivo em sua escrita, embora admita já ter escrito textos amorosos por encomenda de amigos, que os apreciam muito.

#### *4.1.2. Com relação às ações coletivas dos sujeitos*

Embora RA e ZB seja as pessoas autorizadas a escrever os textos referentes às ações de interesse dos moradores de São Lázaro, em razão da liderança que exercem na comunidade, eles submetem o que escrevem à opinião de outras pessoas antes da sua redação final. Ou seja, o sentido e os aspectos formais destes textos são muitas vezes negociados entre autores/leitores, em um processo de construção coletiva, em que a atitude dos sujeitos com relação à escrita do outro fica explícita.

Os ofícios escritos por ZB são digitados muitas vezes por outras pessoas que interferem em sua redação final, no sentido de corrigi-la. Mas ele faz questão de relê-los: “quero que faça o que a minha cabeça pensa”. Por sua vez RA e demais membros da liderança comunitária costumam dar opiniões sobre estes documentos, provavelmente devido à pouca experiência escolar de seu redator. “ZB não pega um ofício legal”, diz RA. Ela critica a profusão de agradecimentos e de pedidos já feitos anteriormente, presentes nestes textos, e que para ela são inadequados. “Às vezes a gente briga, ele quer eu faça, aí eu corto muita coisa”. Já IR duvida da autoria dos ofícios em nome da comunidade que são digitados, argumentando que ZB não os redige por não ter capacidade para tanto, e sim o padre ou RI - membros da fraca associação de moradores, que de vez em quando assinam também os ofícios que são enviados a autoridades ou meios de comunicação.

Os textos referentes aos eventos comunitários são idealizados e redigidos por RA, ouvidas as sugestões dos demais membros da liderança comunitária. “Eu bolo, tudo da lavagem quem escreveu fui eu, quer dizer, de modo geral todo mundo...junta aquela turminha, eu vou fazendo os rascunhos, na hora vai a opinião, dá as sugestões...”

#### *4.2. O que digo que leio*

A leitura de textos está condicionada à dificuldade de se adquirir material escrito, de acordo com o depoimento de metade dos sujeitos entrevistados. Estes dependem do empréstimo principalmente de jornais e de revistas para poderem manter a prática de leitura. Incluem-se neste grupo TP, RA, RO, RG e RI – esta apenas com relação à leitura de jornais, entre as mulheres não jovens, RE, WA e VA, entre as jovens, os homens com mais de trinta anos, sendo que ZB apenas no que se refere à leitura de revistas, e VI entre os homens jovens.

##### *4.2.1. Com relação às ações particulares dos sujeitos*

Os textos jornalísticos compõem o conjunto de textos mais citado pelos sujeitos. Estes são lidos em jornais e em revistas, incluindo-se nesta segunda opção as revistas em quadrinhos. Entre as mulheres não jovens, contudo, apenas duas declararam que costumam fazer este tipo de leitura, já que:

- d) TP diz que lê jornal ou revista, “qualquer um que pegar pra ler”. De vez em quando, no jornal A Tarde, lê a parte de “empregos, material de construção, policial e notícias das manchetes”. Nas revistas lê “o que achar, desenho, modelo de roupa”.
- e) RA lê o jornal quase todo e a revista Isto É quando tem oportunidade.

Dois homens não jovens mencionam os textos jornalísticos entre os que costumam ler, considerando que:

- a) ZB lê revistas e todo o jornal A Tarde, já que o filho é assinante desta publicação.

- b) AT lê/olha o jornal. A mãe traz revistas velhas da casa da patroa, e ele cita a Veja, Isto É e De Modas. Diz que adora “livro de ‘cobói’ ( revista), os quadrinho”.

Entre as mulheres jovens:

- a) AA declara que lê às vezes os jornais.
- b) RE lê jornal quando algum assunto a interessa. Gosta de ler quadrinhos e revistas femininas, citando entre estas Carícia, Ana Maria, Capricho, etc. De vez em quando consegue a revista Isto É para ler sobre política, drogas e outros temas da atualidade, tanto para fins escolares como para atender aos seus próprios interesses de leitora.
- c) VA diz que lê esporadicamente sobre a vida dos artistas nas revistas Veja, que lhe são emprestadas por amigas que moram perto de Ondina.
- d) WA gosta de textos informativos sobre temas polêmicos, como drogas, métodos anticoncepcionais, prostituição, etc. Lê revistas e cita os periódicos Carícia, Manchete e Isto É.

Entre os homens jovens:

- a) AE geralmente lê revistas que tratem de assuntos relacionados à música porque gosta e por necessidade profissional.
- b) VI gosta de quadrinhos. Lê as revistas Veja e Isto É quando a sua mãe as traz da casa da patroa, interessando-se por esportes, seção policial, “a vida das pessoas” e, por último, por política. Os mesmos interesses aparecem com a leitura de jornal, e ele revela que “dia de domingo aqui é ler”.
- c) IR gosta da leitura de jornais e de revistas como a Super Interessante, Globo Ciência, Terra, dentre outras.

Os textos de orientação religiosa formam o segundo conjunto de textos mais citados pelos sujeitos, como se observa entre as mulheres com mais de trinta anos, já que:

- a) TR lê textos bíblicos por causa da faculdade.
- b) RI possui três exemplares da Bíblia, considerando-se que foi criada lendo e recitando de cor os ofícios de N<sup>a</sup> Senhora todas as semanas, acompanhada da família. Faz leituras “mais do lado espiritual”.
- c) TP diz que lê trechos da Bíblia embora esta não seja a sua principal leitura.
- d) RO tenta ler, com muita dificuldade, trechos da Bíblia.
- e) RG e RA não fazem leituras individuais de textos religiosos.

Já entre as mulheres jovens, apenas AA diz que lê textos religiosos, mas muito pouco. As demais jovens não gostam deste tipo de leitura.

Os três homens não jovens afirmam gostar de textos bíblicos:

- a) ZB cita de imediato a Bíblia, “o primeiro livro que se tem que ler”.
- b) AT fala da Bíblia, que ganhou na igreja “Deus é amor”. “Eu tenho a ‘Bíblia’, mas tá muito acabada. (...) eu leio, eu adoro ler os salmo”.
- c) AB, embora afirme que não se interessa por livros, lembra que gostava da Bíblia ( “salmo” ), mas a emprestou para ZB, que não a devolveu mais. “Gostava de ver aquele mapa todo”. Ao ser indagado sobre que textos bíblicos costuma ler, responde que na época em que esteve no convento participou de “orações de santos, rezas”, quando as freiras rezavam e cantavam “a Ave-Maria, o Padre Nosso e Creio em Deus Pai”.

Os homens jovens citam a leitura de textos religiosos:

- a) AE gosta de ler livros - ou trechos de livros que falem de reencarnação, espiritismo, etc. Lê alguns salmos da Bíblia, que o ajudam as “meditar”, mas sem saber identificar os seus

versículos, capítulos, etc. “Há parábolas interessantes, passagens que falam de caridade, celibato, pais... faço pesquisa, vou vendo...”.

- b) VI diz que de vez em quando faz leituras da Bíblia e, em seguida, afirma que o faz raramente. Lê no caso “pra tirar conhecimento, sempre aprendo alguma coisa”.
- c) IR diz que têm interesse em textos bíblicos, embora tenha afirmado que é muito objetivo em suas leituras.

Os textos literários formam o terceiro conjunto de textos mais citado pelos sujeitos, embora não tenha sido mencionado por nenhuma mulher não jovem. Entre as mulheres jovens:

- a) AA gosta de ler poesia, embora prefira romance. Já fez empréstimos de livros na biblioteca da faculdade, quando estudava, mas nunca os leu na íntegra. Cita apenas um romance, O Alquimista, de Paulo Coelho, informando que vai retomar a sua leitura, já que não a completou.
- b) WA diz ler romances, embora não cite nenhum título já lido.
- c) VA mostra contos infantis em uns livros didáticos de primeira e terceira séries como a literatura que conhece e de que gosta. Conta que leu o romance Romeu e Julieta.

Dos homens não jovens, apenas ZB faz menção à leitura de algum texto literário, já que diz que gosta de ler os romances, “os livros dos escritores, Jorge Amado, tudo”.

Entre os homens jovens, apenas VI diz fazer este tipo de leitura, já que ele lê romances curtos de aventura, destinados ao público infante – juvenil, quando tem oportunidade.

Outros tipos de textos destinados à leitura são citados separadamente por IR, AE e por RG. O primeiro afirma que lê provérbios, AE gosta de ler sobre assuntos relacionados à música, e RG diz que costuma fazer a leitura de textos que atendam as suas necessidades práticas, ou seja, textos instrucionais que dão orientação sobre

alimentação, cuidados com a saúde, etc, estando a maioria impressa em apostilas ou panfletos.

#### *4.2.2. Com relação às ações coletivas dos sujeitos*

As leituras em grupo são predominantemente as de textos de orientação religiosa, realizadas principalmente pelas mulheres com mais de trinta anos, com exceção de RA. Observa-se, com relação às práticas de leitura desenvolvidas no contexto estudado, que:

- a) TP, nos cultos evangélicos da igreja Assembléia de Deus, acompanha a leitura de passagens (“palavras”) da Bíblia e o canto da “Harpa Sagrada” e de outros hinos de louvor, cujas letras estão disponíveis em pequenas publicações.
- b) TR, em suas aulas de catecismo na comunidade, lê o livro de catequese, em voz alta, junto com os alunos alfabetizados. Ela também participa das novenas, realizadas periodicamente em algumas residências de São Lázaro. Estas baseiam-se em textos editados pela igreja católica, que são ofertados pelos padres da capela. As novenas são lidas em voz alta, interpretadas e discutidas por um grupo de pessoas – geralmente senhoras do local. Além destas atividades TR, como ministra da eucaristia, participa de leituras em voz alta de trechos do Evangelho durante os cultos católicos.
- c) RI, ministra da eucaristia como TR, também faz leituras em voz alta durante os cultos católicos.
- d) RG, em sua casa, sempre faz leituras coletivas, em voz alta, de textos de orientação religiosa, que são organizadas por pessoas evangélicas que visitam famílias na comunidade.

Além das mulheres não jovens citadas acima, apenas RE, do grupo de mulheres jovens, participa com sua mãe de leituras coletivas de textos de orientação religiosa, em voz alta, promovidas por pessoas evangélicas que sempre percorrem as casas do local.

Em muitas ocasiões textos de humor ou lúdicos são lidos em conjunto por RA e seus amigos no largo, e são fonte de gracejos e de diversão para o grupo.

As práticas de leitura coletivas desenvolvidas pelos sujeitos fora do contexto estudado dizem respeito ao grupo de mulheres com mais de trinta anos, já que:

- a) TR, na oficina de teatro de que participa em outro bairro, lê junto com os demais integrantes do grupo o texto a ser encenado, para que se façam as modificações necessárias.
- b) RO explica que na sua oficina de oração a professora e os alunos lêem trechos da Bíblia juntos e em voz alta, para que sejam assinaladas as passagens mais interessantes, a serem relidas em seguida.
- c) RI conta que nas reuniões da Congregação Redentorista, da qual faz parte, os textos religiosos lidos são discutidos com os padres e demais participantes.

#### *4.3. O que digo que escrevo*

##### *4.3.1. Com relação às atividades particulares dos sujeitos*

Os sujeitos que não produzem textos escritos, de acordo com os depoimentos prestados durante as entrevistas, são RO, que pertence ao grupo de mulheres com mais de trinta anos, e AB e AT, do grupo de homens não jovens.

Os textos mais citados durante as entrevistas foram as cartas pessoais, os cartões e os poemas.

As cartas pessoais são escritas apenas por sujeitos com mais de trinta anos. Entre as mulheres, encontram-se RA, TP, RG e RI, considerando que:

- a) RA corresponde-se com uma amiga de fora, mas só envia cartas pequenas de três em três meses.
- b) TP diz que envia cartas para parentes.
- c) RG escreve cartas para os tios quando estes a pedem.
- d) RI corresponde-se com a filha, que mora na Itália.

Entre os homens apenas ZB, do grupo dos não jovens, corresponde-se, através de cartas, com parentes e amigos.

Os moradores da comunidade preservam o hábito de trocar cartões de Natal uma vez por ano, o que faz com que este seja o evento de escrita mais citado pelos sujeitos. De maneira geral a forma e o conteúdo dos textos que acompanham estes cartões não diferem, já que estes permanecem cristalizados e são por isto de domínio coletivo dos que os lêem e escrevem.

As mulheres entrevistadas preservam este hábito mais do que os homens, já que AA, WA, e VA, entre as mulheres jovens, e TR, RA e RO, entre as demais mulheres, afirmam que trocam cartões de Natal, embora RO só o faça de vez em quando. Dos homens entrevistados somente AT e ZB, entre os não jovens, mantêm esta prática, sendo que ZB envia mais de trezentos cartões todos os anos aos amigos da comunidade. Importante esclarecer que estes cartões são entregues em mãos pelos sujeitos, no contexto de São Lázaro.

Os poemas são os textos intimistas que foram citados pelos sujeitos durante as entrevistas, e são produzidos apenas pelos sujeitos jovens. Entre as mulheres:

- a) RE, embora não leia poesia, escreve poemas em uma espécie de diário, que muitas vezes são copiados por suas amigas.
- b) WA já escreveu alguns poemas.
- c) VA diz que escreve “versinhos”.

Entre os homens jovens:

- a) AE escreve poemas para a namorada, “muito de apaixonado”. Muitas de suas composições escritas servem de letra para as suas canções.
- a) IR conta que em seu curso supletivo costumava escrever textos a partir de desenhos, e que muitos colegas de classe encomendaram a ele alguns destes textos para ofertar às namoradas.

Os bilhetes, listas e relatório, assim como os textos dissertativos, constituem o segundo grupo de textos mais citados pelos sujeitos.

Os primeiros atendem as necessidades cotidianas ou imediatas dos sujeitos, e são escritos apenas por TR, TP e RI, do grupo de mulheres com mais de trinta anos, já que:

- a) TR afirma que só escreve bilhetes, porque não tem tempo para escrever cartas.
- b) TP diz que escreve “lista de compra, *tudo*”.
- c) RI afirma que possui uma espécie de caderno de relatórios em que escreve “coisas” acontecidas e de que não gostou, como “prova” ou memória do ocorrido, para respaldá-la quando tratar do assunto posteriormente com as pessoas envolvidas.

Os textos dissertativos sobre temas atuais e de interesse para os jovens, para fins escolares, são escritos apenas por duas mulheres jovens: RE e WA. AA, deste mesmo grupo, lembra que produziu muitos textos dissertativos apenas enquanto esteve estudando na faculdade.

Os textos mencionados de forma isolada pelos sujeitos foram os ofícios, e “frases” ou dizeres, já que:

- a) A produção escrita de ofícios, para fins particulares, é feita por IR. Ele já escreveu e enviou ofícios a órgãos oficiais solicitando emprego.
- b) “Frases” ou dizeres são escritos por VI, do grupo dos homens jovens, assim como por AA, do grupo das mulheres jovens, embora esta o faça apenas esporadicamente. .

#### *4.3.2. Com relação às atividades coletivas dos sujeitos*

Os textos que caracterizam estas atividades são:

- a) Cartazes, panfletos e ofícios, redigidos em nome da liderança comunitária.

RA e ZB, do grupo de sujeitos entrevistados com mais de trinta anos, são os que participam destas atividades de escrita. Os ofícios, cartazes e panfletos do Bingo e de outros eventos comunitários são escritos em conjunto pela liderança comunitária, para serem enviados para a gráfica ou para serem digitados. Os ofícios às vezes são enviados em manuscrito, ficando ZB com uma cópia dos mesmos. Estes geralmente

contêm reivindicações dos moradores ou agradecimentos, e vão para as estações de rádio, para a Polícia Militar, as regiões administrativas, Câmara Municipal, etc.

RA faz também cartazes para o carteadado que ocorre na barraca de ZB, expondo por escrito as normas para a participação dos competidores, que são negociadas entre eles.

#### b) Discursos

Estes são proferidos em ocasiões solenes que ocorrem em São Lázaro, como a posse da nova diretoria da associação de moradores. São previamente escritos para serem lidos em voz alta para o público presente, e estão sujeitos a comentários orais das pessoas que participam deste tipo de atividade de escrita. ZB e RI, do grupo de sujeitos não jovens da pesquisa, enquanto representantes comunitários, já escreveram e leram discursos na comunidade.

#### 4.4. *O que digo que copio*

Estas são ações particulares dos sujeitos. Os textos mais citados foram as letras de música e os “dizeres” ou frases.

Com relação às letras de música:

- a) Entre as mulheres não jovens, TR e RA às vezes as copiam.
- b) Entre os jovens, AA, do grupo de mulheres, e VI, do grupo de homens, gostam de copiá-las.

Com relação aos “dizeres” ou frases:

- a) Entre as mulheres com mais de trinta anos, TP diz que “às vezes eu ‘copeio’ alguma coisa, um dizer...”, e RA relata que gosta de copiar em um caderno grande frases de pára-choque de caminhão.
- b) Entre as mulheres jovens, WA diz que gosta de copiar ditados populares e frases de anúncios.

- c) Entre os homens jovens, VI gosta de copiar qualquer frase interessante que encontre no jornal, no caderno “das menina”, em algum anúncio, etc.

As receitas culinárias são citadas por três mulheres, entre elas:

- a) TR e RA, do grupo de mulheres mais velhas, sendo que RA especifica que gosta de copiar receitas exóticas.
- b) AA, do grupo de mulheres jovens, que as copia “às vezes”.

Poemas e “versinhos” são copiados por duas mulheres:

- a) RA, entre as mulheres com mais de trinta anos, que gosta de copiar em seu caderno versinhos que encontra em revistas e que acha bonitos.
- b) WA , entre as jovens, que prefere copiar poemas do que compô-los.

A cópia de textos religiosos é citada apenas por TP, do grupo de mulheres mais velhas. Entre as cópias que diz fazer esporadicamente, cita “uns salmo”.

Vale ressaltar que entre as pessoas entrevistadas, AT, do grupo de sujeitos mais velhos, em seu discurso, confunde o ato de produzir textos com o de copiá-los, já que ele afirma que escreve porque já copiou muito em um caderno trechos de jornal e de textos didáticos, para treinar a habilidade de escrita e para reproduzir em cartas e bilhetes versos que ele acha que são bonitos. “De primeiro eu pegava o jornal, ou tinha um caderno que eu sempre copiava tudo pra poder treinar, fazer uma carta, um bilhete, quer dizer, eu escrevo, um bilhete pequeno eu escrevo. Escrevo meu nome. Às vez também eu, quando vou fazer um bilhete, procuro juntar aqueles verso bonito! Aí eu gosto porque...*às vez tem palavra até que eu não queria olhar, eu mesmo escrevo*”.

#### D. Interpretação dos dados

A interpretação dos dados coletados sobre os sujeitos da pesquisa e sobre as práticas do cotidiano será feita de acordo com os fatores sexo e idade – pré-estabelecidos pelo estudo para a composição do quadro de sujeitos, e pelos fatores espaço físico e moradia, função social do sujeito, relações familiares, escolaridade e profissão, definidos durante a observação dos dados.

Pode-se afirmar que os sujeitos entrevistados têm como característica comum o fato de compartilharem o mesmo espaço físico e participarem, em maior ou menor grau, de diversas atividades que envolvem interações regulares, o que os identifica como membros de um mesmo grupo ou segmento social. Ou seja, como membros de uma comunidade particular inserida no contexto sócio-cultural e histórico da cidade de Salvador. O espaço comunitário constitui, portanto, o ponto de partida para as interpretações possíveis das atitudes dos sujeitos com relação ao contexto onde vivem e às ações que estes desenvolvem no local.

Os fatores idade e sexo, no contexto em estudo, são importantes para a observação da disponibilidade que os sujeitos apresentam de estar em São Lázaro e de participar da pesquisa, já que um número maior de homens do que o de mulheres ausenta-se da comunidade a trabalho em horário integral, e já que se trata neste caso de sujeitos que têm mais de trinta anos e que não são idosos. Estes últimos não costumam ausentar-se de São Lázaro para trabalhar, e os jovens, mesmo os que trabalham, não costumam sair da comunidade todos os dias em horário integral, tanto estiveram disponíveis para colaborar com a pesquisa, enquanto que do grupo de idosos somente os homens colocaram-se à disposição do estudo, já que as mulheres idosas pouco saem de casa. Assim sendo, fizeram parte do estudo sujeitos jovens, mulheres de meia-idade e homens idosos, com exceção de AT, que trabalha na comunidade.

Os fatores escolaridade, idade, e sexo aplicam-se conjuntamente para a caracterização dos sujeitos, já que há relação entre a faixa idade e o grau de escolaridade apenas entre os homens entrevistados. Ela é reflexo da necessidade de ingresso precoce destes sujeitos no mercado de trabalho, o que restringe o tempo disponível para a formação escolar, tanto que nenhum deles possui experiência universitária. Porém, o aumento progressivo do nível de escolaridade, inversamente proporcional à idade destes sujeitos, responde atualmente às demandas crescentes deste mercado por qualificação profissional. Por outro lado, não há relação entre idade e grau de escolaridade das mulheres entrevistadas, já que o seu trabalho profissional geralmente tem caráter informal e doméstico e não está vinculado a uma jornada de tempo integral e diária, o que possibilita às mulheres fora da idade escolar o retorno aos estudos. E às jovens não se exige que trabalhem antes de concluir o ensino

fundamental. Estas condições permitiram, por exemplo, que TR e RA retomassem os estudos depois de tê-los interrompido por vários anos, e que AA ainda jovem concluísse o ensino superior sem interrupção de sua vida escolar.

Os discursos produzidos pela maioria dos entrevistados tornam explícita a atitude positiva que o grupo em geral mantém com relação às suas condições de moradia, com exceção de AT e RE. Mas estes, embora morem na parte mais pobre do local – no seu interior, sentem-se ainda assim privilegiados por morar em um bairro popular tradicional bem localizado da cidade de Salvador; assim como os demais sujeitos. Neste contexto, todos compartilham de um discurso reivindicatório, através do qual reclamam para o local serviços diversos que possam melhorar a infra-estrutura do bairro e a vida cotidiana de seus moradores.

Considerando-se o espaço físico, observa-se que geralmente, quanto mais próximos do largo da capela os moradores residem, maior o seu grau de engajamento na comunidade. RA e ZB, por exemplo, são membros da liderança comunitária e moram praticamente no largo. TR, que defende e desenvolve ações coletivas em prol da comunidade, e TP, que colabora esporadicamente com as atividades assistenciais da capela sempre que requisitada, residem no começo da ladeira nova, perto do largo. VI, AA e AE, que moram no mesmo local que TP e TR, são jovens que mantêm discursos de apoio a estas ações. E os sujeitos residentes na ladeira antiga, com exceção de RI, moram mais perto do largo do que de Ondina, e mantêm uma relação estreita com o contexto onde moram.

Neste sentido, RI e IR, residentes em locais periféricos de São Lázaro, já próximos a Ondina, mantêm um baixo grau de identificação com moradores da comunidade. RI, embora faça parte da família mais antiga de São Lázaro, sonha em ir para um bairro mais valorizado, embora não abra mão das ações que desenvolve na capela e na associação de moradores, que para ela funcionam como instrumento de poder e de autoridade junto aos demais moradores. IR, por sua vez, embora tenha sempre vivido no bairro e lá possua amigos e família, defende a renovação das ações que costumam ser desenvolvidas em função da comunidade, ao rejeitar o trabalho realizado pelos sujeitos mais velhos e ao desejar que os jovens sejam agentes de transformação do

bairro. Mesmo a ação comunitária que já desenvolveu com crianças de São Lázaro situou-se na quadra de esportes do bairro vizinho de Ondina.

Pode-se acrescentar que o fator espaço físico / moradia relaciona-se com a idade e escolaridade dos sujeitos para caracterizar a atitude que estes assumem com relação à comunidade. Na ladeira antiga, que liga São Lázaro a Ondina, por exemplo, residem moradores mais antigos do que na ladeira nova. Cinco dos sujeitos entrevistados moram no local, sendo que apenas um é jovem. Todos não completaram o ensino fundamental, mantêm uma relação estreita com o local, e não possuem uma visão crítica da comunidade como um todo. Na outra ladeira, a mais nova, residem seis dos sujeitos entrevistados, sendo que quatro são jovens. Os dois adultos deste grupo vieram morar na comunidade já na faixa dos trinta anos. Com exceção de um morador, os demais completaram o ensino fundamental, sendo que um tem nível superior e outro é universitário. Estes cinco sujeitos mantêm uma visão crítica e diversa sobre o contexto social em que vivem.

A função social ou política que os sujeitos desempenham na comunidade é essencial para definir o discurso que eles constroem sobre a comunidade, incluindo a associação de moradores e a liderança comunitária. As ações que atendem ao interesse coletivo conferem autoridade aos seus agentes. RA e ZB como líderes comunitários, por exemplo, sentem-se autorizados a criticar a associação de moradores, assim como RA a reivindicar mais união entre as pessoas. TR, que está à frente de ações assistencialistas e religiosas, defende as atividades de líder desenvolvidas por ZB, embora este “não tenha estudo”, e critica a atuação da associação de moradores, principalmente a de RI. Mas ao mesmo tempo em que elogia, defende e está engajada na comunidade, TR mantém em seu discurso uma postura de distanciamento dos moradores como se não fosse parte integrante daquele grupo social, e sim convivesse e trabalhasse para ele, a partir de suas ações no local. Tanto que ela assume uma posição contraditória quando compõe a chapa da situação, que sempre criticou e que está distante dos anseios da comunidade, na eleição para a nova gestão da associação de moradores, concorrendo com ZB, componente da chapa da oposição. Já RI lança mão de sua função de diretora da associação de moradores e de suas atividades religiosas em São Lázaro e no bairro de Ondina para, em seu

discurso, se intitular líder da comunidade. Ela se considera moradora mas não parte integrante da comunidade onde sempre viveu: os outros moradores são seus comandados, embora eles não se considerem como tal. Tanto que RI só reconhece as manifestações culturais locais de tradição religiosa que sejam católicas, reduz em seu discurso as festas populares a “festinhas” folclóricas, e discrimina os moradores evangélicos de São Lázaro.

O fator escolaridade é também importante, em correlação com o fator função social, para caracterizar os discursos dos sujeitos sobre a comunidade. As atitudes e ações assumidas por RI no contexto da comunidade revelam a sua necessidade de valorização pessoal frente aos demais moradores e à comunidade católica, em detrimento de sua baixa escolaridade, que está em desacordo com a experiência escolar da maioria dos habitantes de classe média de Ondina, para onde estende a suas ações de natureza religiosa. Neste sentido TR, que detém conhecimentos mais diversificados oportunizados por seu grau de instrução, diferentemente de RI, é sensível à importância do papel político que desempenha para a reafirmação da tradição histórico-cultural do local, através de seu trabalho de catequista e de ministra de eucaristia da capela.

A função social que os sujeitos desempenham na comunidade é também importante para caracterizar a escolha de suas atividades particulares de lazer e a atitude que assumem sobre elas. ZB, por exemplo, cômico de seu papel de líder comunitário, explicita de forma objetiva que assiste aos programas da TV Educativa por serem estes de boa qualidade, assim como as músicas que gosta de ouvir, contrariando a vontade de sua família. Ele também argumenta que os telejornais são importantes para que ele fique bem informado. RI, por sua vez, sente-se pouco à vontade para falar sobre as suas atividades particulares de lazer, como os programas de televisão que assiste, e silencia sobre eles. Ela provavelmente tenta ocultar o fato de que prefere telenovelas a telejornais ou a algum programa educativo-cultural, ou que prefere alguma outra opção de lazer, o que expõe o conflito entre o papel social que desempenha enquanto dirigente comunitária e ministra da eucaristia em São Lázaro e na paróquia de Ondina, e a sua condição de moradora antiga e de dona de casa de uma comunidade pobre.

Já os fatores sexo e idade são pertinentes para a caracterização das práticas particulares de lazer dos sujeitos em São Lázaro. Os homens mais velhos, por exemplo, não assistem às telenovelas, enquanto as mulheres da mesma faixa etária são os sujeitos que mais as assistem, ocorrendo o inverso com relação aos filmes. Observa-se que as mulheres mais velhas compõem o grupo que permanece o maior tempo em casa, e os folhetins diários acabam incorporando-se à sua rotina doméstica, além destes abordarem temas recorrentes de caráter subjetivo e sentimental que agradam principalmente o público feminino. Os jovens saem mais de casa do que os outros sujeitos, não têm uma rotina fixa de atividades de lazer, e diversificam mais as suas preferências televisivas e as demais atividades de lazer. Tanto que enquanto estes gostam de ouvir música de diversos tipos, as mulheres mais velhas não costumam ouvir música e os homens da mesma idade o fazem eventualmente de forma direcionada, restringindo bastante o que ouvem.

Já as práticas coletivas de lazer desenvolvidas pelos sujeitos em espaços comuns da comunidade revelam que o centro do local, o largo da capela, é um lugar predominantemente masculino freqüentado regularmente pelos homens mais velhos, já que é costume em São Lázaro as mulheres mais velhas não freqüentarem tais espaços. A exceção no caso é RA, que é a única mulher que faz parte do grupo de moradores mais velhos que freqüenta o largo de São Lázaro para atividades de lazer. Por sua vez os jovens de ambos os sexos, em sua maioria, preferem encontrar-se na parte baixa da comunidade, perto da Ondina, local periférico de São Lázaro.

O fator escolaridade soma-se aos fatores sexo e idade para caracterizar as práticas de lazer que os sujeitos realizam fora da comunidade. Os jovens, como previsto, saem mais de São Lázaro a passeio do que os mais velhos. E os homens mais velhos geralmente saem menos para se divertir do que as mulheres mais velhas, principalmente as mulheres que têm um nível de escolaridade maior do que o deles. Ou seja, apenas as mulheres mais velhas que só cursaram as primeiras séries do ensino fundamental saem pouco da comunidade, participando eventualmente dos passeios comunitários. A exceção destes sujeitos é RI, que considera os eventos religiosos de que participa fora de São Lázaro como momentos de lazer. Portanto, as mulheres mais velhas que estudaram além do ensino fundamental conquistaram o hábito de sair da

comunidade com regularidade para compartilhar com outras pessoas atividades que são de seu agrado, o que é o caso de RA e TR. Sendo que TR, que possui nível universitário, participa de programas culturais. Já as mulheres jovens que não estudaram além do ensino fundamental ou desenvolvem as suas atividades de lazer na própria comunidade, ou freqüentam, como VA, eventos musicais de gosto popular em alguma comunidade de baixa renda, próxima a São Lázaro; as que já estão cursando o ensino médio, como WA, freqüentam outros bairros populares para estar com amigos, enquanto as que fizeram curso universitário, como AA, diversificam as suas atividades de lazer, que incluem programas culturais.

Os fatores função social, sexo e idade dos sujeitos aplicam-se conjuntamente para caracterizar a interação social dos sujeitos com a comunidade e com as associações representativas do bairro, e a sua participação em eventos comunitários. Os mais jovens, embora permaneçam uma boa parte do tempo no local, reúnem-se apenas esporadicamente em locais periféricos de São Lázaro. Embora gostem da comunidade, a criticam mais e participam menos de suas ações coletivas do que os sujeitos mais velhos, já que estes mantêm um engajamento maior no contexto em que moram. O homem com mais de trinta anos, por sua vez, participam mais destes eventos do que as mulheres da mesma faixa etária, embora se ausentem mais do local a trabalho do que elas e do que os jovens.

Os dados revelam também que todos os sujeitos fazem parte de um núcleo familiar e compartilham as suas atividades cotidianas com os seus parentes. Mesmo ZB, que passa boa parte do seu tempo em uma barraca de bebidas na comunidade, preserva valores familiares e mantêm estreitas relações com os seus filhos.

As relações familiares, enquanto instrumento de interpretação dos dados, são pertinentes para caracterizar as atividades coletivas de lazer desenvolvidas pelos sujeitos tanto na comunidade como em outros locais da cidade. WA, por exemplo, só conversa esporadicamente no largo com os amigos da sua tia RA, e ambas costumam freqüentar bairros populares a passeio. Já VI, além de encontrar com outros jovens na parte baixa da comunidade, freqüenta também o largo com amigos, sendo importante destacar que o pai de VI é integrante da Associação de Moradores e a sua mãe pouco sai de casa, e ambos freqüentam a igreja evangélica que existe na casa onde moram,

ou seja, são pessoas estreitamente ligadas ao espaço comunitário. Por sua vez TR e suas filhas, incluindo AA, não participam de nenhuma atividade de lazer da comunidade, mas tanto elas quanto AE diversificam os programas que realizam fora de São Lázaro, incluindo desde o banho de mar até os eventos culturais, geralmente em bairros de classe média. Vale ressaltar que AE, exceção do grupo de homens jovens, assiste a shows e frequenta bares em locais diversos da cidade.

As relações familiares são igualmente pertinentes para caracterizar a atitude dos sujeitos com relação à comunidade e às associações do bairro. TR, AA e AE compartilham de uma visão crítica da comunidade ao valorizar os seus aspectos históricos e culturais e a necessidade de preservação deste patrimônio. TR ainda critica o comportamento dos homens que permanecem ociosos no largo, o que exemplifica a preocupação explicitada pela família com hábitos arraigados na comunidade que prejudicam a melhoria de vida dos moradores e a imagem do bairro. AE defende as ações coletivas, como as de sua mãe, que são desenvolvidas na comunidade e lastima não ter tempo para contribuir com elas. Já WA e RA compartilham a mesma opinião negativa sobre a associação de moradores e sobre a necessidade de haver maior união entre as pessoas. VI concorda com esta última opinião e defende as ações comunitárias desenvolvidas por ZB, e neste caso é pertinente lembrar que ele acompanha as ações coletivas desenvolvidas por seu pai na Associação de Moradores. VA e RG, por sua vez, atacam verbalmente a associação de moradores e a falta de organização de suas ações.

Observa-se que o fator escolaridade é importante para caracterizar a atitude dos sujeitos com relação à comunidade e às associações representativas do bairro. Das pessoas entrevistadas, as que se pronunciaram sobre as práticas comunitárias e que não estudaram além do ensino fundamental costumam elogiar o bairro em que moram e apenas fazem comentários esporádicos sobre problemas localizados como, por exemplo, a ladeira íngreme, etc. Elas não costumam opinar sobre as associações representativas de moradores. Quando o fazem comportam-se como RG, que faz críticas contundentes à associação de moradores mas com base em argumentos específicos e de natureza pessoal, que levam em conta, por exemplo, o prejuízo que a mesma sofreu com a falta de recuperação da calçada em frente à sua casa. Já os

sujeitos que concluíram o ensino fundamental defendem também opiniões de ordem geral sobre a comunidade e suas representações de bairro.

A escolaridade é também pertinente para retratar as práticas e atitudes dos indivíduos com relação à religião e à tradição do santuário de São Lázaro. Os sujeitos que completaram no mínimo o ensino fundamental manifestam uma religiosidade mais ampla e difusa, já que desvinculada do espaço físico de São Lázaro. Eles declaram a sua fé em Deus, e o culto a São Lázaro na capela local representa uma das possibilidades de celebrá-la, tanto que os católicos praticantes freqüentam outros templos e os demais ou transformam a questão da fé em alvo de reflexão, ou a interpretam, no caso do santo padroeiro, como manifestação cultural que visa principalmente manter a tradição religiosa local. Os outros concentram a sua fé em São Lázaro e voltam-se para as manifestações de louvor ao santo que ocorrem no local, mesmo que só visitem a capela de vez em quando. A sua religiosidade portanto relaciona-se ao espaço comunitário. TP pertence a este último grupo porque, embora não concentre a sua fé em um santo, transforma a sua crença em um instrumento para o atendimento de suas necessidades materiais: o santo não atendeu os seus pedidos, ela deixou de ser católica e passou a adorar somente Deus. A exceção deste grupo é RI, que embora só tenha feito o antigo curso primário, é enfática em dizer que a sua fé é em Deus e ao desconsiderar as manifestações religiosas do culto afro-brasileiro, de tradição histórico-cultural, que ocorrem no santuário.

Com relação ao fator idade, a observação dos dados sobre eventos da vida cotidiana revela que ele é pertinente para caracterizar as manifestações religiosas referentes às ações particulares dos sujeitos, já que estas em geral estão mais presentes na rotina dos sujeitos mais velhos. Dos sujeitos com até trinta anos de idade, poucos assistem a cultos regularmente, e os demais lembram, por tradição, do santo padroeiro ou declaram refletir de vez em quando sobre temas religiosos diversos.

O fator profissão pode ser aplicado independentemente dos outros fatores de análise para caracterizar especificamente as práticas de lazer de AE, o que constitui uma exceção. Este, ao falar sobre as suas atividades de lazer, opina sobre as escolhas feitas e principalmente sobre a programação da televisão, sendo o único sujeito a se pronunciar de forma crítica sobre o tema. Ao relatar as atividades coletivas de lazer de

que participa espontaneamente justifica porque conversa com os mais velhos no largo, e porque abandonou o esporte comunitário. É relevante relacionar estes dados ao de que ele, como músico, interage socialmente com pessoas de diferentes grupos sociais de Salvador e mesmo de outras cidades, o que lhe permite obter informações diferentes sobre temas diversos e ampliar a sua visão de mundo e ter uma visão crítica da comunidade. É importante salientar que, dos homens jovens, ele é que o que se ausenta mais da comunidade a lazer.

Os eventos cotidianos de escrita pressupõem redator e leitor – individual ou coletivo - muitas vezes presente, o que revela o caráter interativo dos usos da leitura e escrita, em suas diversas relações com a oralidade, de acordo com o contexto discursivo em que ocorrem. As manifestações de escrita em estudo integram, portanto, as experiências pessoais e coletivas dos sujeitos, ou suas atividades cotidianas, vividas no espaço singular da comunidade de São Lázaro. E devem ser interpretadas com relação a elas, considerando-se os fatores de análise estabelecidos para tanto.

A atitude dos sujeitos sobre as manifestações cotidianas de escrita mostra que as pessoas da comunidade em geral relacionam as práticas de escrita e o nível de escolaridade de seus usuários a prestígio social. Assim sendo, os sujeitos entrevistados que não cursaram além das séries iniciais sentem-se inferiorizados devido à sua pouca experiência escolar. Tanto que durante as entrevistas alguns ficaram lacônicos ou tentaram ocultar do pesquisador informações sobre o seu grau de escolaridade e sobre as suas experiências com a escrita.

Observa-se, neste sentido, que os fatores escolaridade, sexo e idade exercem influência sobre a atitude dos sujeitos com relação às suas práticas cotidianas de leitura e de produção de textos. Os sujeitos mais velhos que só cursaram as primeiras séries do primeiro grau, que pouco saem de São Lázaro e cuja visão de comunidade relaciona-se às suas necessidades mais concretas e imediatas sentiram-se muito constrangidos ao afirmar que não lêem ou que lêem pouco, o que poderia revelar o seu baixo nível de letramento. São eles TP, RO, AB e AT. O discurso que eles compartilham é vago e contraditório: inicialmente dizem que costumam ler, mas não especificam que textos preferem; ao mesmo tempo dão a impressão de que têm dificuldades para ler e escrever. Por sua vez RG, embora faça parte do grupo de mulheres mais velhas que só

fizeram o antigo curso primário, é exceção já que permanece a maior parte do tempo fora da comunidade a trabalho, ao contrário das demais mulheres de sua faixa de idade, de AB, que é idoso, e de AT, exceção do grupo de homens com mais de trinta anos já que pouco se ausenta de São Lázaro. A sua condição de mulher arrimo de família lhe permite assumir um discurso claro e objetivo com relação à questão: quase não lê e não escreve por falta de tempo. E RA e TR, do grupo de mulheres mais velhas, respectivamente com nível de escolaridade superior e médio, também admitem em seu discurso que lêem e escrevem pouco, mas o constrangimento por admitir o fato existe neste caso, e bem mais evidente em TR do que em RA, porque em geral se espera que pessoas com o nível de escolaridade de ambas, principalmente com nível superior, participem de práticas de escrita em sua vida cotidiana.

Todos os jovens entrevistados afirmam que gostam de ler. As mulheres são evasivas com relação às suas práticas cotidianas de leitura, e revelam a influência que sofrem da escola ao opinarem sobre estas. AA, sempre reticente e a mais evasiva de todas, diz que lia para a faculdade, dando a entender que já leu textos literários, incluindo o romance, enquanto WA afirma gostar de textos informativos a que teve acesso no colégio. Já RE escreve textos intimistas influenciada pelas poesias que eventualmente lê como tarefa escolar. A postura que estas jovens assumem com relação às práticas cotidianas de escrita, portanto, diz respeito à sua experiência escolar, que permite às que têm pelo menos o ensino fundamental completo a obtenção de informações sobre temas direcionados ao público jovem e a expressão emotiva através do texto escrito. Os textos citados por estes sujeitos, como se observa, revelam o seu nível de escolaridade, tanto que VA cita as narrativas infantis que lê para a escola como sendo a sua atividade rotineira de escrita.

Os homens jovens são menos reticentes ao declararem as suas atividades de escrita do que as jovens. Os três priorizam a leitura de textos jornalísticos sobre temas diversos da atualidade, sendo que apenas AE admite que lê pouco, embora apresente uma longa justificativa para tanto. Quando eles falam de sua produção textual, enfatizam os textos curtos, objetivos e formais, em detrimento dos textos informais e intimistas que lêem e/ou escrevem - no caso as letras de música de AE e os poemas que IR faz a pedido de amigos. Pode-se afirmar que o fator profissão é pertinente, no

caso, para caracterizar as práticas de escrita destes jovens. Eles já exercem funções remuneradas, como a maioria dos homens da mesma faixa de idade, e submetem as suas práticas de escrita, em geral, às demandas do mercado de trabalho. Assim sendo lêem jornais para procurar emprego, como VI, escrevem ofícios para fazer alguma reivindicação, como IR, ou mantêm contatos profissionais através de cartas ou ofícios, como AE.

O fator relações familiares é importante para retratar a atitude que TR, AA e AE assumem com relação às suas atividades particulares de escrita, considerando-se o discurso que apresentaram durante as entrevistas. O marido de TR era professor, e a família sempre conviveu com práticas de leitura, já tendo morado fora de São Lázaro, para onde vieram por necessidade material, quando TR ficou viúva. A rede de relações sociais que eles têm conquistado para além do espaço da comunidade, seja através de atividades escolares, de lazer ou profissionais - no caso de AE, permite que a família tenha uma visão crítica sobre a importância dos eventos de escrita na vida das pessoas de um modo geral. Os três sentem-se constrangidos por afirmar que não lêem e/ou escrevem com assiduidade, embora não tenham alegado nenhum tipo de dificuldade em adquirir material escrito para se justificar, como fez a maioria dos sujeitos. AE opina sobre o ato de escrever um texto, e sobre a necessidade do indivíduo ler para poder se relacionar com a sociedade, em especial com pessoas de prestígio social. E TR e AA justificam-se lembrando implicitamente que são leitoras experientes porque têm experiência universitária, sendo que TR alega que na faculdade não escreve muito, dando a entender, portanto, que não está obrigada a manter atividades cotidianas de escrita, embora tenha capacidade para tanto.

A função social dos sujeitos na comunidade é fundamental para caracterizar a atitude que estes assumem com relação às suas práticas individuais de leitura e de produção de textos. É importante citar, por exemplo, a atitude que ZB e RI assumem sobre as suas experiências com a escrita: tanto ele quanto RI, durante as entrevistas, fizeram questão de valorizar os seus poucos anos de estudo, já que os dois desempenham papel social de destaque em São Lázaro, não admitindo portanto serem desqualificados pelo seu histórico escolar restrito. Os dois dizem enfaticamente que adoram ler. ZB, como líder comunitário, é consciente de que precisa ler para estar

atualizado sobre fatos da realidade, e fala sobre autores brasileiros conhecidos de que gosta, procurando demonstrar familiaridade com o texto escrito. Já RI tenta esconder o fato de que se restringe a leituras religiosas e de que pouco escreve, quando cita outros tipos de texto já lidos por ela em épocas passadas, e leituras de rotina realizadas por pessoas de sua família. E RA, que embora assuma que não gosta muito de ler e de escrever, lê jornais e revistas como ZB, para permanecer informada.

As práticas coletivas de escrita, que atendem ao interesse de moradores, são realizadas por sujeitos que possuem um alto grau de engajamento na comunidade, por conta dos padrões de interação social que mantêm no local. É importante lembrar que, embora a escolaridade influencie os usos que os sujeitos fazem da escrita, é a função comunitária que exercem quem os autoriza a usá-la em nome da coletividade. Tanto que ZB, por exemplo, embora só tenha concluído o curso primário, é quem redige os ofícios da liderança comunitária. Portanto, o domínio da modalidade escrita da língua requer sobretudo competência social e não apenas competência técnica (Fabre, 1997).

Estes usos coletivos de escrita, característicos do universo em estudo, são pertinentes para definir a atitude dos sujeitos sobre estas ações. E que dizem respeito à interpretação que eles fazem de suas práticas de escrita e das ações de escrita dos demais sujeitos, que são negociadas durante o processo de elaboração dos textos. RA, por exemplo, submete o que escreve para os eventos de São Lázaro aos demais companheiros de liderança comunitária, que negociam os seus aspectos estruturais e significados, embora ela não abra mão da sua autoria. O mesmo pode-se comentar sobre os ofícios de ZB, com a ressalva de que os textos escritos que propõe muitas vezes suscitam opiniões divergentes entre ele e os seus companheiros. Este fato revela o conflito entre o seu nível de escolaridade e a função social que exerce em São Lázaro, embora prevaleça este último aspecto para a decisão final sobre a concepção dos textos escritos.

Sobre este aspecto, nota-se que IR mantém um nível periférico de engajamento com a comunidade, mantendo-se portanto distante dos contextos de interação verbal em que se desenvolvem as atividades coletivas de escrita, que convergem para o espaço central da comunidade e constituem o núcleo das tradições de escrita do lugar. Como conseqüência, ele não concorda com a função social que ZB desempenha na

comunidade, e o desautoriza como redator por conta de seu baixo grau de escolaridade. Interessante relatar que IR reconhece o papel social desempenhado pelos sujeitos que realizam atividades religiosas na capela, e que mantêm relações estreitas com pessoas de classe média residentes em outros bairros. Tanto que ele acredita na capacidade de RI de redigir ofícios, apesar desta só ter feito o antigo curso primário.

Ressalta-se o caráter interativo destas práticas de escrita de construção coletiva: elas pressupõem leitores reais, que muitas vezes são seus co-autores. E esta duplicidade de papéis durante a construção coletiva do material escrito revelam a alternância de usos orais e usos escritos da língua, através da leitura em voz alta e dos diálogos mantidos pelos sujeitos durante o processo de redação de um ofício ou cartaz, por exemplo. Oralidade e escrita, portanto, servem de reforço mútuo e os seus usos entrelaçam-se de acordo com os contextos específicos de interação verbal em que ocorrem.

Os sujeitos da pesquisa apontaram durante as entrevistas os gêneros de escrita que fazem parte de suas práticas de leitura. É interessante notar que os gêneros jornalísticos, disponibilizados em jornais e revistas, são os mais citados pelo grupo. Textos escritos que trazem informação atualizada sobre acontecimentos de diversa ordem são instrumentos importantes de aprendizado para que as pessoas – principalmente as que vivem em grupos sociais urbanos – sintam-se inseridas em contextos sócio-históricos mais amplos, como o da cidade e do estado, por exemplo. E jornais e revistas são os suportes textuais que circulam mais facilmente pela comunidade, além de conter gêneros discursivos diversos: além de notícias, eles disponibilizam, por exemplo, os quadrinhos e o horóscopo, que funcionam como passatempo, e os que são instrutivos, como as receitas culinárias, dentre outros.

Neste contexto, é pertinente lembrar que o telejornal desponta na pesquisa como o programa de televisão mais assistido pelo grupo, constituindo a prática particular de lazer preferida dos sujeitos. Ele disponibiliza informações de natureza diversa e constitui um gênero discursivo do domínio misto, de acordo com a classificação proposta por Marcuschi (2001), já que possui meio de produção sonoro e concepção discursiva escrita. Enquanto discurso informa um público sobre fatos do cotidiano, e a

oralização do texto escrito, conseqüência dos recursos áudio-visuais utilizados, permite que os sujeitos com diferentes experiências de escrita façam parte, como expectadores e ouvintes, do grande auditório virtual a que se destina o telejornal.

Os fatores sexo e idade são pertinentes para caracterizar os leitores dos gêneros jornalísticos, já que a maioria das mulheres mais velhas não apontou os textos de jornais e revistas como a sua leitura preferida, ao contrário dos demais grupos de sujeitos. Estas mulheres permanecem mais tempo em casa do que os demais entrevistados, e as suas ações e interesses particulares restringem-se em sua maior parte a atividades domésticas e familiares, o que não incentiva a prática de leitura de textos de periódicos como fonte de lazer ou para obter informações sobre acontecimentos diversos. É importante notar que a maioria delas assiste regularmente aos telejornais. Estes, ao contrário dos textos escritos, estão incorporados às suas atividades particulares cotidianas, já que impõem uma rotina fixa sem que estas mulheres precisem se instituir como leitoras, e interromper as outras atividades domésticas que realizam.

Observa-se que os jovens em sua maioria lêem textos do domínio jornalístico não apenas para se atualizar sobre acontecimentos recentes, mas sobretudo para obter informações sobre temas de interesse próprio, sendo que as mulheres deste grupo tendem a diversificar menos as escolhas feitas, e a sofrer mais influência das práticas escolares de leitura e de produção de textos do que os homens. Os jovens em geral preferem revistas a jornais, sendo que as mulheres dedicam-se mais à leitura de revistas femininas, que contêm artigos instrutivos e narrativas românticas direcionadas a elas, e à leitura de reportagens sobre temas polêmicos envolvendo o público jovem. Já os homens em sua maioria dão preferência à leitura de artigos sobre temas diversos, incluindo os de interesse científico ou cultural.

O fator nível de escolaridade é pertinente para caracterizar os textos de gêneros jornalísticos que os sujeitos dizem ler, já que quanto menos escolarizados eles são, menos direcionadas e mais aleatórias são as escolhas feitas sobre o quê ler. AT, por exemplo, que mal domina o código gráfico, é evasivo e só especifica um gênero jornalístico de escrita de sua preferência, os quadrinhos, em que a linguagem visual interage com a linguagem verbal. TP é do mesmo modo evasiva: ela cita aleatoriamente

os gêneros de escrita que conhece do jornal como sua fonte de leitura, e quando fala de revistas também se detém em gêneros de escrita que usam a linguagem visual, como as seções de moda e o “desenho”. Neste sentido, pode-se afirmar eles têm uma noção ampla do texto escrito, já que para ambos ‘ler’ e ‘olhar’ revistas e jornais são ações que não se distinguem. Por sua vez a jovem VA, embora freqüente a escola como a maioria das jovens, faz referência vaga sobre as suas atividades esporádicas de leitura. Já os sujeitos que cursaram todo os anos do ensino fundamental, em sua maioria apontam os gêneros jornalísticos de escrita que mais gostam de ler, e muitas vezes justificam as suas escolhas.

O papel social que os sujeitos desempenham na comunidade é importante para caracterizar os seus hábitos de leitura, considerando-se gêneros jornalísticos de escrita. RA e ZB, líderes comunitários, costumam ler reportagens e artigos de jornais para se manter informados sobre fatos da realidade, constituindo RA uma exceção no grupo de mulheres mais velhas, e ZB um diferencial entre os sujeitos com baixo nível de escolaridade. Já o fator profissão é pertinente apenas para caracterizar as leituras de textos escritos de gêneros jornalísticos feitas por AE, já que ele costuma ler artigos sobre música, elemento de ligação entre si e pessoas com que interage em outros contextos sócio-culturais.

A tradição religiosa do universo de São Lázaro reflete-se nos textos que os sujeitos dizem ler, já que os gêneros de escrita de natureza religiosa formam o segundo grupo de textos mais citados pelos sujeitos como referência para a leitura particular.

Os fatores sexo e idade são importantes para caracterizar as leituras particulares que os sujeitos fazem destes textos. Estas atividades de leitura são parte das práticas particulares cotidianas dos sujeitos mais velhos, e referem-se à sua formação espiritual e à sua crença religiosa. RG e RA são exceções deste grupo, já que a primeira permanece a maior parte do tempo fora de casa a trabalho e não dispõe de tempo livre, enquanto a segunda dedica-se a atividades comunitárias em São Lázaro e não reserva espaço para este tipo de leitura em suas práticas cotidianas particulares. Os homens jovens, por sua vez, lêem apenas esporadicamente textos de natureza religiosa como parte de sua formação intelectual, para “conhecer”. Já as mulheres jovens, que

constituem o grupo entrevistado que menos diversifica as suas preferências de leitura, não fazem parte deste grupo de leitores.

Os fatores escolaridade e idade também aplicam-se conjuntamente para caracterizar a leitura que os sujeitos fazem de textos escritos de natureza religiosa. Os sujeitos mais velhos com baixo nível de escolaridade fazem referências a estas ações de ler mais como uma atitude positiva que assumem com relação à sua formação cristã, do que como prática efetiva de leitura. Neste sentido, RO tenta se instituir como leitora através da leitura de trechos de textos religiosos recomendados por outras pessoas, enquanto TP é evasiva com relação a este tema. ZB fala do dever de se ler a Bíblia, enquanto AT e AB fazem questão de dizer que possuem o texto sagrado, fazendo referências genéricas sobre 'salmos'. Acrescenta-se que AB, que é semi-analfabeto, relaciona escrita à linguagem visual, e à fala: ler salmo corresponde a ver mapas e rezar /entoar orações em cultos católicos. Já TR, que tem nível superior de escolaridade, relata a sua experiência concreta como leitora de textos escritos de natureza religiosa especificando a sua função dentre as suas práticas de leitura.

O fator relações familiares é pertinente para caracterizar a leitura que os sujeitos fazem de textos de natureza religiosa. A formação espiritual de TR, que é católica praticante e faz reflexões sobre temas religiosos através de suas práticas de leitura, influenciam AA e AE, seus filhos. A primeira é a única jovem que diz ler textos desta ordem, mesmo que raramente, enquanto o segundo é o único sujeito que especifica de forma sintética os temas religiosos sobre os quais gosta eventualmente de ler. RI, por sua vez, embora só tenha feito o antigo curso primário, institui-se como leitora através da tradição familiar de leitura em voz alta e de recitação de ofícios religiosos, sendo esta uma prática arraigada às suas atividades particulares cotidianas.

Os fatores sexo e idade são pertinentes para caracterizar a leitura que os sujeitos dizem fazer de romances, gênero literário que constitui o terceiro grupo de textos mais citados pelos entrevistados. Somente a maioria das mulheres jovens, que constituem os sujeitos que menos diversificam as suas escolhas de leitura, cita este gênero textual, além dos homens ZB e VI. É importante frisar que a citação do romance não se relaciona necessariamente às práticas de leitura destes sujeitos, e sim à influência da cultura escolar, que privilegia títulos deste gênero textual, de autores tradicionalmente

consagrados. VI, por exemplo, cita o romance de aventuras: ele estuda e, ao contrário de IR e AE, não está trabalhando; recebe, portanto, influência direta das práticas escolares.

O fator escolaridade é importante para caracterizar a leitura que os sujeitos dizem fazer de romances. AA, que completou o ensino superior, é a única pessoa que cita um título de livro, ao contrário dos outros sujeitos, sendo que VA, que ainda não terminou as primeiras séries do ensino fundamental, mostra contos infantis em livros didáticos como as obras literárias que conhece, não os distinguindo de romances. ZB, exceção entre os homens mais velhos, embora fale do romance como um dos gêneros textuais que fazem parte de suas práticas de leitura, amplia o seu quadro de referências ao dizer que gosta “de tudo”, de ler “os livros dos escritores”; ele reconhece o valor social e literário conferido a romances contemporâneos de autores consagrados, tenta incluí-los em suas práticas de leitura, mas na verdade não se constitui em leitor experiente destes textos.

Pode-se afirmar que a função social que ZB exerce em São Lázaro também influencia a sua citação da leitura de romances, já que conhecer, ou reconhecer, obras literárias de autores conhecidos do grande público confere prestígio social aos seus leitores.

Outros gêneros citados isoladamente atendem a necessidades individuais dos sujeitos. A profissão de AE, por exemplo, influencia a sua preferência pela leitura de artigos sobre música. Já a situação de arrimo de família de RG, e o tempo exíguo de que dispõe para práticas de leitura, caracterizam a sua escolha por textos instrucionais, de natureza prática, que possam orientá-la em sua vida doméstica e em suas atividades profissionais. IR, por sua vez, diz ler provérbios, como fonte de reflexão sobre a vida, já que gosta de ler para adquirir conhecimento.

As práticas de leitura referentes a ações coletivas dos sujeitos correspondem a eventos sociais marcados por diferentes contextos de interação verbal, que relacionam de forma singular usos da fala e da escrita.

As práticas de leitura que correspondem às ações coletivas dos sujeitos realizadas no espaço de São Lázaro são caracterizadas pelos fatores sexo e idade. A leitura coletiva de textos bíblicos é geralmente feita pelas mulheres mais velhas em

celebrações religiosas. Este grupo permanece a maior parte do tempo na comunidade sem contudo freqüentar os espaços comunitários, como o largo. Estas ações portanto refletem a relação estreita que elas mantêm com o bairro e com os seus moradores, reafirmando a sua posição social na comunidade. Nestes contextos usos orais e usos escritos entremeiam-se de acordo com os eventos específicos em que ocorrem: leitura em voz alta, sermão e cânticos alternam-se nos cultos; já o diálogo está presente nas novenas, quando os participantes negociam o sentido do texto lido, etc. A exceção do grupo é RA, cujas ações coletivas cotidianas diferem das atividades realizadas pela maioria das mulheres de sua faixa etária

Os fatores função social e escolaridade são igualmente importantes para caracterizar estas práticas coletivas de leitura compartilhada de textos bíblicos. A função de ministra de eucarística desempenhada por TR e RI lhes permite presidir atividades de leitura em voz alta durante os cultos, enquanto RG e TP apenas acompanham a leitura realizada por outras pessoas. Já o nível de escolaridade de TR permite que ela seja leitora experiente de textos de natureza religiosa, e portanto não apenas leia textos bíblicos em um auditório como fazem as outras mulheres que possuem apenas o nível primário de escolaridade, mas também ministre aulas de catecismo para crianças com base em leituras de textos, e discuta o conteúdo das novenas com outras mulheres presentes a estas cerimônias. Ou seja, ela não apenas apresenta um texto bíblico cuja leitura e interpretação autorizada pela igreja serão compartilhadas durante os cultos, mas também propõe a leitores reais ou presentes, a negociação de sentido de textos, sob sua orientação.

Os fatores sexo e idade caracterizam as práticas coletivas de leitura desenvolvidas fora de São Lázaro pelos sujeitos, já que apenas TR, RI e RO participam destes eventos de interação verbal. O fator escolaridade é também pertinente para defini-las, já que TR, com maior experiência escolar, é a única que compartilha de atividades desta natureza que não fazem parte da tradição religiosa das mulheres de São Lázaro, e sim de um projeto teatral. Nele, os sujeitos não são apenas leitores concretos, mas também co-autores dos textos, já que opinam sobre o seu sentido e interferem na sua estruturação, mesclando atividades escritas com atividades orais. Por sua vez RI, como reafirmação de sua formação católica, participa apenas de ciclos de

leitura de textos religiosos, cujo significado dogmático é proposto pela igreja e compartilhado entre os leitores presentes. Leitura em voz alta do texto escrito e comentários orais posteriores alternam-se nestes contextos interativos. Já RO também participa de práticas de leitura coletiva de textos bíblicos, mas como apresenta dificuldades em se instituir como leitora por causa de seu baixo nível de escolaridade, para fazer a leitura individual dos textos ela acompanha a leitura em voz alta e posteriores comentários sobre eles, feitos pelos demais participantes.

Alguns homens mais velhos, como ZB, que compõem o grupo de moradores com o maior grau de engajamento na comunidade, participam de atividades de leitura em voz alta de textos de humor e de textos lúdicos, que funcionam como atividades de lazer. Estas são práticas interativas em que leitores presentes são também ouvintes que negociam aos sentidos possíveis dos textos, para que estes atinjam o efeito desejado: provocar risos e comentários jocosos. Nestes eventos de escrita, portanto, diálogos e comentários orais entrecruzam-se com a leitura compartilhada dos textos em voz alta. RA participa destas leituras coletivas já que, como muitas mulheres com mais de trinta anos, mantém uma relação estreita com São Lázaro e porque, como exceção deste grupo, desenvolve ações coletivas da liderança do bairro e participa das práticas de lazer desenvolvidas nos espaços comunitários, principalmente no largo.

Com relação à produção de textos, evidencia-se que idade e escolaridade são fatores importantes para caracterizar os que não escrevem, já que AB, AT e RO encontram-se entre os sujeitos mais velhos e com o menor grau de escolaridade.

Já os demais sujeitos escrevem muito menos do que lêem, de acordo com as suas declarações. Ou seja, a ação de ler ocupa um espaço muito maior na vida destas pessoas do que a ação de escrever, já que em seu cotidiano elas lêem preferencialmente textos dissertativos, como os textos jornalísticos, com o objetivo de obter informações ou construir conhecimentos que possam auxiliá-los em suas atividades. Já com relação à produção textual, há o predomínio da escrita de caráter pessoal, no conjunto das práticas particulares dos sujeitos, em que a ação de escrever não é previsível, e sim eventual.

Observa-se que o fator sexo retrata o grupo de pessoas que produz mais textos, já que as mulheres escrevem mais do que os homens. Elas permanecem mais tempo na

comunidade, e portanto dedicam-se mais à vida doméstica do que eles. E neste ambiente predominam as práticas particulares, e dentre estas situam-se as práticas de escrita.

Escrever cartões de Natal, gênero textual mais citado pelos sujeitos, é uma atividade local tradicional, recorrente e predominantemente feminina. As mulheres, em sua rotina diária, participam muito menos do que os homens de práticas coletivas, de caráter informal, realizadas nos espaços comuns de São Lázaro, como o largo da capela. Portanto, a convivência menos intensa entre as mulheres, e por isto mais formal, favorece o hábito de escrever cartões e de trocá-los, o que serve para reafirmar anualmente antigos laços de amizade, ou vínculos comunitários.

O fator função social é igualmente importante para caracterizar os sujeitos que trocam cartões natalinos, já que RA e ZB são líderes comunitários e adotam esta prática como um elemento de confirmação do seu engajamento ou compromisso social com o bairro, assim como TR, que desenvolve ações assistencialistas em São Lázaro.

O fator idade por sua vez é importante para caracterizar o grupo de sujeitos que costuma escrever cartas pessoais, já que os mais velhos utilizam a carta como meio tradicional para manter contato com parentes e amigos.

Os fatores sexo e idade caracterizam os sujeitos que escrevem poemas, já que esta atividade é desenvolvida por jovens, sendo que para as mulheres ela é antes de tudo uma fonte de expressão de sentimentos pessoais influenciada pela vivência escolar de leitura de textos poéticos, enquanto para os homens ela também pode ter uma função objetiva, como, por exemplo, a de demonstrar a competência do redator, quando IR escreve poemas a pedidos de amigos fora do contexto de São Lázaro, ou a de fazer parte de outras práticas do sujeito, quando AE os transforma em letras de música.

As máximas ou “dizeres” são exceção dentre os textos de caráter pessoal, e caracterizam-se pelo fator idade, já que são produzidos por dois jovens, AA e VI. AA já ultrapassou a fase escolar e não produz mais textos como poemas, que muitas vezes atendem à necessidade de expressão subjetiva própria de adolescentes, ou seja, ela sofre influência direta das práticas escolares de escrita. Tanto que as máximas têm significado de ordem moral e didática, e logo não se restringem à necessidade de

expressão intimista de seus autores. Já VI, enquanto homem jovem, escreve eventualmente textos subjetivos, como as máximas, não para externar sentimentos pessoais, mas para reafirmar conteúdos recorrentes de ordem geral. Ele permanece a maior parte do tempo na comunidade já que não está trabalhando e, portanto, qualquer texto de natureza pessoal que escreva não pode assumir nenhuma função objetiva fora de seu contexto particular de produção escrita, como é o caso dos poemas produzidos por AE e IR. Logo, os “dizeres” assumem a função de textos tanto subjetivos, pois revelam a adesão do autor ao seus significados, quanto objetivos, pois remetem-se a um público indeterminado .

Os textos de natureza objetiva desempenham papel secundário no conjunto de práticas de escrita dos sujeitos, e são caracterizados pelos fatores sexo e idade: os bilhetes, as listas e relatos escritos são textos informais de ordem geral que servem como auxílio para a memória, sendo citados por três mulheres mais velhas como parte de suas práticas cotidianas, enquanto os textos dissertativos são produzidos pelos jovens para fins específicos: as jovens escrevem principalmente textos como parte das práticas escolares de escrita, concentrando-se em temas de interesse próprio deste grupo. Já o jovem IR escreve ofícios para estabelecer contatos formais, de seu interesse, fora do contexto de São Lázaro.

As produções de textos que representam ações coletivas são caracterizadas pelos fatores idade, função social e escolaridade, ou seja, dizem respeito aos sujeitos mais velhos que desenvolvem atividades comunitárias no contexto de São Lázaro, como ZB e RA. Embora ZB tenha autoridade para escrever em seu nome os ofícios da liderança comunitária, é RA que coordena estas ações, por ser a pessoa do grupo que possui maior grau de escolaridade.

O ato de confeccionar os ofícios e os cartazes da liderança comunitária refere-se a redatores e leitores reais, ou presentes, que negociam formas e significados do texto escrito, através do diálogo, em determinados eventos de interação verbal. Já os discursos são proferidos nas solenidades das representações de bairro e envolvem oradores e ouvintes que são também leitores que compartilham a apresentação oral do texto escrito. Nestes eventos, como os liderados por RI e ZB, o discurso pressupõe a atividade oral que o constitui; nele os oradores avaliam o seu efeito sobre o público, e

podem interpor oralidade à leitura, momento em enfatizam o conteúdo do texto através de explicações ou argumentações.

A cópia de textos é feita predominantemente pelas mulheres, já que esta constitui uma prática opcional com relação às atividades de escrita cotidianas. A exceção é VI, que como a maioria das mulheres, permanece a maior parte do tempo na comunidade e dispõe portanto de mais tempo para desenvolver estas atividades. Predominam as cópias que atendem à satisfação ou necessidade pessoal dos sujeitos, como as de letras de música, versos, “frases” e trechos da Bíblia, sendo minoria as cópias que têm função instrumental, e que se referem geralmente às receitas culinárias.

O fator escolaridade influi na caracterização destas atividades já que AT, que tem domínio rudimentar do código gráfico, faz cópias para aumentar o seu domínio da prática de produção de textos; para tanto, faz escolhas aleatórias e não direcionadas de material escrito a ser reproduzido.

## 2• Os textos escritos coletados: apresentação e interpretação

Os textos escritos que circulam na comunidade, incluindo os que compõem o acervo de dados da pesquisa, determinam e refletem a lógica da vida cotidiana dos moradores e freqüentadores de São Lázaro. O material coletado é apenas uma amostra de alguns usos de escrita que são feitos em diferentes contextos e com diferentes funções. E ele compõe-se de textos escritos entregues pelos sujeitos da pesquisa e de textos coletados no local.

As manifestações de leitura e de escrita são atividades interativas e complementares no contexto das práticas sociais e culturais, e identificá-las requer que se considere ou o ponto de vista de quem produz os textos observados, ou o ponto de vista de quem os consome, no caso o leitor. Nesta perspectiva, procedemos a seguir a apresentação dos textos escritos de acordo com as atividades de leitura e de produção de textos.

É importante esclarecer que os cartões de Natal compõem o ritual de renovação de votos de boas festas, prática tradicional entre os moradores de São Lázaro. Aqui estes sujeitos atuam como redatores e também leitores, assumindo um revezamento de papéis próprio deste contexto de interação verbal. Durante as entrevistas estes cartões foram citados como parte das práticas de produção textual, sendo, porém, disponibilizados para a pesquisa somente os cartões recebidos, o que os inclui, neste item, no acervo dos textos coletados relacionados às práticas de leitura.

#### A. As atividades de leitura

Os textos que se submetem à leitura coletiva constituem, em sua maioria, práticas de natureza religiosa, podendo fazer parte também de atividades de lazer. Eles estão exemplificados abaixo de L1 a L4. A interação verbal entre autor, texto e leitores presentes a estes eventos retrata a relação singular entre contexto social, práticas de escrita e práticas de oralidade mantida pelos sujeitos na vida cotidiana de São Lázaro.

O texto L1 é a reprodução de parte de um material escrito e impresso pela igreja católica, e distribuído em São Lázaro pelos padres da capela. Ele é um texto para ser lido em voz alta por um grupo de pessoas nas novenas realizadas nos tríduos preparatórios para a cerimônia de Natal. O seu tema geral é a Pastoral da Criança, da CNBB.

A prática de leitura compartilhada por interlocutores presentes pode ser caracterizada pelo uso de verbos na primeira pessoa do plural, comum em textos utilizados em rituais religiosos. A estrutura em tópicos está de acordo com os momentos distintos da cerimônia, e a participação dos sujeitos nos turnos de leitura em voz alta determina a divisão do texto em parágrafos. As marcações no início de cada turno ou parágrafo indicam quem está autorizado a ler em voz alta: ou o sujeito que preside o ritual, ou aquele que foi escolhido para ler determinados parágrafos, ou todos os presentes em uma espécie de coro.

O primeiro tópico, intitulado "Iluminados pela Bíblia", remete à leitura de uma passagem de outro texto religioso - o Evangelho segundo São Mateus, que serve de contexto para a interpretação ou significação do texto da novena. Neste tópico inclui-se

a indicação de canto, elemento tradicional dos rituais religiosos, que é executado pelos presentes sem ajuda de texto escrito, já que as preces cantadas são aprendidas oralmente durante o processo de iniciação religiosa, e tradicionalmente repetidas de cor.

No tópico "Refletindo Juntos", em que reafirmam-se valores cristãos, os períodos morfossintáticos submetem-se à divisão de turnos de fala. Ou seja, as frases repetidas nos coros, ou turnos compartilhados por todos, continuam os períodos iniciados em turnos anteriores, ampliando o seu significado. O terceiro tópico, "Conversando", propõe aos leitores uma reflexão pessoal sobre o tema abordado, de acordo com a sua visão de realidade. Para tanto são formuladas três questões a serem colocadas para o grupo pelo sujeito que preside a cerimônia. Estes parágrafos numerados, constituídos de perguntas feitas em discurso direto, instauram uma situação de diálogo no ritual, já que as respostas são dadas pelos presentes oralmente e podem suscitar novas perguntas e novas respostas.

Em "Rezando Juntos", pequenas preces são distribuídas por turnos, acompanhadas de refrão no turno coletivo. E outras preces são sugeridas e feitas sem o auxílio do texto escrito, em voz alta e em conjunto. O ritual coletivo da novena encerra-se neste tópico.

A leitura em voz alta, a estrutura dos tópicos, as perguntas que propõem um diálogo, e o uso de pontos de exclamação e de caracteres em negrito nas preces e refrãos, que sugerem a vocalização mais intensa destes trechos, são resultado de uma concepção oral presente no texto escrito. A negociação do significado do texto, neste contexto discursivo, constrói-se nas falas, nos gestos rituais, e no papel que cada sujeito desempenha na cerimônia coletiva, o que se reflete na sua composição final.

Na comunidade TR preside as novenas, sendo acompanhada por outras senhoras. O pesquisador participou de uma novena na casa de uma moradora da comunidade acompanhada por mais seis senhoras, e observou que TR sempre assume o turno inicial de cada parte, passando depois a palavra às demais pessoas presentes. Algumas senhoras durante o evento apresentaram muitas dificuldades para ler os trechos sob a sua responsabilidade, o que se supõe ser devido à sua pouca

escolaridade. Mesmo diante das dificuldades elas não abriram mão de seu papel de leitoras, embora a presença do pesquisador as tenha inibido e algumas tenham cedido o turno de leitura antes do seu término. TR manteve-se à frente da cerimônia o tempo todo e foi responsável pela preleção, sendo escutada com muita atenção pelos presentes. Esta sua ação ilustra o engajamento que ela possui no local, através da função que exerce no grupo, enfatizado por seu grau elevado de escolaridade, em comparação com os demais sujeitos.

L2 (HINO A SÃO LÁZARO) reproduz os hinos aos santos padroeiros da capela. Estes textos escritos funcionam como letras de canções, sendo produzidos portanto para serem lidos ou cantados em voz alta, em conjunto, durante os cultos, o que se reflete na sua estrutura em estrofes de versos rimados, acompanhadas de refrão. Ou seja, eles utilizam o meio gráfico mas têm concepção oral, já que fazem parte de práticas de escrita constituídas pelo oral. Por outro lado, estes textos incorporam formas tradicionais de escrita cristalizadas no discurso religioso, como por exemplo, o uso do verbo na segunda pessoa do plural e de palavras como 'lenir e 'portento'. Os devotos leitores em geral memorizam estes hinos, dispensando o auxílio do texto escrito, e os incorporam às suas práticas religiosas coletivas, como parte das tradições de escrita da comunidade.

Em L3 (SEU FUTURO PODERÁ SER FELIZ) há a reprodução do trecho de um texto, de autor desconhecido, utilizado por pastores evangélicos em suas pregações religiosas nas casas populares que costumam visitar. A estrutura do texto adapta-se à sua intenção de convencimento ou de conversão religiosa; portanto, adapta-se ao uso oral, já que ele é lido geralmente em voz alta para um auditório. O leitor / ouvinte é tratado no texto informalmente pelo pronome 'você', o que subentende um interlocutor presente. Trechos da Bíblia são citados e incorporam-se ao texto principal, e o título principal junto com o primeiro parágrafo compõem-se de frases de efeito justapostas que chamam a atenção do leitor / ouvinte para o tópico a ser abordado em seguida, assim como o uso abundante de pontos de exclamação em todo o material escrito. O texto também se constrói por períodos curtos ou compostos por coordenação, típicos da fala, facilitando a compreensão da mensagem pela maioria do público a que se destina. A pregação didático-religiosa feita pelo pastor através da leitura em voz alta do texto,

alternada por sua preleção e pelas repostas dos interlocutores presentes, dão portanto sentido a este evento de escrita, integrante das práticas religiosas de São Lázaro, constituindo-o.

O texto em L3 foi entregue ao pesquisador por RG, já que ela costuma receber os "crentes" que vão à sua porta "levar a palavra de Deus", assim como RE e muitas famílias de São Lázaro. Textos desta natureza são deixados pelos pregadores com as famílias para novas leituras individuais em busca de "conhecimento". RG, assim como a mãe de RE e outras mulheres da mesma faixa etária que possuem nível elementar de escolaridade, mantém uma relação estreita com a comunidade e participa de práticas religiosas eventuais, embora não freqüente espaços comuns em São Lázaro, como a capela e o templo evangélico. No contexto discursivo em questão, o texto em destaque remete-se a práticas coletivas e interativas realizadas em espaços particulares, e a função do pastor é também a de instituir estas mulheres como leitoras, através da leitura e interpretação compartilhada do material escrito apresentado.

comunitários envolvidos nessa missão de preservar a vida da criança brasileira. A imensa maioria dessas pessoas é formada por mulheres corajosas e fortes e elas contam até com a ajuda de milhares de crianças. Uma dessas líderes garante que não houve uma morte sequer por falta de assistência. Outra líder afirma que "Não se tem conhecimento, também, de crianças acompanhadas pela Pastoral que estejam nas ruas". O país inteiro está reconhecendo o valor desse trabalho e D. Aloysio, bispo de Bauru, escreve: "A Pastoral da Criança não pára. Sua meta é levar vida e esperança a um número sempre maior de crianças, gestantes e comunidades".

### ★ ILUMINADOS PELA BÍBLIA

A - Santifiquemos o nosso encontro ouvindo a palavra de Deus.

### Canto (À escolha)

L2 - Proclamação do Evangelho segundo São Mateus (1,18-23)  
Palavra da Salvação!

### ★ REFLETINDO JUNTOS

A - O anúncio da vinda de Jesus nos faz reconhecer:

T - **O Pai nos deu um grande sinal de amor!**

L1 - O amor de Deus Pai é revelado em tantas coisas de nossa vida. Nos olhos das crianças, na beleza da natureza e do céu. Mas, o nascimento de Jesus é a maior e mais perfeita revelação do amor do Pai. Olhando para o presépio estamos diante dos olhos de uma criança muito especial:

T - **São os olhos brilhantes do filho da Virgem Maria. São os olhos de Jesus de Nazaré.**

L1 - Não contente em criar este mundo tão lindo para nós, o Pai demonstra ainda mais o seu amor, completando a obra da criação, nos apresentando com seu próprio Filho.

T - **E o Filho de Deus se fez homem e veio morar no meio de nós!**

L2 - O testemunho dado pela Pastoral da Criança no Brasil está nos ajudando a contemplar com maior profundidade a beleza dos olhos de Jesus Menino presente nos olhos de todas as crianças brasileiras.

### ★ CONVERSANDO

- 1 - Como cada um se sente quando ouve dizer que vai nascer uma criança? Como a sua família reagiu a esta notícia?
- 2 - O anúncio do nascimento de Jesus é um grande sinal do amor do Pai. Nós vivemos o Natal acolhendo Jesus de verdade?
- 3 - Conhecendo o exemplo da Pastoral da Criança, o que podemos fazer pelos que estão nascendo? E o que é preciso fazer pelas crianças do Brasil?

### Canto (À escolha)

### ★ REZANDO JUNTOS

A - A proximidade do Natal nos faz lembrar do grande sinal de amor do Pai para conosco. Ele nos deu Jesus, nosso Salvador. Façamos juntos os nossos pedidos.

L1 - Para que todas as crianças do Brasil tenham o carinho, o cuidado e a atenção para que cresçam saudáveis e como cidadãos comprometidos com o bem de todos, rezemos!

T - **Senhor, escutai a nossa prece!**

L2 - Para que todas as nossas famílias descubram e assumam com alegria os grandes desafios da vida com os olhos voltados para Jesus, o grande presente do amor do Pai, rezemos!

T - **Senhor, escutai a nossa prece!**

(Outras preces)

A - Vamos escolher agora o gesto concreto para o dia de hoje.

### ★ GESTO CONCRETO

"Quem recebe uma criança como esta é a mim que recebe" (Mt 18, 5).

### Sugestões:

Assumir o tratamento médico de uma criança pobre;

Custear o material escolar de uma criança pobre.

(A comunidade apresenta outras sugestões)

Oração final - Pág. 2

## HINO AO SÃO LÁZARO

O vosso cajado exprime  
brandura e humildade  
guia-nos ao feliz reino  
do amor e da caridade.

**REFRÃO: Vós sois ó São Lázaro bendito  
amparo dos sofredores  
livrai-nos da epidemia  
dos pecados e das dores.**

Nos combates da vida  
soubestes levar a palma  
livrai-nos, pois, ó São Lázaro  
da peste do corpo e da alma.

A vossa santa humildade  
Cristo recompensou  
mandando os anjos levar-vos  
ao trono de grande esplendor.

Sofrestes com alegria  
pelo amor do Bom Jesus  
triunfais hoje na glória  
no reino da eterna luz.

### *Hino do Glorioso São Roque*

1- *Salve, Salve, São Roque portento  
Das virtudes divinas e do amor  
Recebestes de Deus doce alento  
nas batalhas do mundo traidor.*

#### *Refrão*

*Salve São Roque amado  
És mensageiro celeste  
Leva a Jesus nosso brado  
Contra o contágio da peste*

2- *Recebestes de Deus, ó São Roque  
As virtudes divinas e do amor  
Que nos livra da peste ferina  
Do demônio cruel tentador*

3- *De Jesus Mestre Santo adorado  
No seu corpo e no seu pensamento  
Aos leprosos caídos na estrada  
Ias logo lenir os tormentos.*

## SEU FUTURO PODERÁ SER FELIZ!

**UMCALOROSO** abraço de quem você ama. Boas risadas numa agradável refeição com amigos queridos. O prazer de observar seus filhos brincarem. Ocasões assim são os momentos felizes da vida. Para muitos, porém, a vida parece ser uma sucessão de problemas graves. Se este for o seu caso, anime-se!

<sup>2</sup> É da vontade de Deus que você venha a ter felicidade duradoura sob as melhores das condições, num ambiente maravilhoso. Isto não é mero sonho, pois Deus realmente lhe oferece a chave para tal futuro feliz. Essa chave é o conhecimento.

<sup>3</sup> Referimo-nos a um tipo especial de conhecimento, muito superior à sabedoria humana. É “o próprio conhecimento de Deus”. (Provérbios 2:5) Uns 2.000 anos atrás, um escritor bíblico disse: “Cada casa . . . é construída por alguém, mas quem construiu todas as coisas é Deus.” (Hebreus 3:4) Imagine quanto conhecimento deve ter o Criador de todas as coisas! A Bíblia diz que Deus conta e dá nome a todas as estrelas. Que idéia assombrosa, considerando que há centenas de bilhões de estrelas na nossa galáxia, e, segundo os astrônomos, existem uns cem bilhões de outras galáxias! (Salmo 147:4) Deus também sabe tudo a **nosso** respeito, assim, quem a não ser ele poderia fornecer

1, 2. O que deseja o Criador para você?

3. Que conhecimento é a chave da felicidade, e por que podemos ter certeza de que Deus pode suprir esse conhecimento?

cer as melhores respostas às importantes questões da vida? — Mateus 10:30.

<sup>4</sup> Visualize dois homens tentando consertar seus carros. Frustrado, um deles larga as ferramentas no chão e desiste. O outro calmamente corrige o problema, liga a chave de ignição e sorri ao ver o motor pegar e funcionar suavemente. Não seria difícil adivinhar qual dos dois homens tinha um manual de instruções do fabricante. Não é lógico que Deus forneceria instruções para orientar a nossa vida? Como talvez saiba, a Bíblia afirma ser justamente isso — um livro de instruções e orientações do nosso Criador, projetado para transmitir o conhecimento a respeito de Deus. — 2 Timóteo 3:16.

<sup>5</sup> Se essa afirmação da Bíblia for correta, imagine que tesouros de conhecimento deve conter esse livro! Em Provérbios 2:1-5, ela nos insta a procurar a sabedoria, a cavar em busca dela como se fosse um tesouro oculto — não no terreno do pensamento humano, mas na própria Palavra de Deus. Se procurarmos ali, acharemos o próprio conhecimento de Deus. Visto que Deus conhece as nossas limitações e necessidades, ele nos dá instruções que nos ajudam a levar uma vida pacífica e feliz. (Salmo 103:14; Isaías 48:17) Ademais, o conhecimento de Deus nos proporciona emocionantes boas novas.

### VIDA ETERNA!

<sup>6</sup> O bem-conhecido personagem histórico Jesus Cristo descreveu esse aspecto do conhecimento de Deus em termos claros. Ele disse: “Isto significa *vida eterna*, que absorvem conhecimento de ti, o único Deus verdadeiro, e daquele que enviaste, Jesus Cristo.” (João 17:3) Imagine — conhecimento que conduz à vida eterna!

4. Por que seria de esperar que Deus fornecesse instruções para nos orientar, e que livro atende a essa necessidade?

5. De que valor é o conhecimento contido na Bíblia?

6. Que garantia deu Jesus Cristo a respeito do conhecimento de Deus?

# UM CORNO PARA CADA DIA DO MES

PROCURE NA RELAÇÃO ABAIXO, A SUA DATA DE NASCIMENTO E  
DESCUBRA "QUE TIPO DE CORNO VOCE É"

- 01- CORNO MACHO - O QUE VÊ A MULHER COM OUTRO E SÓ BALANÇA A CABEÇA
- 02- CORNO BANANA - A MULHER VAI EMBORA E DEIXA UMA PENCA DE FILHOS
- 03- CORNO XUXA - O QUE NÃO LARGA A MULHER POR CAUSA DOS BAIXINHOS
- 04- CORNO AZULEJO - BAIXINHO QUADRADO E LISO
- 05- CORNO GALO - O QUE TEM CHIFRE ATÉ NOS PÉS
- 06- CORNO MAXIXE - O QUE TEM CHIFRE ATÉ NA BARRIGA
- 07- CORNO CUSCUZ - É AQUELE QUE VÊ E ABABA
- 08- CORNO U.R.V. - A CADA DIA QUE PASSA O CHIFRE AUMENTA
- 09- CORNO POLÍTICO - O QUE SÓ FAZ PROMESSA : "VOU MATAR ESSE CARA"
- 10- CORNO CURURU - QUANDO VÊ A MULHER COM OUTRO, FICA TODO INCHADO
- 11- CORNO DINOSSAURO - QUANDO CHEGA EM CASA GRITA "QUERIDA CHEGUEI"
- 12- CORNO SALÁRIO MINIMO - BAIXINHO E SÓ APARECE OMA VEZ POR MES
- 13- CORNO CEBOLA - QUANDO VÊ A MULHER COM OUTRO, SÓ CHORA
- 14- CORNO CHURRASCO - AQUELE QUE BOTA A MÃO NO FOGO PELA MULHER
- 15- CORNO FRIO - O QUE LEVA CHIFRE MAS NÃO ESQUENTA
- 16- CORNO GALÃO - O QUE NÃO PODE VIVER SEM O CHIFRE
- 17- CORNO IÔ - IÔ - AQUELE QUE VAI E VOLTA
- 18- CORNO VINGADOR - AQUELE QUE PARA SE VINGAR, DÁ O RABO
- 19- CORNO VALENTE - O QUE NÃO SABE, QUANDO FICA SABENDO VÊ A FERA
- 20- CORNO MEDROSO - FICA ESCONDIDO ESPERANDO O RICARDÃO E EMBORA
- 21- CORNO JIBOIA - O QUE DORME NAS PERNAS DA MULHER
- 22- CORNO BATERIA - O QUE VIVE DIZENDO: VOU TOMAR UMA SOLUÇÃO
- 23- CORNO PORCO - AQUELE QUE SÓ COME O RESTO
- 24- CORNO MORCEGO - O QUE SÓ APARECE A NOITE PARA CHUPAR
- 25- CORNO PREGUIÇA - O QUE SÓ CHEGA ATRASADO: "EU AINDA TE PEGO"
- 26- CORNO ABELHA - VAI PARA A RUA FAZER CERA E VOLTA CHEIO DE MEDO
- 27- CORNO TERREMOTO - QUANDO VÊ A MULHER COM OUTRO FICA TREMENDO
- 28- CORNO BRAHMA - AQUELE QUE PENSA QUE É O NUMERO UM
- 29- CORNO CARRAPATO - VIVE GRUDADO NA MULHER, TENTANDO EVITAR CHIFRE
- 30- CORNO GRANJA - QUE DÁ CASA E COMIDA, MAS SÃO OS OUTROS QUE COMEM
- 31- CORNO COQUETEL - É UMA MISTURA DE TODOS OS CORNOS ACIMA CITADOS

O grupo de pessoas que se reúne nas barracas do largo para jogar às vezes compartilha da leitura em voz alta de algum texto escrito por autor desconhecido e divulgado através de volantes, como instrumento de lazer. L4 (UM CORNO PARA CADA DIA DO MÊS) refere-se a um texto recolhido por RA e que circulou entre os seus amigos. A estrutura sintática do texto é simples, já que ele está esquematizado em uma lista, cuja intenção é a de criar situação de humor entre seus leitores, a partir de um conjunto de frases que permite a construção de significados diversos e inusitados sobre um mesmo tema, através de estratégias de interpretação fornecidas por jogos de palavras, explicitadas a partir de comentários orais que acompanham a leitura em voz alta do material escrito. A leitura coletiva deste gênero de texto em espaço comum constitui, portanto, um evento singular próprio do universo masculino de São Lázaro – composto principalmente por homens que não são mais jovens e, como exceção, por RA, devido ao seu conteúdo jocoso, motivo de pilhéria entre estes interlocutores.

Dentre os textos coletados destinados à leitura individual há os de autores anônimos, que se referem à escrita de natureza religiosa ou à escrita comercial. A leitura destes textos não constitui prática particular, porque eles estão disponíveis em lugares públicos da comunidade. São padronizados, pequenos e genéricos, pois se submetem à interpretação de diferentes pessoas e têm a intenção de apresentar sucintamente o conteúdo de que tratam. Eles estão em L5 e L6 abaixo.

L5 refere-se a textos que se prestam à leitura de devotos, curiosos e visitantes que vão à capela. Estes são os ex-votos, cuja função é a de agradecer publicamente aos santos as graças alcançadas ou a de pedir a cura de enfermidades. Este material escrito fica exposto em uma sala da capela reservada para este fim. Um dos textos escritos apresentados em L5 é usado para agradecimento e o outro é usado para fazer um pedido ao santo. Eles reproduzem uma estrutura de texto escrito que é comum a todos os outros escritos com a mesma finalidade: possuem um só parágrafo, e no caso do agradecimento ao santo geralmente escreve-se o verbo 'agradecer', o nome dos santos, as palavras 'sucesso', 'operação', 'cirurgia', 'cura', 'doença' e outras semanticamente relacionadas a elas, expressões recorrentes como 'graças alcançadas', e eventualmente assina-se o nome ao final do agradecimento.

a )

Agradeco ao Sr: do Boufim  
São Roque São Lazaro  
Deba susseço da minha  
cirurgia e graças alcançadas

1996

28

Segunda

Lua Cheia

OUTUBRO

° Fogo S. Lazaro para  
curar das enfermidades  
10 pe inchado + Vasculite  
pelo quinhos ver que ele  
que aparece na pele.  
12 Benita Luiza Nunes da Costa

L5

No caso do pedido de cura, há o costume de utilizar-se o verbo 'pedir' ou outros com sentido semelhante, palavras como 'doença' ou 'enfermidade', o nome do santo invocado, o nome da doença e a assinatura ao final do pedido. Estes textos são expostos geralmente acompanhados de peças de cera com gazes, esparadrapos e tinta vermelha, símbolos visuais que reforçam o sentido das mensagens escritas.

Os ex-votos em São Lázaro são práticas culturais da religiosidade popular que fazem parte de padrões de uso da língua integrantes das tradições de escrita da comunidade. O contexto discursivo relativo ao espaço, função religiosa da capela e à linguagem visual veiculada por imagens e cores constroem, junto com a estrutura textual recorrente, o significado dos pequenos textos.

L6 contém a reprodução de textos escritos em cartazes de um bar, na fachada de uma barraca e em uma faixa em frente ao templo da Assembléia de Deus. Faixas e cartazes são comuns e têm vida efêmera no espaço público de São Lázaro; já os textos escritos em fachadas, também comuns na comunidade, permanecem mais tempo expostos à leitura pública.

Os textos de propaganda contidos nos cartazes e na fachada são objetivos e não apresentam nenhuma complexidade sintática, já que a sua função é a de anunciar os produtos à venda e o seu preço. Ou seja, estes textos formam-se de um nome e geralmente de um numeral indicando o valor dos produtos. Eles são impessoais porque representam o discurso proposto por estabelecimentos comerciais para um público amplo e até certo ponto indeterminado, o que se traduz na apresentação visual elaborada dos textos da fachada: letras de forma impressas a tinta na parede. Os pequenos cartazes do bar, por sua vez, embora manuscritos, revelam a preocupação com a apresentação do texto, já que há a correção das palavras 'arroz' e 'açúcar, o que pressupõe mais de um autor. Pretende-se causar boa impressão aos fregueses, através da comunicação satisfatória com estes interlocutores. A estrutura formal dos textos e os conteúdos disponíveis à interpretação deixam claro, portanto, a sua finalidade, como parte das ações cotidianas dos sujeitos no contexto social em estudo.



L6

As faixas geralmente contêm uma frase de efeito e são usadas para fins comerciais, para anunciar algum evento, para propaganda política ou para fazer alguma saudação. A faixa reproduzida neste trabalho foi estendida temporariamente em uma das ruas de São Lázaro por ocasião da inauguração do templo da Assembléia de Deus, e dirige-se provocativamente aos devotos católicos e demais transeuntes de uma ladeira da comunidade. A construção de seu significado portanto pressupõe a iniciação dos interlocutores na situação discursiva deste evento de escrita, já que esta subentende conhecimento anterior referente à oposição dos evangélicos à tradição católica do alto da comunidade, à resistência de alguns de seus moradores à sua presença em São Lázaro, etc. Ou seja, o evento de escrita que o cartaz em questão instaura integra-se, enquanto prática interativa, às ações que constituem o contexto social em estudo.

Textos instrumentais, destinados à leitura individual, também foram entregues à pesquisa, e encontram-se em L7 e L8, a seguir. Ambos contêm reproduções de textos dissertativos cuja intenção é a de instruir seus leitores, geralmente pessoas de nível elementar e médio de escolaridade, sobre temas específicos, através da apresentação didática do conteúdo proposto. Eles para tanto estruturam-se em períodos simples ou compostos por coordenação e usam poucos adjetivos e pronomes.

O texto escrito em L7, de autoria desconhecida, foi recolhido por RG. Ele propõe-se a orientar principalmente pessoas de baixa renda e de baixa escolaridade, como ela, a buscar nos alimentos a solução para a má alimentação. RG preocupa-se com a saúde de suas filhas, e o texto, segundo ela, é importante "para aprender". Já o texto escrito em L8 refere-se à cópia de uma matéria jornalística sobre a Aids, que é um dos muitos artigos que WA coleciona. Ela, como adolescente, mulher jovem e estudante, interessasse por temas atuais que dizem respeito especificamente à vida dos jovens, tendo acesso a eles principalmente através da escola. Os textos, portanto, caracterizam-se em seus aspectos formais e de conteúdo pela intenção que subsidia os seus usos em contextos sociais específicos, do qual fazem parte.

## As Vantagens da Boa Alimentação Complementação Alimentar

*Que seu alimento seja seu remédio,  
que seu remédio seja o seu alimento.  
(Hipócrates)*

Antigamente, o solo era mais rico e por isso os alimentos eram mais completos. Naquele tempo não se usavam produtos químicos. A poluição industrial, o uso de adubos químicos, hormônios em animais, defensivos agrícolas, etc, colaboram para que tenhamos menos saúde.

O uso de concentrados de minerais e vitaminas (farelos, pó de folhas, pó de sementes, pó de casca de ovo) em doses mínimas, mas constantemente acrescidos à nossa alimentação tradicional, fornece nutrientes que são indispensáveis para:

- promover o crescimento (dentro e fora do útero),
- aumentar a resistência a infecções,
- prevenir e curar a anemia nutricional,
- diminuir diarreias,
- diminuir doenças respiratórias e
- manter a saúde

O Brasil é um país muito rico em alimentos e preparações. Cada região precisa valorizar essa riqueza para que todos possam comer melhor. Vejamos:

1. No Norte: jambu, jambo, castanha-do-pará, macaxeira, caruru, abóbora, manga, coentro, vinagreira, maniçoba, tucupi, pupunha, buriti, peixe, piracuí, tacacá, milho, etc.
2. No Nordeste: caju, jaca, coco, macaxeira, inhame, camarão, mariscos, peixes, abóbora, coentro, bredo, vinagreira, manga, quiabento, quiabo, dendê, castanha, óleo e mesocarpio de babaçu, vatapá, cuchá, caruru, milho, etc.
3. No Centro-Oeste/Sudeste: pequi, buriti, guariroba, jaca,



Foto 3



Foto 4

### Michele

Com 2 anos pesava 3.800 g (foto 3). Dois meses depois (foto 4) atingiu 7.000 g. Foi recuperada somente acrescentando à comida normal, farelos, sementes de gergelim e abóbora, pó de casca de ovo e de folhas de mandioca.

São Luís (MA)

# O que é a infe

A AIDS (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida) é a forma mais grave de infecção pelo HIV (Vírus da Imunodeficiência Humana).

Este vírus ataca certas células indispensáveis ao funcionamento do sistema imunológico, isto é, a defesa do organismo contra diferentes infecções. Quando uma pessoa está infectada pelo HIV seu organismo começa a reagir produzindo anticorpos específicos que aparecem no sangue e que são o sinal de que houve contato com o vírus. É a soropositividade. Estes anticorpos produzidos não conseguem eliminar o vírus.

Uma pessoa soropositiva é, portanto, uma pessoa que foi contaminada pelo HIV, é portadora do vírus e pode transmitir em determinadas condições.

Uma pessoa é doente de AIDS quando o sistema imunológico tornou-se ineficaz, o que deixa o organismo à mercê de todo o tipo de infecções microbianas, que afetam, por exemplo, os pulmões, o cérebro, os intestinos etc.

Qualquer pessoa contaminada com o HIV, isto é, *soropositiva*, virá a contrair a AIDS? Ainda não sabemos, pois há soropositivos há mais de 15 anos que não apresentaram os sintomas da doença. Existem hoje em dia tratamentos preventivos de certas infecções graves.

Apenas um texto cuja leitura não tem nenhuma finalidade específica, senão atender ao gosto pessoal do leitor, foi entregue. Ele encontra-se em L9, a seguir, e reproduz a página de um romance juvenil, que VI pediu emprestado às irmãs. O texto apresenta uma narrativa ágil baseada no desenrolar de muitas ações, e para tanto o autor utiliza, na sua composição, alguns recursos funcionais presentes na narrativa oral, como períodos coordenados e frases em discurso direto, ao se reproduzirem os diálogos das personagens. A intenção de se construir uma trama endereçada ao público jovem reflete-se, portanto, na forma e no conteúdo do texto, cujo estilo informal aproxima estratégias de escrita de estratégias de oralidade. VI e AE dizem gostar de ler textos deste gênero discursivo. Eles são objetivos pois não abordam temas pessoais ou de caráter intimista, e tem como finalidade entreter, com a trama, os seus interlocutores. Atendem, deste modo, principalmente ao gosto de homens jovens, como o que se observa na pesquisa, constituindo ações integrantes das suas práticas de leitura.

Os textos entregues que reafirmam conteúdos compartilhados pelos sujeitos através da tradição de escrita são os cartões de Natal. L10 a seguir reproduz o texto de um cartão de Natal recebido por WA. Os conteúdos veiculados são recorrentes, o que se reflete nas estratégias que governam a estruturação formal do material escrito e que se aplicam a todos os textos deste gênero: estes em sua maioria compõem-se de um pequeno texto impresso que é incorporado à mensagem do autor, sendo acompanhado apenas do nome do destinatário e de uma frase ao final renovando os votos de boas festas, seguida da assinatura do remetente. Geralmente escreve-se também um pequeno texto ao lado do texto impresso, onde frases com mensagens religiosas e a renovação de votos já feitos em outras mensagens são repetidas. Fragmentos estáticos do discurso religioso e frases de uso já consagrado são utilizados, como: 'que o ano que se aproxima...', 'Deus ouve.', 'agradeça a Deus...', 'assim sereis feliz', etc. Em suma: este gênero textual é previsível em sua forma e conteúdo, requerendo pouca criatividade do autor, já que se submete à intencionalidade que governa o seu uso, no caso a prática ritual de troca de cartões em São Lázaro para a renovação tradicional de votos e laços de amizade, principalmente entre as mulheres do local.

## O 222

Leo apertou a campainha do 222, recebera um chamado. Logo se abriu um palmo de porta mostrando a cara e o sorriso largo do Barão. Embrulhado num robe azulão, ele parecia ainda mais gordo, mole e displicente.

— Me traga os jornais de sempre — pediu o hóspede passando ao *bellboy* uma nota amassada.

— Esse dinheiro não vai dar, senhor.

— Tem razão. Um momento.

Quando abriu o guarda-roupa para apanhar a carteira, Leo viu pelo espelho interno do móvel que o Barão tinha companhia: um homem pequeno, com pinta de índio vestindo roupas civilizadas, lavava concentradamente as mãos na pia do banheiro. Devia ser uma daquelas muitas pessoas que o Barão ajudava, pensou o rapaz.

O volumoso hóspede do 222 demorava para encontrar a carteira nos bolsos de seus paletós, enquanto o *bellboy* aspirava vários cheiros do apartamento: o de charutos já fumados e amanhecidos, um mais agradável de lavanda e ainda outro de maçã, sempre vindo pelo espelho o tal homenzinho a lavar as mãos e a enxugá-las em toalhas de papel que ia jogando numa cesta. Depois, com o súbito receio de ser visto pelo espelho do guarda-roupa, fechou a porta do banheiro com uma cotovelada.

Afinal o Barão reapareceu com mais dinheiro e um novo sorriso.

— O troco é seu, meu filho.

Leo disparou pelos corredores acarpetados do Emperor Park Hotel, esperou e apanhou o elevador e passou pela portaria. Novato ainda no emprego provava com a velocidade das pernas seu interesse pelo trabalho. À entrada do edifício, em seu belo uniforme branco com debruns dourados, viu o Guima (Guimarães), o porteiro, antigo amigo de sua família, a quem devia o salário, aquelas gorjetas todas e a nova profissão.



Leo viu pelo espelho interno do móvel que o Barão tinha companhia: um homem pequeno, com pinta de índio vestindo roupas civilizadas, lavava concentradamente as mãos na pia do banheiro. Devia ser uma daquelas muitas pessoas que o Barão ajudava, pensou o rapaz.

Wilma

As vezes nemamos  
nao saber rezar.  
No fundo isto nao tem  
importancia.

Deus ouve nossos suspiros  
e conhece nossos silêncios. e que das mudas da paz e do amor,

Por isso ele lhe com-  
prende de todas as  
formas que voce deseja  
ser compreendida por algum  
seja amiga dele ate o fim  
assim serai feliz.

Foee dessa bela noite  
de natal, a noite mais  
linda de todas as noites,  
reflete tudo que vive e  
ocorre a oem por tudo.  
Felicidades.

"Inha"

Que todas as forças positivas

desta Noite Feliz, se multipliquem

floresçam os melhores frutos,

para que se enraizem em todo o

decorrer do Ano Novo, se

transformando em semente de

saúde e prosperidade.

De: o ano que  
se aproxima esteja  
repleto de realizações  
Feliz 1998.

L10

## B. As atividades de produção de textos

Há textos redigidos e entregues à pesquisa que constituem práticas coletivas dos sujeitos no espaço de São Lázaro, e estão reproduzidos de E1 a E5 abaixo. Estas são atividades interativas, já que pressupõem a negociação da forma e do significado dos textos através da presença de leitores /ouvintes e de redatores / oradores durante as várias situações em que ocorrem. Nesta perspectiva usos orais e usos de escrita entrelaçam-se de múltiplas formas.

E1 e E2 referem-se a discursos escritos por RI e ZB. Estes foram confeccionados para serem lidos durante a cerimônia de posse da nova Associação de Moradores do local. O evento ocorreu na barraca de ZB e contou com a presença de alguns moradores integrantes das duas chapas que participaram das eleições, da

pesquisadora e de alguns pesquisadores da FAU / Ufba que auxiliaram a comunidade a deslançar o processo sucessório. Houve um certo constrangimento misturado ao clima de cordialidade que acompanhou todo o evento, devido às duras críticas que a chapa da situação recebeu da chapa vencedora durante todo o período eleitoral.

Os dois discursos instauram um processo interativo específico que faz parte do contexto social em estudo. O papel social dos interlocutores presentes ao evento, o seu grau de engajamento na comunidade, o conhecimento que possuem sobre a pertinência dos discursos, e a opinião que mantêm sobre a situação e seus sujeitos governam o sentido que eles constroem sobre os textos lidos / ouvidos e sobre a intencionalidade lhes subjaz. E a intenção dos textos definem a sua organização formal. Assim sendo, os discursos apresentados têm concepção oral embora utilizem o meio gráfico (Marcuschi 2001), o que se reflete na utilização de estratégias próprias de construção do texto oral para a sua composição, além de recursos estruturais específicos da linguagem escrita.

E1 reproduz o discurso escrito por RI. Observa-se a sua tentativa de se aproximar de um modelo de escrita que considera próprio para este gênero textual, possibilitado provavelmente não apenas por sua breve experiência escolar, mas principalmente pelas leituras de textos religiosos feitas em conjunto com pessoas que possuem maior grau de escolaridade, e com quem RI convive habitualmente fora do contexto de São Lázaro. Para tanto RI escreve o texto com os verbos na primeira pessoa do plural, utiliza o verbo haver no sentido de existir e procura estar atenta às regras de concordância verbal, além de inserir trechos que conhece da escrita de natureza religiosa.

Por outro lado, o seu discurso está de acordo com o contexto solene e ritual de interação verbal de que faz parte, quando os interlocutores presentes negociam o seu sentido durante a leitura em voz alta, a qual é acompanhada por intervenções orais, gestos, expressões faciais, aplausos, etc. Assim sendo, RI também lança mão de estratégias de construção do texto oral para escrever o discurso, ou seja, este está repleto de marcas de oralidade. De acordo com Koch (1997), IR usa a repetição, uma estratégia básica de estruturação do texto falado, como recurso retórico em sua função

persuasiva ou argumentativa. A partir do terceiro parágrafo, com exceção do trecho em que ela escreve sobre a necessidade de uma associação de bairro em São Lázaro e sobre o objetivo de ajudar o atual presidente da associação e, ao finalizar o texto, sobre a necessidade de um espaço para as crianças estudarem e fazerem artesanato, a autora utiliza-se de paráfrases e de frases estereotipadas para completar o discurso. Por exemplo, 'Todos nós comunidade temos o dever e a obrigação de lutar...', '...não vamos deixar só ele lutar...', 'vamos unir as forças', etc. E frases de efeito, como '...São Lázaro e São Roque que intercedam a Deus por todos nós', 'uma andorinha só não faz verão', 'E derrame a paz, a saúde, união..', etc.

O discurso escrito por ZB, e reproduzido em E2, também apresenta uso abundante de frases de efeito, tais como 'com Deus nos ajudando, com muita união, boa vontade, de mãos dadas', e de palavras de ordem do tipo 'vamos à luta', próprias do discurso político e familiares aos integrantes da liderança comunitária, além do vocativo 'minha gente' e do 'obrigado' final, que são marcas do discurso oral. Estes são exemplos da sucessão de formas redundantes que caracterizam a estrutura do texto, já que o seu conteúdo resume-se ao pedido de ajuda ao vigário da capela e ao desejo de boa sorte para a nova diretoria da associação. Estratégias básicas de estruturação do texto falado portanto dominam a composição do discurso de ZB, que pode ser caracterizado como uma transcrição da oralidade.

12  
Abertura E1  
Louvar a Santissima Trindade. Canto Ven Espirito Santo

### Agradecimentos:

Agradecemos ao Sr. Edmundo ex Pres da Ans.  
pelo bom desempenho e êxito na parte burocrá-  
tica, desta entidade, que hoje passamos para  
o Sr. José atual Pres. /

Não vamos acusar nem crucificar o ex Pres.  
na sua gestão; porque se houve alguma  
culpa está cabe para todos nós Diretoria e toda  
comunidade porque fomos omissos em cobrar,  
na sua batalha, que por mim foi  
grande porque se tratava de uma iniciativa  
e como todo inicio de uma causa é desgastante  
e precisava de nossa colaboração e compreen-  
são nossa, para um bom desempenho.  
Mais não foi isso que aconteceu.

Na minha humildade e pequenez eu admito  
pelas vezes que não fomos solidários  
a esta entidade para um bom crescimento  
~~desta entidade~~ do mesmo.

Talvez ainda não estávamos preparados  
para um grande passo que é uma Associa-  
ção de Bairros; por isso não valorizamos  
o seu trabalho

E1

52  
Graças a Deus, todos nós hoje já somos  
pessoas conscientes e esclarecidas da necessi-  
dade de uma Ass. de Bairros,  
e com um objetivo que é de nos empen-  
harmos ~~para~~ colaborar com o atual  
Pres. Sr. José para um bom êxito e  
crescimento do nosso bairro.

repto  
Todos nós comunidade temos o dever e  
obrigação de lutar <sup>junto</sup> com o nosso Pres. Sr. José  
formando em todo onde poderemos  
reivindicar as nossas necessidades,  
uma Andorinha só não faz verão,  
portanto não vamos deixar só ele lutar  
para o bem comum.  
Vamos unir as forças <sup>com Amor</sup> e pedir a proteção  
de São Lazaro e São Roque que interceda  
a Deus por todos nós.

É derrame a paz, saúde, união sobre  
todos nós e muita força para lutar  
e conseguir <sup>nos</sup> o nosso objetivo que é  
um espaço para as nossas crianças do  
bairro, estudarem e se ocuparem em  
alguma Aprendizagem Artesanal

COM DEUS NOS AJUDADO

COM MUITA UNIAO BOA VONTADE  
DE MBOS DA DAS PENSADO NO PREZENTE  
E NO FUTURO COM TODO RESPEITO AO PASSADO  
QUE ZIVERAM BOA INTECAO MAIS FAZOU  
UM POV DE SORTA E ESPERANCA QUE DEUS  
NOS AJUDE QUE ZERAMOS MAIS SORTA PARA  
JUNTOS COM OS NOSSOS VIGARIOS  
DA NOSSA IGREGIA AQUEM NOS PEVIMOS  
TODO SEU APOIO E QUE O NOSSO REITOR  
DA NOSSA IGREGIA REVE RE DIS MO VIGARIO  
PADRE LA DEU NOS AJUDE SE JUNE ANOS  
PARA NOS A CONSELHAR NOS ORIEGAR  
O RA JUNTO AO NOSSO BOM DEUS POR NOS  
PARA QUE ZUDO DE CERTO POIS CEM ONOMAS  
DEUS NADA DAR CERTO POIS AS ORACOES  
FEITA POR NOSSO VIGARIOS SERA MAIS FORTE  
MINHA GENTE SEI QUE A CAMINHADA  
NAO VAI ER FACIL A LUTA VAI ER BRONDE  
E MBBM NAO SERA DIFICIL POIS DIFICIL  
E DEUS PEER - O BRIGADO E VAMOS A LUTA  
COM A FORÇA DE NOSSO BOM DEUS

E2

ZB, diferentemente de RI, participa em sua vida cotidiana de práticas coletivas de escrita de caráter informal, desenvolvidas na comunidade geralmente por moradores que possuem nível elementar de escolaridade. No evento instaurado pelos discursos lidos, e que representa prática eventual na vida da comunidade, ZB ensaiou um discurso oral de improviso, mas o interrompeu quando lembrou do material escrito que estava dobrado no bolso e começou a lê-lo com certa dificuldade. Leu alguns trechos e desistiu, afirmando que ele gosta mesmo é de falar diretamente com as pessoas do seu próprio jeito.

O texto em E3, a seguir, têm função circular, já que serve de memória de um evento de oralidade específico, para que possa constituir novos eventos desta ordem, através de sua resignificação. Ou seja, o texto reproduz uma piada que RA escutou em conversa com amigos e registrou por escrito para não esquecer e poder contar a outras pessoas, em novas oportunidades. Ele é uma transcrição da fala, e o seu sentido, enquanto gênero textual, fundamenta-se em uma situação imprevista criada pelo próprio texto durante o processo de interação verbal entre interlocutores que o compartilham oralmente. E a estratégia usada para se atingir o efeito desejado, que é criar humor a partir do entendimento que os sujeitos têm do texto, é a de entrelaçar concepção oral e concepção escrita do texto, referentes à cadeia fonológica da fala e à segmentação prevista dos elementos escritos organizados em uma frase, o que permite que se façam inferências sobre como o seu conteúdo inusitado deve ser interpretado a partir da ambigüidade criada. Portanto, embora a piada de RA seja um texto escrito, ele é constituído pela fala em suas realizações enquanto evento discursivo, nos diferentes contextos sociais de que faz parte.

3 GUARDA PARA UM  
MOTORISTA DE CAMINHÃO, E PEDE  
PARA ELE SE IDENTIFICAR.  
PORÉM O MOTORISTA NÃO TEM  
DOCUMENTO, ENTÃO O GUARDA  
PERGUNTA O SEU NOME, ENTÃO  
O MOTORISTA RESPONDE, POIS  
SEU GUARDA EU PASSO AQUI TODOS  
OS DIAS, E O MEU NOME  
ESTA NA MINHA PROFISSÃO;

RESPOSTA: AGUIAR PASSOS DIAS

E3

E4 refere-se a um cartaz escrito pela comissão de eventos de São Lázaro, que é composta por membros da liderança comunitária. Estes confeccionam cartazes para divulgação de suas atividades, sob o comando de RA. Essa produção coletiva dos textos escritos começa com RA propondo o texto do cartaz e a sua composição gráfica. Os outros participantes opinam e dão sugestões, tendo em vista o objetivo de melhor informar sobre o evento organizado. Os cartazes são geralmente digitados e reproduzidos por um morador que realiza trabalhos gráficos, ou pelo filho de ZB, embora RA garanta que este morador não interfere no texto escrito já elaborado pela comissão.

A composição espacial do texto está de acordo com o seu objetivo de divulgar a realização de um bingo para angariar fundos para a lavagem do santo. O cabeçalho do cartaz, em destaque, traz esta informação, e as demais informações pertinentes, como preço das cartelas, local do evento, prêmios e telefones para contato, além de agradecimento, estão dispostos espacialmente de forma equilibrada, garantindo aos leitores uma visibilidade adequada de todo o texto. As frases curtas e a apresentação da lista de prêmios de forma esquemática atendem a necessidade de economia de

palavras para a construção deste tipo de texto escrito, que conta com um espaço pequeno para a sua apresentação.

710  
E4

## GRANDE BINGO DA LAVAGEM DE SÃO LÁZARO

COLABORE COMPRANDO AS CARTELAS R\$ 2,00

LARGO DE SÃO LÁZARO ÀS 10:00 HORAS

09/11/1997

A COMISSÃO AGRADECE

1º PRÊMIO - 01 TV A CORES

2º PRÊMIO - 01 FORNO DE MICROONDAS

3º PRÊMIO - 01 BICICLETA

4º PRÊMIO - 01 PANELA DE PRESSÃO

5º PRÊMIO - 01 CONJUNTO DE PANELAS (05)  
PEÇAS)

TELEFONES: 332-5405 E 332-1205

E4

E5 reproduz uma página do cadastro comunitário que durante o trabalho de campo estava sendo feito pela liderança comunitária, para se saber o número exato de moradores do local. Ele compõe-se de uma lista, e a finalidade prática e subsidiária do texto reflete-se na sua estrutura sintática simples, formada de itens lexicais organizados verticalmente. O cadastro estava sendo redigido por RA, embora outros membros da liderança estivessem participando da coleta de nomes e da organização dos mesmos em ordem alfabética. O conhecimento partilhado sobre a comunidade e seus habitantes, e o trabalho conjunto de coleta e sistematização dos dados caracterizam este uso coletivo da escrita, constitutivo de uma situação específica de interação verbal.

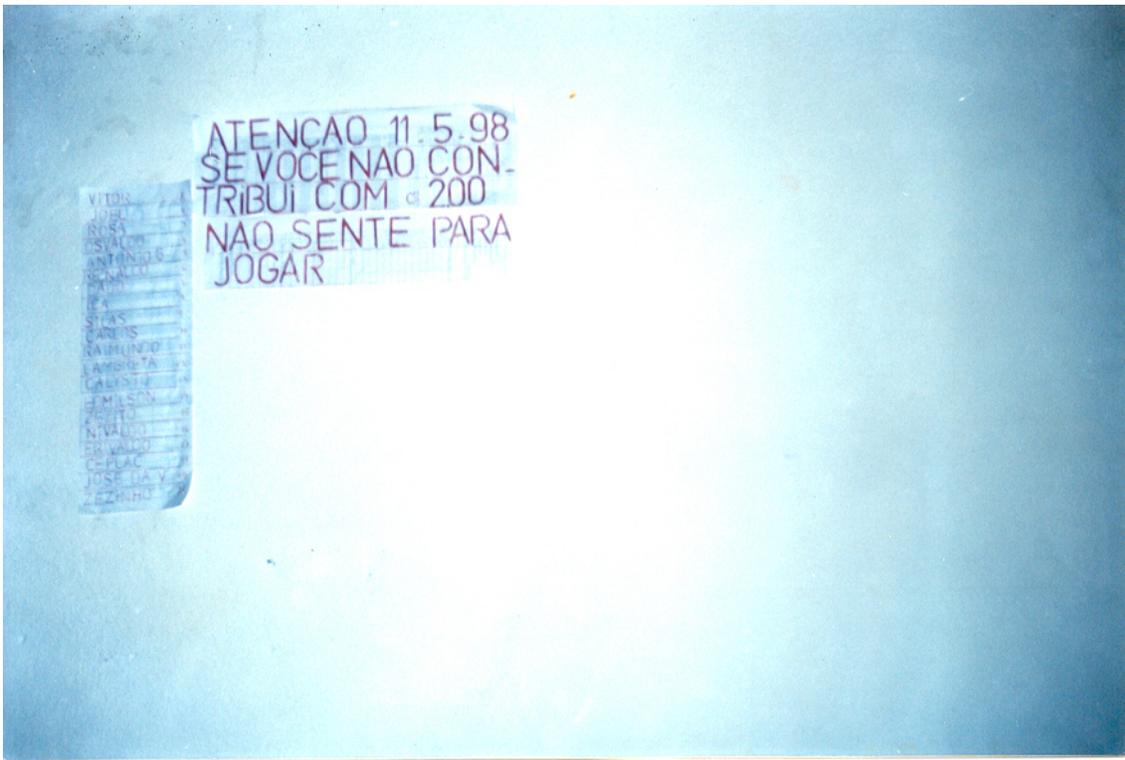
Há textos, como o de RA em E6 abaixo, que constituem práticas particulares de produção textual expostas à leitura pública, mas que são direcionadas a um grupo específico de leitores, composto de alguns moradores da comunidade.

O texto de RA refere-se a um cartaz com um bilhete, afixado por ela na barraca de ZB, espaço coletivo de São Lázaro. O cartaz reafirma uma norma estabelecida por ela para os participantes do carteadado e está acompanhado da "lista negra" dos jogadores temporariamente suspensos dos jogos, por não terem contribuído com o dinheiro que é destinado à compra de baralhos novos. A organização formal da frase e as palavras escolhidas para estruturá-la, assim como os significados que evocam, submetem-se ao evento discursivo próprio de sujeitos que interagem em determinado domínio social.

Assim sendo, as pistas de contextualização que permitem que se façam inferências sobre como o conteúdo do cartaz deve ser interpretado diferem entre os jogadores, os outros moradores que não participam deste evento, e as pessoas que visitam a comunidade. Um leitor circunstancial não possui conhecimento pragmático e sociolinguístico suficiente para desvendar a intenção que orienta o uso que se faz da escrita neste evento discursivo. Ou seja, para inferir os significados subjacentes ao texto. E que dizem respeito à autoridade de RA no contexto social, que a dispensa de assinar o bilhete, a cobrança da contribuição que é feita aos participantes irregulares por intermédio de outro texto auxiliar – uma lista de nomes, a necessidade de se comprarem baralhos novos, dentre outros. Logo, o domínio de um texto escrito requer sobretudo competência social, e não apenas competência técnica. (Fabre, 1997).

- Cadastro Comunitário
- 1 Ademildes Conceição Santos
  - 2 Amalíre Machado Ribeiro
  - 3 Albertina Machado dos Santos
  - 4 Ama Gláucia da Silva Almeida
  - 5 Agenilda Oliveira Nery
  - 6 Alberto Barros Santoma, Valeriano
  - 7 Antonio Pereira da Silveira
  - 8 Ama Licia S. Silva.
  - 9 Ama Gleide da Silva Moura
  - 10 Andreia Silva dos Santos
  - 11 Angela Ferreira dos Santos
  - 12 Aloíde Souza Santos
  - 13 Antonio Ferreira da Silva
  - 14 Ama Ritor Berqueira Oliveira
  - 15 Ama Paula Silva das Molas
  - 16 Adairson Valeriano da Silva
  - 17 Alex Souza Molas
  - 18 Antonio Tabajara Pimentel Tourinho
  - 19 Abelio Alves da Silva
  - 20 Ama Maria da Cruz
  - 21 Antonia Pereira dos Santos
  - 22 Antonio Luiz Santos
  - 23 Albertina Moreira de Jesus
  - 24 Adalto Valeriano
  - 25 Antonio Cunha Oliveira
  - 26 Antonio Oliveira
  - Armando Alves Berqueira

E5



E6

Os ofícios representam eventos particulares de escrita realizados na comunidade, mas direcionados à leitura de caráter institucional em domínios discursivos externos a ela. Eles tratam de demandas pessoais e, principalmente, de demandas comunitárias.

IR costuma enviar ofícios para órgãos de imprensa e órgão oficiais sempre que deseja denunciar algum fato ou solicitar algum benefício para si ou para alguma ação que desenvolva, segundo ele. E7 reproduz um ofício escrito por IR. O seu processo de escolarização e a sua experiência em escrever ofícios permitiram-no dominar as estratégias convencionais de estruturação deste gênero de texto escrito, que no caso consta do nome e função do destinatário, dois parágrafos em que IR escreve o seu pedido e o justifica, e o agradecimento no final em parágrafo curto, seguido de sua assinatura. Expressões típicas deste tipo de escrita formal e padronizada são de conhecimento de IR, como '...atenção dispensada por V.EX<sup>a</sup>', 'Nestes termos, pede deferimento', etc.

Este evento de escrita é parte das atividades de IR em São Lázaro. Embora ele permaneça boa parte do tempo na comunidade, mantém com o local uma relação

periférica. E os ofícios que gosta de escrever para órgãos oficiais são um exemplo de seu desejo de poder interagir com pessoas de outros contextos sociais.

Att. Exm<sup>o</sup>. Sr. Diretor do DEPIN  
Dr. Altamirando Alves Rodrigues

Sabedor que sou da atenção dispensada por V.Ex<sup>a</sup>.no que concerne à atuação social, seja no tocante ao desempenho do corpo do DEPIN, seja na atuação individual de cada elemento desta corporação, venho mui respeitosamente solicitar meu ingresso na Polícia Civil do Estado da Bahia, a fim de dar continuidade ao trabalho desenvolvido por meu falecido irmão ag. policial, chefe de SVI da cidade de Juazeiro da Bahia, Renato Cerqueira de Alcântara, que sob vossa direção teve uma relevante folha de serviços prestados à polícia civil.

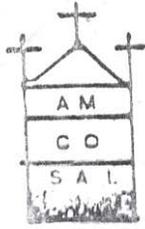
Entretanto no sentido de restabelecer a ordem e a moral dos que encontram-se desprotegidos, desejo emprestar à minha atuação com dedicação e prestatividade, restaurando a carreira que foi interrompida prematuramente, uma vez que fui habilitado no último concurso realizado para o cargo de ag. de polícia, obtendo a 1.783<sup>o</sup> colocação. Saliento também, que o nosso irmão era quem provia o sustento da família, hoje no desamparo.

Na certeza de ver acolhida a minha solicitação, agradeço antecipadamente.

Nestes termos, pede deferimento

  
Israel Cerqueira Alcântara

E7



ASSOCIAÇÃO DE MORADORES NA COLINA DE SÃO LAZARO

FUNDADA EM 19 DE JULHO DE 1991

SEDE PROVISÓRIA - ESTRADA DE SÃO LAZARO, S/N - IGARUA

SALVADOR - BAHIA

SALVADOR - 4 DE JULHO DE 1997

MEU PREZADO VEREADOR CRISTOVINHO

MINHAS SAUDAÇÕES

MOTIVO DESSAS LINHAS É PEDIR E AGRADECER

AO NOSSO BOM DEUS PELA SAUDE DE SEU PAI

ONOSSO BOM DEPUTADO DOS HUMILDES DA NOSSA

TERRA POIS TODOS NOS ORAMOS QUE EU DO

SAISE BEM E NOSSO BOM DEUS NOS ABENÇOE

E AIK ESTE O NOSSO BOM DEPUTADO CRISTOVINHO

COM SAUDE PARA ALEGRIA DA SUA FAMILIA

E DE TODAS NOS GRAZAS AO NOSSO SENHOR DO

BOM RIN MUITA PAZ MUITA SAUDE QUE DEUS

DEIA O SENHOR DEPUTADO POR MUITOS ANOS

DE VIDA JUNTO A TODOS NOS, DEUS SEJA LOUVADO

MEU NOBRE VEREADOR CRISTOVINHO O SENHOR

ESTEVE SEGUNDA FEIRA E O SENHOR ME MANDOU

QUE EU MIDISSE AS TELHAS DA BARRACA QUE DEBEM O FUNDO

E O SENHOR IA ME AJUDAR MAIS TELHAS, SÃO 30 TELHAS

MAIS O QUE O SENHOR ME AJUDAR ESTAREI SASTIFEITO

POIS O POUCO DANDO DE CORAÇÃO E MELHOR DO QUE

MUITO DANDO CEM DEUS NO CORAÇÃO E EU SEI QUE

O SENHOR ME AJUDAR ESTAREI SASTIFEITO POIS

E UMA BOA AJUDA AGRADECIDO MEU NOBRE VEREADOR

PELO QUE O SENHOR PUDER FAZER POR MIN

AGRADECENDO, ANTECIPADAMENTE, A ATENÇÃO DE V.S.A.

APRESENTAMOS NESTA OPORTUNIDADE AS NOSSAS

CORDIAS SAUDAÇÕES

RESPEITOSAMENTE, MEU ASSINTO JOSE CONCEICAO DE ALMEIDA

LÍDER COMUNITÁRIO DA COMUNIDADE DE SÃO LAZARO

07E - DA BARRACA AMIGO DE JAILTON

TEL - 932-1205-345-3206 - OBRIGADO - EM SÃO LAZARO

E8

A associação de moradores e a liderança comunitária em São Lázaro geralmente enviam ofícios a órgãos oficiais, membros do governo e a parlamentares com o objetivo de reivindicar melhorias para o bairro. E8 é a reprodução de um ofício redigido por ZB. Observa-se que o autor conhece a estrutura própria deste tipo de texto, o que evidencia a sua experiência como redator de ofícios da liderança comunitária e mostra as marcas de um processo de letramento formal a que ele se submeteu em sua curta vida escolar. ZB divide o ofício em local e data, seguidos do nome do destinatário, do texto com a solicitação a ser feita, as saudações finais e a assinatura do remetente. Frases padronizadas são utilizadas, como 'agradecendo antecipadamente a atenção de V.AS' e 'apresentamos nesta oportunidade as nossas cordiais saudações'.

O ofício de ZB, contudo, tem uma concepção oral manifesta nas repetições que permeiam o texto. Segundo Koch (1997), a repetição é uma estratégia básica de estruturação do texto falado .

Gostamos de repetir provérbios, frases feitas, trechos de canções famosas, slogans políticos ou publicitários, palavras, expressões ou enunciados inteiros que são constantemente pronunciados por artistas de TV. Além disso, existe a "sacralização" das fórmulas estereotípicas rituais que a sociedade exige sejam repetidas de forma idêntica nas mesmas situações, com sanções maiores ou menores para os casos de transgressão. A repetição é fundamental, tanto em situações rituais ou em discursos altamente formalizados (ou formulaicos), como na interação quotidiana, por exemplo, em pares adjacentes como cumprimentos, agradecimentos, despedidas e fórmulas de cortesia em geral. (KOCH, 1997, p. 93 e 94 )

Esta autora pontua que a repetição permite a assimilação do que é novo ao que já é conhecido, e que os falantes são altamente interativos e "usam a repetição como base da criatividade e do conhecimento ou da consciência de si mesmos" (Koch, 1997, p. 95 ).

No ofício de ZB há a repetição de formas estereotipadas como 'ao nosso bom Deus', 'o nosso bom deputado', e a repetição de formas presentes nos muitos outros ofícios que ele escreve, tais como 'muita paz, muita saúde', 'Deus seja louvado', 'pois o

pouco dando de coração é melhor do que o muito dando sem Deus no coração', etc, retiradas de situações próprias da interação cotidiana. A repetição dentro do texto da frase 'o que o senhor me ajudar estarei satisfeito' é, segundo Koch (1997), um recurso retórico típico da oralidade, já que ela é feita intencionalmente. "Trata-se da estratégia a que costumo denominar informalmente 'técnica da água mole em pedra dura': repete-se como meio de 'martelar' na mente do interlocutor até que este se deixe persuadir" (p. 96). Ou seja, ZB faz esta repetição por escrito para reiterar o pedido de ajuda em seu ofício.

Observa-se que o papel social delegado a ZB pela comunidade autoriza-o a representá-la junto a autoridades e órgãos oficiais através de ofício – gênero textual cuja estrutura recorrente lhe é familiar, embora utilize algumas estratégias de construção típicas do texto oral para escrevê-lo, mesmo constituindo uma situação formal de interlocução. Formas convencionais, entrelaçamento entre fala e escrita e conteúdos pertinentes às práticas cotidianas de São Lázaro caracterizam portanto o texto como parte do contexto social em que se realiza, através do processo de interação entre os seus interlocutores.

Textos dissertativos entregues à pesquisa e que correspondem a uma prova, escrita em domínio escolar, e três depoimentos constituem atividades particulares de produção de textos que pressupõem leituras particulares. Eles estão reproduzidos de E9 a E12 a seguir.

E9 corresponde às respostas escritas de uma prova feita por TR em seu curso de Teologia e que ela considera como texto de autoria exclusiva sua. Observa-se que este se compõe de trechos do discurso religioso que foram estudados, memorizados e rescritos por TR. Ou seja, ela materializa os novos conhecimentos adquiridos em seu curso no texto escrito, através da rescritura de formas cristalizadas que são repetidas didaticamente como fonte de ensinamento e divulgação da liturgia católica. O texto que TR apresenta como sendo de sua autoria portanto contextualiza-se em outros textos lidos, interpretados e até certo ponto memorizados, e a rescritura no caso tem a finalidade de confirmar um aprendizado e a sua condição de redatora de textos.

TR, RE e RA escreveram depoimentos pessoais sobre a comunidade de São Lázaro a pedido do pesquisador. TR apresentou um texto como sendo de sua autoria e que está reproduzido em E10. Nota-se que o seu autor é um redator experiente que domina satisfatoriamente o relato ou depoimento enquanto gênero textual de escrita. Observa-se, contudo, que o texto difere da prova reproduzida em E9, de autoria também de TR, com relação aos aspectos gramaticais, já que esta, mesmo sendo uma rescritura, apresenta algumas falhas com relação à escrita padrão, própria do texto acadêmico. Observa-se também que a caligrafia do redator difere nos dois textos manuscritos reproduzidos em E9 e E10, e que a caligrafia do depoimento em E10 é igual a de trechos escritos apresentados em C1, mais adiante, redigidos por AA, filha de TR. Ou seja, TR apropria-se do texto de AA, redatora mais experiente do que ela.

TR reconhece o modelo formal de escrita, já que convive com pessoas de nível universitário, é viúva de um professor e lê muitos textos de conteúdo religioso. Mas não domina satisfatoriamente este modelo, sendo consciente desta sua condição. A sua postura crítica com relação ao seu desempenho escrito a fez abdicar da redação do texto, mas não de sua autoria. Ela incorpora um outro texto em seu próprio texto, pode - se dizer neste caso.

O depoimento de RA, em E11, é sucinto, o que está de acordo com o fato de não gostar de escrever e de ser objetiva no que escreve, além de informal. Embora o texto tenha título e assinatura ao final, marcas características do depoimento escrito, ou das descrições escolares provavelmente vivenciadas por ela, a sua pequena estrutura apresenta repetições como 'lugar maravilhoso', 'ótimo', 'melhor bairro', que são estratégias de preenchimento do texto escrito, e que intensificam o seu sentido.



- 1) A divina liturgia manifesta a Igreja como sinal visível da comunidade de Deus com seu povo por Jesus Cristo e a exigem dos fiéis uma "participação consciente, ativa e frutuosa"
- 2) Jesus é o corpo de Cristo, animado, pelo o Espírito Santo, dentro de nós.  
Jesus é o grande sacerdote. Ele oferece a si todos os batizados e é o grande mistério em nossa vida.  
Eclesiologia é todo o Clero
- 3) A liturgia manifesta Igreja como sinal visível da comunidade de Deus com os homens
- 4) A na celebração do Domingo a comunidade deve ter toda uma participação ativa na Igreja.
- 5) A liturgia, ensina o concílio Vaticano II, é o exercício da função sacerdotal de Jesus Cristo, no qual a santificação do homem é significada com sinais sensíveis e no qual o culto público integral é realizado pelo povo corpo mistico de Cristo.

est. família  
60 par!

A 21 -

E 10

30.10.98

Sou moradora da comunidade de São Lázaro há 16 anos, viúva aos 18 anos, Minha profissão é costureira, tenho 7 filhas e todas estudam, a maioria já está terminando a faculdade.

Aqui em São Lázaro é um ótimo lugar para morar. É uma comunidade de gente simples, tranquila. Aqui graças a Deus não temos grandes problemas de violência, mesmo vindo pessoas de vários pontos da cidade para a igreja nas segundas-feiras, onde são celebradas 4 missas, e vem muitos devotos de São Lázaro. As missas são celebradas pelos padres redentoristas que por sinal são muito dedicados.

Sou, também, catequista da comunidade, preparo as crianças para a primeira eucaristia, faço o curso de Teologia Catequética no Instituto de Ciências Religiosas. Sou missionária leiga redentorista e ministra da eucaristia. Minha função é ajudar nas celebrações das segundas-feiras, em horários da manhã, tarde, ou noite. Gosto de fazer trabalho com a comunidade, só que estou tendo muitas dificuldades para desenvolver o mesmo, por falta de uma associação para a comunidade. Nesse ponto sinto que alguns moradores são muito individualistas, e dessa maneira fica difícil de conseguir criar uma associação.

E10

Agora irei falar um pouco sobre a parte artística. Há 5 anos atrás resolvi fazer teatro e foi muito bom. Já fiz mais de 6 cursos de teatro (oficinas). A última oficina que estou participando tem como principal trabalho a peça "Felizes" a qual já foi apresentada várias vezes em diversos locais, com boa receptividade pelo público. Desenvolvo o personagem de "Camelô", o qual mesmo com toda dificuldade ele tenta ser feliz dentro da realidade brasileira.

Para mim o teatro é uma terapia constante, pois proporciona a minha renovação interior.

E10

E11

São João Lugon monarvilho  
so otimo para viver eu acho o  
melhor bairro de Salvador embora  
na falte muitos coisas Rosa H.S.

E11

Redação Sobre a Nossa Comunidade  
A Comunidade do São João <sup>de</sup>  
é composta dos moradores e da  
Igreja de São João.

Existiu por um período uma  
associação de moradores, que não  
sabemos o motivo, mais não está  
mais funcionando.

Na nossa comunidade falta  
tudo. Não tem posto médico, es-  
trutura básica, como esgoto e  
calçamento, tem uma creche em  
processo de construção, porém não  
está pronta para funcionar, por  
um bom tempo ainda, não tem  
seguir uma escola para alfabe-  
tizar pessoas que não tiveram a  
sorte de aprender quando crianças.

Está precisando de um Centro  
Cultural de desenvolvimento para  
crianças e adolescentes, associação  
para mães e pais, mostrarem suas  
habilidades e uma cooperativa para  
venderem seus trabalhos.

São de grande necessidade que  
esse sonho vire realidade, ainda  
este ano, quando será comemor-  
rado o 500<sup>º</sup> Anos do Brasil. Para  
que possamos mostrar que somos  
capazes, e que valeu a pena  
o Brasil ser descoberto.

Desde já agradecemos a quem  
a quem interessado for.

O depoimento de RE, em E12, é produto da sua experiência escolar em escrever redações, o que é característico, como se viu anteriormente, do grupo de mulheres jovens entrevistadas. O texto possui título e cada parágrafo aborda um aspecto do seu conteúdo. Porém, no penúltimo parágrafo, ela incorpora ao seu texto um outro texto, de conteúdo diferente, provavelmente escrito por exigência da sua escola, já que o seu tema específico, os quinhentos anos do Brasil, estava na época do trabalho de campo sendo explorado pelas instituições de ensino. E em seu último parágrafo ela repete uma frase padronizada, própria de ofícios. Há portanto uma atividade de reescrita incorporada à atividade de escrita, para compor o sentido do texto produzido.

A única produção escrita de caráter intimista apresentada foi o texto elaborado por RE, e que se encontra em E13 a seguir. Ela declarou que o escreveu com a finalidade de expressar os seus sentimentos. A estrutura do texto, com divisões em parágrafos, revela a influência das redações escolares, embora ele esteja repleto de repetições. Koch (1997), ao tratar da estruturação do texto falado, afirma que "a repetição deve ser vista como um mecanismo essencial no estabelecimento da coesão textual". (p.96). Neste caso a manutenção do sentido do texto escrito é assegurada e intensificada pela repetição dos itens lexicais 'amor' e 'você', fundamentais para a sua significação, e pelas várias comparações feitas a partir destes dois termos, como, por exemplo, 'você pra mim é como uma lua que caiu no encontro do mar', e 'esse amor é como uma flor...', já que a intenção de RE foi a de escrever poesia – gênero textual explorado pela escola, utilizando para tanto repetições e figuras de linguagem próprias do texto poético, que tem concepção oral e busca um efeito sonoro, embora ela não lance mão de versos ou rimas.

WA também costuma escrever textos emotivos ou amorosos parecidos com o de RE em E13, como pôde ser constatado pela pesquisa, embora nenhum exemplar tenha sido disponibilizado para o entrevistador. Esta escrita que ambas interpretam como poemas são próprias de mulheres jovens, e funcionam como meio de expressão subjetiva.

14-04-98

E13

(R)

Quando te conheci...

Quando te conheci sabia que era impossível esse amor.

Sonhei com você o tempo todo ao meu lado mas não tive coragem de lhe dizer nada! Tive medo que você pensasse que esse amor que sinto por você fosse um gracinho de criança perdido na imensidão do universo. Você pra mim foi um anjo que caiu do céu e flechou meu coração com uma flecha cheia de amor.

Você pra mim é como uma lua que caiu no encontro do mar.

Meu pensamento se reflete quando o encontro na rua por acaso. Sei que você não sabe nada do amor que sinto por você no presente em grande amizade que terá por mim no futuro.

Esse amor é como uma flor que brota e deboracha no meio do jardim e vai crescendo como passar do tempo.

Amor esse que brotou no meu coração e perdeu-se no meu pensamento. Sou como uma criança que precisa de afeto, carinho amizade e quem sabe até...

Essa palavra que faltou talvez preencha esse vazio por não ser correspondida.

Na verdade essa palavra que faltou é amor, paixão que sinto por você:

(Obs: A minha felicidade só depende de você pois ela está em suas mãos

E13

### C. As atividades de cópia de textos

As cópias de textos utilitários como receitas e listas, que servem de apoio à memória, não foram aqui reproduzidos; elas são comuns entre as mulheres, especialmente às mulheres mais velhas. Já a cópia de textos ou de trechos escritos que tratam de temas recorrentes de ordem moral ou sentimental são comuns entre os sujeitos, principalmente entre os jovens, sendo que os que foram entregues à pesquisa estão reproduzidos em C1 e C2 abaixo.

RA costuma registrar por escrito em seu caderno pequenos textos expostos em locais públicos e em pára-choques de caminhão quando os acha interessantes, ou seja, quando eles servem para expressar os seus próprios sentimentos. C1 reproduz um texto de autor desconhecido copiado por RA. Ele constitui-se de versos rimados e de jogo de palavras, estrutura recorrente de texto estereótipo popularmente chamado no plural de 'versos', como o denomina RA. Estes 'versos' são lidos e rescritos por um grande número de pessoas, já que circulam intensamente em vários espaços sociais. A repetição de itens lexicais e de fonemas rimados são alguns recursos de coesão do texto oral incorporados neste caso pelo texto escrito, para a construção do seu sentido, a partir do efeito sonoro suscitado.

Já C2 reproduz provérbios - máximas ou dizeres, não convém à pesquisa diferenciá-los, escritos por VI e AA. Além destes, RA, WA, AE e IR guardam provérbios de sua autoria ou copiados. Textos deste tipo são formulações de verdade referentes a sujeitos genéricos. Eles advêm da cultura oral, onde as experiências são fixadas em fórmulas genéricas e recorrentes. Muitas pessoas guardam frases lidas ou escutadas de que gostaram em algum lugar, para copiá-las e repeti-las quando há oportunidade. Estes foram os textos que chegaram mais facilmente às mãos do pesquisador. Estão em cadernos, diários, pedaços de papel, afixados em diversos lugares. Obelkevich (1996) afirma que este gênero de escrita é um dos mais antigos e um dos mais amplamente distribuídos geográfica e socialmente. O seu significado depende do que é dito e também da situação em que é usado. Ou seja, "o que define o provérbio não é a sua forma interna, mas a sua função externa, e esta, comumente é moral e didática (...) Assim, os provérbios são 'estratégias para situações', mas estratégias com autoridade,

que formulam uma parte do bom senso de uma sociedade, seus valores e a maneira de fazer as coisas". Eles "oferecem conselhos estereótipos para problemas recorrentes". (p.45) São anônimos e tradicionais, e fazem parte portanto das tradições de escrita da comunidade, já que se encontram entre as práticas de escrita dos diferentes sujeitos.

Não quero ser o fim sua vida,  
O começo de um fim.  
Nem o fim de um começo  
Quero ser o fim sua vida,  
O início de um começo sem  
Fim.

TRABALHOS

DA HORA

C1

"Harmonia, paz e amor, três coisas essenciais  
para a nossa vida. (CAA)

Toda pessoa deve absorver coisas boas, e  
fê-las em prática. (CAA)

Não devemos deixar de lutar nunca, mesmo  
que apareçam dificuldades em nosso  
caminho. (CAA)

A vida é cheia de obstáculos por isso  
vamos em frente sem olhar para trás. (VI)

Para pra pensar, refletir e admirar as  
coisas que os olhos são imprecisas. (VI)

Queria estar caminhando de braços abertos  
em direção ao ar quente buscando o sol  
no horizonte. (VI)

Como dividido com as estrelas essa  
noite insquecível. (VI)

C2

## CONCLUSÃO

O estudo etnográfico apresentado conceitua a escrita não como uma entidade neutra, mas sim como realidade cultural que é parte de estruturas de poder. Deste modo considera as interações regulares de sujeitos que convivem em um espaço urbano específico, das chamadas classes populares de Salvador. Ou seja, considera a língua enquanto um conjunto de usos de fala e de escrita que integram as atividades sócio-culturais de pessoas de determinado contexto social.

O pequeno bairro de São Lázaro constitui o elemento central de ligação entre os sujeitos pesquisados e as suas práticas cotidianas; representa um espaço singular em que há uma complexidade de conhecimentos e interpretações sobre a realidade que são compartilhados parcialmente, já que distribuídos diferentemente entre os seus moradores, de acordo com as suas características e padrões de interação social, que refletem o grau de engajamento que mantêm com o local. Nesta perspectiva, o conceito de comunidade que sustenta o trabalho é dinâmico e complexo, já que se fundamenta no conceito de prática, ou seja, no conjunto de atividades desenvolvidas pelos sujeitos, e que incluem as suas práticas discursivas. .

As observações feitas e as entrevistas abertas realizadas durante o trabalho de campo trataram de temas pontuais que se revelaram pertinentes para os moradores da comunidade e para a pesquisa, já que dizem respeito ao objeto da investigação, ou seja, às interações cotidianas dos sujeitos no universo pesquisado, em especial às manifestações de escrita que circulam em São Lázaro. São eles: moradia, religião, lazer, comunidade e práticas de escrita. A classificação dos dados coletados a partir destes procedimentos baseou-se nas categorias função social, sexo, idade, escolaridade, relações familiares e profissão. De acordo com análise feita, estas categorias revelaram-se importantes para a caracterização das práticas sociais realizadas pelos sujeitos, especificamente para o estudo das atividades de escrita enquanto parte dos diferentes contextos de interação verbal. É importante acrescentar

que as categorias de análise utilizadas não se aplicaram apenas de forma isolada, ou seja, elas também co-ocorreram para se poder fazer um estudo procedente dos dados.

A pesquisa indica que os modos de interação entre os sujeitos, através de ações, relacionam-se, até certo ponto, ao lugar onde eles moram na comunidade. Assim sendo, os sujeitos mais velhos, que costumam ter um nível baixo de escolaridade e alto grau de engajamento na comunidade, residem preferencialmente em áreas centrais e mais próximas ao largo, ao contrário de IR, por exemplo, sujeito periférico residente próximo ao bairro de Ondina, assim como RI, que é contraditória em suas manifestações sócio-culturais e, embora seja mais velha, pouco escolarizada e exerça função social de destaque em São Lázaro, também mora perto daquele bairro e deseja mudar-se para lá.

A interpretação dos dados referentes às ações regulares dos sujeitos em determinados contextos de interação verbal, baseada nas categorias de análise acima elencadas, revela que as suas intenções ou propósitos governam os usos que eles fazem dos seus conhecimentos gramaticais, lexicais e sociolingüísticos para manifestar-se através da escrita, e negociar os seus significados com os demais sujeitos. A língua, portanto, em suas manifestações de escrita, é uma construção social. Ou seja, a língua constitui os diferentes modos de significação da sociedade e é por eles constituída, através das diversas funções atribuídas aos seus usos por pessoas que desempenham diferentes papéis em determinado domínio social, de acordo com as suas características sócio-culturais.

Nesta perspectiva, constatou-se que a função que os sujeitos exercem é fundamental para caracterizar as relações de poder e os padrões de interação social referentes ao universo pesquisado, que incluem as atividades discursivas. Tanto que ZB, RA, RI e TR são as pessoas que se destacam por suas ações comunitárias, e justamente as que dão explicitamente uma opinião crítica sobre a atuação das associações do bairro, o que evidencia uma correlação de forças entre RI e os demais, que divergem sobre a atuação da associação de moradores, em oposição à liderança comunitária.

Neste sentido o fator função social em muitos casos sobrepõe-se aos fatores sexo e escolaridade. ZB, por exemplo, embora seja uma pessoa de pouca escolaridade,

emerge nos discursos registrados pela pesquisa como autoridade neste universo, já que convergem para si e suas ações as posições que os sujeitos em geral assumem com relação à comunidade. E, ao apontar algumas de suas atividades individuais de lazer, tem a preocupação de citar programas televisivos e músicas que ele julga de boa qualidade, porque se preocupa em ser uma pessoa esclarecida culturalmente e bem informada, já que é porta – voz da comunidade em suas demandas. Já RI, neste mesmo tópico, esquia-se de falar sobre as suas atividades particulares de lazer, iguais a de qualquer dona de casa do bairro, porque quer valorizar-se como líder comunitária, o que só ocorre a partir de suas ações coletivas de caráter religioso. E, ao contrário de outras mulheres que possuem como ela nível elementar de escolaridade, participa assiduamente de eventos religiosos fora da comunidade, como se fossem práticas de lazer, em função da posição social que ela conquistou em São Lázaro, através do trabalho que realiza na capela junto aos padres e senhoras de outros bairros. RA, por sua vez, permite-se participar de diferentes atividades coletivas que se realizam nas barracas situadas no largo, centro da comunidade, universo predominantemente masculino, por conta das atividades essenciais que realiza para a liderança comunitária, onde ela é a única mulher.

Assim sendo, as atitudes que os sujeitos assumem com relação à escrita refletem a posição que ocupam na comunidade, já que, por exemplo, RI e ZB defendem a qualificação que possuem enquanto leitores, redatores e pessoas que adoram ler, embora tenham poucos anos de estudo, através de argumentos construídos para tanto. Inclusive com justificativas inconsistentes, quando RI cita leituras feitas por outras pessoas da família e por ela mesma em tempos passados. ZB preocupa-se em estar atualizado e para tanto lê textos jornalísticos e faz questão de citar romances de autores conhecidos. Já RA, embora assuma que não gosta muito de ler e de escrever, diz também ler jornais e revistas para se manter informada, embora textos jornalísticos não façam parte da leitura cotidiana da maioria das mulheres de sua faixa etária.

Portanto, os sujeitos que desempenham ações em prol da população local são, por escolha própria, membros centrais da comunidade, já que representam papéis de destaque neste universo, o que os autoriza a presidir os usos coletivos de escrita que constituem estas práticas. Assim sendo, RI e TR conduzem os cânticos dos hinos

durante as celebrações religiosas da capela, e TR coordena a leitura em voz alta e alternada de textos religiosos durante as trezenas do santo, apresentando aos leitores / ouvintes a sua interpretação. Diferentemente de TP e RG, e mesmo de RO, que participam de leituras de natureza religiosa feitas em conjunto e em voz alta, apenas como parte de um auditório que se submete à leitura dos textos que é proposta por outras pessoas, embora possuam alto grau de engajamento com a comunidade. Vale ressaltar que elas não realizam nenhuma atividade coletiva em prol do bairro, restringindo-se às suas ações particulares.

Considerando-se o domínio discursivo das barracas do largo e seus sujeitos, constatou-se que as práticas coletivas de leitura de textos de humor são propostas na maioria das vezes por RA, única mulher a fazer parte deste conjunto de leitores. No mesmo sentido, as produções coletivas de textos que fazem parte de ações comunitárias são propostas por ela e referem – se a cartazes e volantes, cujas formas e significados são negociadas entre os sujeitos que participam destas ações. Constituir este grupo específico e, conseqüentemente, participar de suas interações discursivas regulares foi permitido a RA por conta de sua participação ativa nas atividades da liderança comunitária. Neste espaço, textos de sua autoria como avisos, também estão disponíveis à leitura pública, cuja interpretação dependerá do grau de iniciação dos sujeitos leitores no grupo masculino que joga cartas no largo e que é liderado por ela.

No mesmo contexto, as posições assumidas por ZB e RI lhes autorizam a produzir discursos, cuja realização oral constitui o momento solene em que outros sujeitos avaliam o texto que eles propõem para a leitura/ audição. Da mesma forma o ritual de escrever mensagens recorrentes em cartões de Natal e trocá-los faz parte das tradições de escrita da comunidade, constituindo prática predominantemente feminina, embora ZB entregue mais de trezentos cartões anualmente a moradores locais, por conta de sua função de líder comunitário, o que, como se tem observado, orienta as suas atividades de escrita.

Lembra-se que ZB, embora tenha pouca escolaridade e receba críticas relativas à composição gramatical de seus textos, é quem está autorizado – e autoriza-se - a escrever ofícios para órgãos oficiais e parlamentares de Salvador, em nome da liderança comunitária. Portanto, as evidências trazidas pela interpretação dos dados

corroboram o fato de que a função social dos sujeitos é fundamental para caracterizar os usos que estes fazem da escrita, e que são parte dos contextos discursivos onde ocorrem.

O fator escolaridade, aplicado isoladamente, é igualmente pertinente para a caracterização dos dados da pesquisa, principalmente no que se refere às atitudes e opiniões que os sujeitos mantêm sobre a comunidade e suas associações de bairro, sobre as suas práticas religiosas particulares e, conseqüentemente, sobre as suas atividades de escrita. Assim sendo, os entrevistados que cursaram no máximo as quatro primeiras séries do ensino fundamental têm uma visão particularista da comunidade, já que fazem poucos comentários sobre problemas localizados e imediatos, que dizem respeito à sua vida cotidiana no local. E em geral não têm opinião crítica formada sobre a atuação das associações do bairro, pois fazem elogios vagos a elas ou as criticam esporadicamente com relação a alguma ação isolada e específica que não se cumpriu a contento, e que os prejudicou de alguma maneira. Da mesma forma estes sujeitos situam a sua crença religiosa ou no santo padroeiro da comunidade e em suas tradições locais, se são católicos, ou em Deus, se são evangélicos, neste último caso para verem atendidos os seus pedidos particulares. Neste item incluem-se, por exemplo, TP, AB, RO, RG, VA. Já os sujeitos que cursaram além das primeiras séries do ensino fundamental geralmente externam opiniões de ordem geral sobre a atuação das associações de bairro, e a as suas práticas católicas situam-se predominantemente em um universo mais amplo, porque não se restringem ao santo padroeiro, e sim dizem respeito a questões de fé e a reflexões sobre temas espirituais.

Contudo, como já foi mencionado, o fator função social geralmente sobrepõe-se ao fator escolaridade e, portanto, o líder comunitário ZB tem visão crítica sobre as associações do bairro e consciência do valor sócio-cultural e histórico de São Lázaro, embora o seu universo religioso restrinja-se ao louvor ao santo local, como os demais sujeitos citados acima. RI, ao contrário, revela em suas entrevistas uma religiosidade mais ampla, não apoiada nas tradições particulares de culto a um santo, o que está coerente com a sua função de ministra da eucaristia, que a permite conviver com católicos de outros bairros de classe média, embora a sua visão de comunidade seja

restrita e preconceituosa, pois faz questão de enxergar São Lázaro como um conjunto de pessoas simples e boas de serem comandadas, e a caracterizar as suas tradições culturais como sendo meras festinhas folclóricas.

Com relação às atividades de leitura relatadas pelos sujeitos, observou-se que a sua experiência com a escrita, adquirida na escola, direciona a escolha que fazem dos textos a serem lidos. Os sujeitos com nível elementar de escolaridade ou semi-analfabetos fazem escolhas aleatórias para a leitura particular. Neste sentido, ao citarem textos jornalísticos, viu-se que AT e TP lêem o que se apresenta em jornais e revistas, enquanto os que têm maior experiência de leitura escolhem textos informativos sobre assuntos específicos, seja para adquirir conhecimento ou obter instruções, seja para procurar empregos, etc. O romance, segundo gênero textual mais citado pelos entrevistados, foi lembrado por ZB como um conjunto grande de textos de autores baianos consagrados que se deve ler, para se ter conhecimento ou cultura. Neste caso é importante para o líder comunitário saber quais são estes autores, embora este dado não corresponda à sua formação como leitor pouco experiente de romances regionais. AA, por sua vez, foi a única pessoa a citar o título de um romance que escolheu para ler, enquanto VA, ainda cursando a quarta série escolar, citou genericamente contos tradicionais da literatura infantil que lê como tarefa escolar, como se estes fossem romances, sem apontar um título de sua preferência.

Em suma, há a tendência de quanto menor a experiência escolar dos sujeitos, mais situadas e concretas as atitudes que estes assumem com relação ao espaço físico e à comunidade, e com relação às suas práticas religiosas. Há porém a tendência contrária com relação às práticas de leitura de textos, já que quanto menor for a experiência escolar dos sujeitos, mais aleatórias serão as escolhas feitas e mais vagas as intenções que orientam estas escolhas.

É interessante registrar que a atitude preconceituosa que os sujeitos assumem com relação às próprias práticas de escrita quando não dominam satisfatoriamente o código gráfico, ou com relação às atividades de escrita dos demais sujeitos, decorre da relação entre grau de escolaridade e as ações de ler e escrever. O preconceito de RI sobre a comunidade revela o conflito entre a sua experiência escolar e a função social que exerce neste espaço, o que a fez não expor à pesquisa alguns textos que diz ter

escrito, e a escamotear informações sobre as suas leituras particulares. Ela escora-se nas leituras de cunho religioso que realiza em conjunto com senhoras de outros bairros, para impor-se enquanto a líder que deseja ser. IR, por sua vez, desqualifica a liderança de ZB menos pela sua idade avançada do que por este ter poucos anos de estudo, chegando a duvidar da autoria dos ofícios da liderança comunitária. E mesmo TR, ao defender ZB e suas ações, não deixa de ressaltar a sua pouca experiência escolar, enquanto RA e demais membros da liderança criticam o que ele escreve. Mas nesta correlação de forças o fator função social, como já mencionado anteriormente, sobrepõe-se ao preconceito relacionado ao fator escolaridade, e ZB assume o papel de redator, neste contexto discursivo, por conta da sua função de líder. Assim sendo, as manifestações de escrita refletem as relações de poder próprias do contexto social em estudo, que regulam a vida dos seus moradores.

Os fatores de análise sexo e idade aplicam-se conjuntamente para a interpretação da maioria dos dados. Porém, quando se consideram os dados gerais, observa-se que o fator idade, aplicado isoladamente, é pertinente para caracterizar as atividades particulares de lazer dos sujeitos, já que os jovens saem mais da comunidade a passeio do que os mais velhos, e diversificam mais as suas escolhas do que estes. A idade é fator igualmente importante para distinguir as atividades religiosas do entrevistados, já que para a maioria dos sujeitos mais velhos estas são práticas de rotina, sendo apenas esporádicas para quase todos os jovens.

Da mesma forma o fator sexo, aplicado isoladamente, é pertinente para interpretar os dados gerais sobre práticas particulares de escrita, ao se observar que as mulheres produzem mais textos escritos do que os homens, lembrando que elas permanecem mais tempo na comunidade do que estes. E que geralmente são elas que dizem fazer cópias de textos, muitas vezes como auxílio à memória em suas atividades de rotina, e eventualmente para registrar algo que leram e de que gostaram, como o trecho de um poema ou oração, etc. A exceção, fora deste grupo, é AT, que faz cópias como auxílio à sua insipiente produção escrita, já que não tem domínio suficiente do código gráfico para tanto.

Mas quando se refina a observação destes dados, os fatores sexo e idade co-ocorrem de forma significativa para a sua análise. Interessante notar que ao se

considerar as atividades de lazer dos sujeitos, o fator sexo é pertinente apenas na análise de dados dos sujeitos mais velhos. Enquanto os homens desta faixa etária escutam música e assistem a filmes, as mulheres preferem acompanhar as telenovelas. Lembre-se que elas em geral dedicam a maior parte do tempo às atividades domésticas, e o folhetim incorpora-se a estas práticas rotineiras. Já com relação às leituras particulares de textos religiosos ocorre o inverso: elas fazem parte da rotina dos sujeitos mais velhos, conforme as demandas de suas crenças espirituais, e o fator sexo aqui aplica-se apenas aos dados dos jovens. Neste grupo, os homens fazem leituras eventuais sobre religião como fonte de reflexão ou de auto-conhecimento, enquanto as mulheres jovens não costumam fazer este tipo de leitura.

Os dois fatores são também importantes para análise dos dados, quando estes se referem à leitura de textos jornalísticos e à leitura e produção de textos do gênero literário. Assim sendo, os homens jovens, como se observou, são mais objetivos em suas intenções com relação às leituras que fazem. Eles lêem textos jornalísticos para buscar informações de ordem geral ou de cunho científico / cultural; escrevem poemas para mostrar competência enquanto escritor, como IR, ou visando utilizá-los para outros fins, como AE; e eventualmente produzem textos formais, como faz IR ao escrever ofícios. Já as mulheres jovens procedem a escolhas específicas dos textos que dizem ler, e a intenção que as move diz respeito a interesses de ordem pessoal. Elas escrevem poemas como ação subjetiva, e os textos jornalísticos que escolhem respondem a questões próprias de mulheres desta faixa de idade. E a citação de romances, poemas e de textos instrucionais, como objetos de leitura, revela a influência da cultura escolar sobre as suas escolhas. Já os homens mais velhos geralmente lêem basicamente textos jornalísticos para se informar sobre fatos ocorridos; a exceção neste grupo é ZB, que fala de romances, mas como uma forma de mostrar ter conhecimento sobre autores consagrados, como se observou anteriormente. As mulheres mais velhas, por sua vez, geralmente não incorporam as práticas de escrita acima citadas às suas atividades do cotidiano.

Acrescenta-se, ao acima exposto, que os dados interpretados a partir dos fatores sexo e idade indicam que, no contexto estudado, os jovens interagem em um espaço social mais amplo do que os sujeitos mais velhos. Estes últimos mantêm um nível maior

de engajamento na comunidade, e as leituras particulares de cunho religioso que os integram - homens e mulheres mais velhos, fazem parte das tradições de escrita, constitutivas das tradições culturais do local. Os mais velhos também fracionam o espaço comunitário em universo feminino, ou doméstico, e universo masculino – que não se limita ao ambiente doméstico, já que abrange também o espaço central e comunitário de São Lázaro. Assim sendo as interações discursivas, integrantes das práticas sociais dos sujeitos, são geralmente menos intensas e mais formais entre as mulheres, já que elas costumam circular menos pela comunidade do que os homens. A prática ritual de escrever e trocar cartões de Natal é, como já foi visto, recurso mais formal de confirmar vínculos entre moradoras do que a confraternização masculina no largo. Já a troca de carta pessoais é característica das mulheres mais velhas, pois esta é uma prática que tende a diminuir entre os mais jovens, que hoje dispõem de novos meios de comunicação.

Pode-se afirmar que os dois grupos etários das mulheres entrevistadas situam-se em pólos contrários, tendo em vista especificamente as suas práticas discursivas de cunho religioso e de lazer. As jovens formam o grupo com menor engajamento na comunidade: o seu espaço de atuação é periférico, elas em geral só interagem com pessoas da mesma faixa etária, e as intenções que subsidiam a escolha que fazem de textos a ler ou redigir relacionam-se a interesses particulares ou subjetivos, sob influência grande da experiência escolar. Assim sendo, elas em geral se afastam das práticas tradicionais de leitura, formadas principalmente pelo discurso religioso, ao contrário dos demais entrevistados. As mulheres mais velhas, em oposição, dedicam-se mais a este tipo de leitura em detrimento da leitura de textos jornalísticos, prática comum entre os outros sujeitos, o que as caracteriza como o grupo mais conservador em relação às manifestações discursivas da comunidade. Já os homens mais velhos e os homens jovens interagem eventualmente em alguns espaços não periféricos da comunidade, sendo que as manifestações escritas destes últimos compõem um espectro mais amplo do que o das mulheres mais jovens. Isto porque eles também fazem algumas leituras tradicionais de textos religiosos para refletir sobre temas espirituais, enquanto os homens mais velhos alimentam a sua crença com leituras bíblicas apenas esporádicas, embora dêem preferência aos jornais, distinguindo-se aqui

das mulheres mais velhas. Ou seja, as mulheres apresentam diversidade maior entre si do que os homens, em suas práticas particulares de leitura e de escrita.

Compreende-se melhor, inclusive, as diferenças entre as atividades realizadas pelas mulheres da pesquisa, se, na interpretação dos dados, o fator escolaridade for considerado em conjunto com o fator idade, com base na diversidade de níveis de escolaridade apresentada por mulheres no interior dos dois grupos de idade. Considerando-se as atividades de lazer realizadas fora de São Lázaro, observou-se que as mulheres entrevistadas que só cursaram até no máximo as quatro primeiras séries do primeiro grau saem pouco da comunidade. Sendo que, dentre estas, as mais velhas costumam permanecer em suas casas, enquanto as mais jovens circulam em locais próximos a São Lázaro. Já as diferenças das ações de lazer realizadas em outros espaços pelas mulheres que cursaram além das primeiras séries caracterizam-se especificamente pelo fator escolaridade, já que as que só estudaram até o ensino médio circulam em outros bairros de classes populares, enquanto as que conseguiram ingressar no ensino superior diversificam as suas práticas de lazer, que incluem programas ditos culturais que se estendem a bairros de classe média. As atividades de escrita geralmente fazem parte das ações de lazer das mulheres de nível universitário, já que, no contexto estudado, dizem respeito, por exemplo, à leitura / produção de peças teatrais, segundo TR.

Já entre os homens o fator escolaridade está condicionado ao fator idade para caracterizar as suas atividades fora da comunidade, comparando-se os dois grupos etários, já que não se apresentam diferenças no interior de um mesmo conjunto de idade. Ou seja, os homens mais velhos saem menos a passeio e não cursaram além das primeiras séries do ensino fundamental, em oposição ao grupo dos mais jovens, que saem mais de São Lázaro em suas horas livres e já concluíram esta etapa da vida escolar.

Neste sentido, as manifestações de escrita podem ser interpretadas a partir dos fatores escolaridade e idade, já que os que não escrevem são os mais velhos que têm pouco domínio do código gráfico, como AB, AT e RO. E o preconceito dos sujeitos com relação à sua pouca experiência escolar diz respeito aos mais velhos pouco escolarizados, assim como a intenção que orienta a leitura esporádica que estes fazem

de textos religiosos, que se refere mais a uma atitude positiva do que uma ação, que objetiva reafirmar a formação cristã que possuem, como parte da tradição escrita do local. Esta tradição permitiu RO desejar se instituir como leitora a partir de textos de orientação católica, cujos temas recorrentes lhe são familiares. Já para os sujeitos com maior grau de escolaridade, os textos religiosos se prestam à prática efetiva de leitura, que tem por finalidade a reflexão sobre temas espirituais. A exceção aqui é RI, já que a função social que exerce baseia-se em sua atuação em domínios religiosos, o que lhe garante a participação em ciclos de leitura de textos religiosos.

Por sua vez, o fator sexo co-ocorre com os fatores idade e escolaridade na interpretação, por exemplo, da atitude diversa que as mulheres mais velhas assumem com relação ao fato de lerem pouco, considerando que em um mesmo grupo etário as mulheres apresentam índices variáveis de escolaridade. Enquanto as menos escolarizadas constroem-se por seus poucos anos de estudo, as que tem nível médio de escolaridade em geral reconhecem que deveriam ler mais; e as que têm nível universitário, como TR, preocupam-se em manter o *status* de leitor, justificando-o com citações pontuais sobre leituras já feitas, em geral como práticas escolares. Entre as mulheres mais jovens as orientações de leitura podem também variar, por exemplo, com relação ao fator escolaridade, já que VA é mais evasiva com relação ao que costuma ou gosta de ler, enquanto as outras jovens fazem escolhas específicas sobre o que ler.

Estes dados fundamentam a tendência, já citada no trabalho, de aumentar o grau de escolaridade dos homens quanto mais jovens estes forem, atendendo provavelmente às exigências atuais do mercado de trabalho. Esta orientação ocorre em menor escala entre as mulheres, já que elas nem sempre exercem trabalho formal fora de São Lázaro, o que tem permite às mulheres mais velhas retomarem os estudos interrompidos. Ou seja, há a tendência em curso de aumentar a escolaridade dos moradores, a partir dos sujeitos jovens, com base nos dados dos moradores entrevistados, o que está de acordo com a melhoria dos índices sociais de alguns segmentos populares urbanos. Isto significa, de acordo com os dados, que os sujeitos tendem a interagir cada vez mais em outros contextos sociais de classe populares ou mesmo de classe média, e a diversificar e direcionar mais as suas práticas de leitura e

de produção de textos, incluindo a exigência de leituras pontuais com objetivos escolares e as relacionadas ao domínio profissional.

Nesta perspectiva o fator profissão é importante para a interpretação dos dados, e relaciona-se aos fatores sexo e idade para caracterizar especificamente as ações dos homens jovens, principalmente de AE. Isto porque ele é o sujeito entrevistado que mais se ausenta de São Lázaro e o que possui mais experiência e vivências diversificadas fora deste contexto, possibilitadas principalmente por suas atividades profissionais. AE construiu uma visão ampla da comunidade, que não apenas a relacionada à sua vida cotidiana neste universo; ou seja, ele externa uma opinião crítica sobre as práticas sociais dos sujeitos, percebe o valor histórico-cultural do local e defende as ações de preservação das tradições culturais realizadas pelos mais velhos. Além de emitir opiniões sobre as suas ações particulares referentes ao temas abordados nas entrevistas, principalmente sobre as atividades de ler e produzir textos. As suas atividades de escrita constituem as suas práticas sociais, e se baseiam principalmente no seu interesse particular e profissional por música. Com esta intenção ele compõe poemas, lê artigos em jornais e escreve para fazer contatos profissionais. Também sob influência do fator profissão, IR escreve ofícios e VI lê os classificados nos jornais para procurar emprego.

As ações coletivas de leitura e produção de textos, por sua vez, são parte integrante da vida comunitária e elementos constitutivos de domínios centrais de interação verbal, como o largo, compondo as tradições de escrita de São Lázaro. Estas práticas estão de acordo com os fatores sexo e idade dos sujeitos, já que dizem respeito aos mais velhos, principalmente aos homens, que são as pessoas mais engajadas na comunidade, como se observou. O fator escolaridade é igualmente pertinente para a caracterização destas atividades coletivas de escrita, já que entre as mulheres mais velhas, o objetivo que orienta a leitura coletiva que fazem de textos bíblicos relaciona-se ao seu grau escolar; tanto que, como se viu, TR discute conteúdos e propõe leituras destes textos em novenas e aulas de catecismo, enquanto RI é bastante experiente apenas em leituras que aprende a fazer com grupos de religiosos. Considerando-se as atividades coletivas de escrita da liderança comunitária, que são parte de contextos masculinos de interação verbal, com exceção da participação de RA,

observou-se que esta última coordena as ações de produção de textos, e é no grupo quem possui grau mais elevado de escolaridade. A função social de ZB sobrepõe-se ao fator escolaridade já que lhe garante ser redator, embora ele sofra pressões contrárias em função do seu baixo grau de escolaridade.

Deve-se também levar em conta as relações familiares, ao se proceder à caracterização dos sujeitos e a interpretação de suas ações regulares. Geralmente em um núcleo familiar os moradores mais jovens sofrem influência das atitudes e procedimentos de pais e parentes com relação à vida cotidiana. VA, embora mulher e jovem, acompanha as celebrações religiosas em sua casa na companhia da mãe, RG, quando se faz a leitura coletiva de passagens da Bíblia, e ambas compartilham as mesmas reclamações sobre a associação de moradores. VI, por sua vez, faz questão de apoiar ZB, sofrendo influência de seu pai, que faz parte desta associação. Enfatiza-se que RA e WA, membros de outro núcleo familiar, passeiam em outros bairros populares, fazem as mesmas críticas à comunidade e, com relação aos eventos de escrita, gostam de copiar versos ou poemas de que leram e gostaram.

Observamos que o grupo formado por TR, AA e AE, em suas atividades de lazer, diversifica os seus interesses, participando de eventos culturais em bairros de classe média, tais como peças de teatro, shows musicais e coral. Eles compartilham de uma visão crítica sobre a comunidade no que diz respeito a hábitos arraigados à vida local, à defesa de São Lázaro enquanto patrimônio histórico-cultural, e às ações coletivas em prol do bairro. Com relação às práticas de escrita, eles foram os únicos sujeitos entrevistados que não declararam dificuldades em adquirir jornais, revistas ou livros para leitura. E a sólida formação católica de TR, constituída pela leitura e reflexão sobre textos religiosos, reflete-se em AA, única jovem a lê-los eventualmente. Eles também compartilham de opiniões críticas com relação às suas práticas de leitura e produção de textos, tanto que TR simulou ter escrito um depoimento de autoria de AA e fez questão de explicar porque não escreve muito, enquanto AE opinou sobre a importância da escrita na vida das pessoas. O histórico familiar destes sujeitos fundamenta as suas atividades, já que eles vieram de outro bairro mais bem situado no contexto de Salvador e o falecido marido de TR era professor, o que os levou a sofrer influência da cultura escolar e de práticas culturais próprias da classe média.

De acordo com a análise geral das manifestações cotidianas de escrita, pode-se afirmar que os sujeitos lêem mais do que escrevem. E preferem ler textos objetivos, como os de gêneros jornalísticos, para buscar informações ou adquirir conhecimentos sobre algum tema de interesse. Ou seja, os eventos de leitura integram-se às outras ações regulares desenvolvidas na vida diária. Já as produções de textos costumam ser eventuais ou opcionais, e se referem geralmente a ações particulares de caráter subjetivo.

Os padrões de uso da língua próprios do universo estudado incorporam manifestações tradicionais de escrita, constitutivas das situações de interação verbal onde ocorrem. Dentre estas destaca-se o discurso religioso, que se concretiza nos ex-votos, nas orações, novenas, etc, cujas formas cristalizadas são resignificadas de maneira diversa pelos redatores / leitores /ouvintes. Nesta perspectiva os provérbios, gênero antigo de escrita, advindo da cultura oral e com função didática, foram os textos mais citados pelos diferentes sujeitos. Eles expressam formulações de verdade genérica e recorrente, como se viu em capítulo anterior, e traduzem valores e o bom senso da sociedade em geral, podendo adaptar-se às diversas situações em que se manifestam, atendendo a necessidade dos sujeitos reafirmarem crenças, darem conselhos, ensinarem procedimentos de conduta, etc.

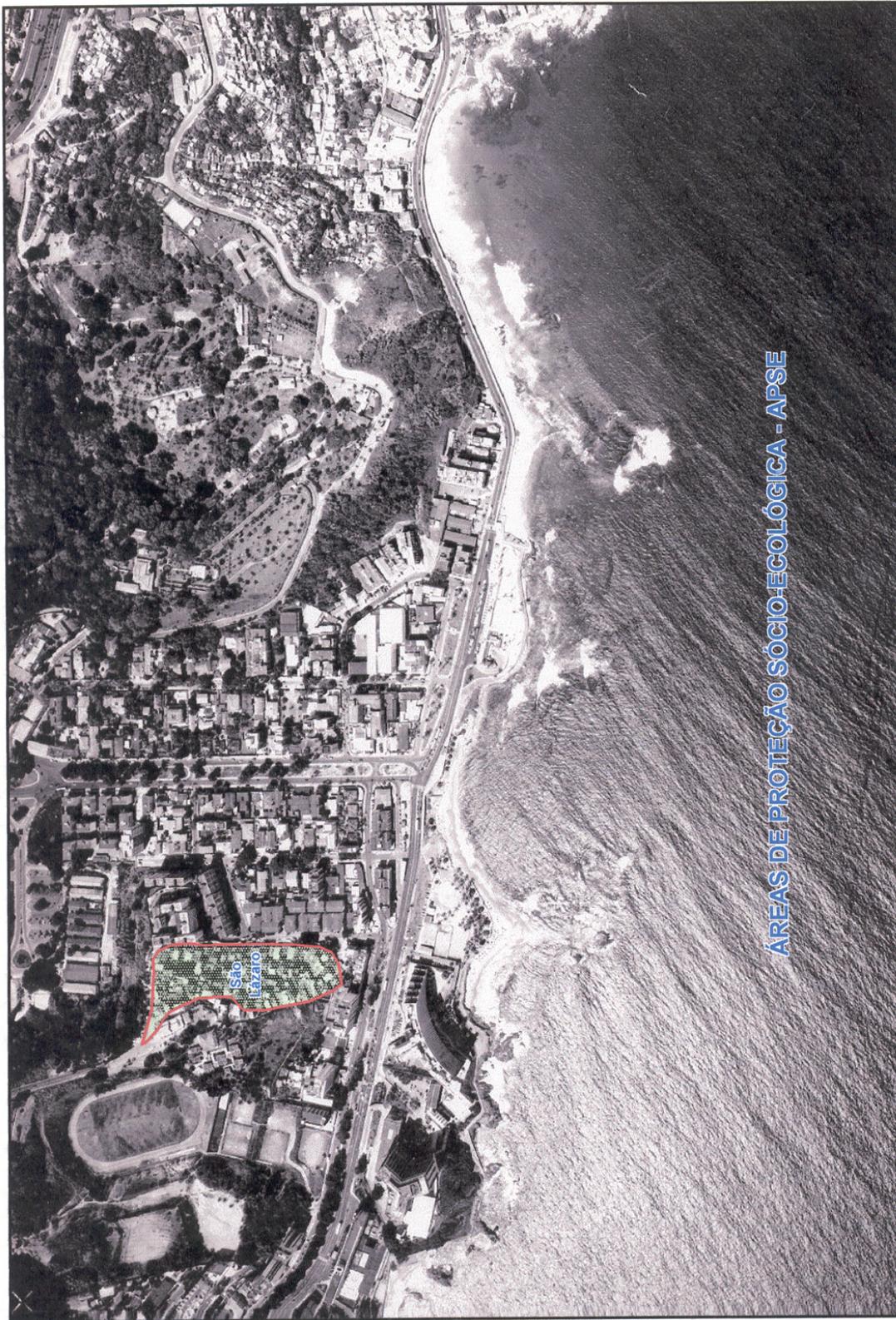
Como também se observou, as manifestações de escrita que circulam em São Lázaro variam de acordo com os padrões próprios dos diferentes sujeitos: forma e conteúdo adaptam-se à situação e função da leitura e da produção de textos. Há os cartazes comerciais – textos concisos e impessoais, que anunciam produtos e se prestam à leitura de uma grande número de pessoas que circulam pelo local. Há o aviso de RA, cuja intenção de alertar alguns amigos do carteadado direciona a forma e a apresentação do texto, sendo que a sua significação depende da competência social de leitor, ou de seu grau de inserção no contexto em questão, dentre outras muitas manifestações de escrita. Ou seja, conhecer os eventos singulares e cotidianos de escrita representa conhecer o universo social que eles integram. Para tanto é essencial destacar o caráter interativo destas práticas, que pressupõem redatores e leitores concretos, únicos ou coletivos, já que os usos de escrita estão de acordo com a natureza de suas relações e de seus processos interpretativos.

Assim sendo, a função, por exemplo, do cartaz do Bingo, que é o de informar à comunidade sobre um evento de interesse coletivo, e a situação em que é produzido, em local central de São Lázaro pelo grupo da liderança comunitária, tornam os seus participantes leitores e redatores coletivos, em um revezamento de papéis que possibilita a negociação de seu significado. Os cartões de Natal pressupõem redatores e leitores únicos que revezam estas funções na troca ritual que constituem. A interpretação dos textos bíblicos, por sua vez, submete-se aos padrões de leitura dos diferentes sujeitos, leitores concretos do universo estudado: enquanto AB faz uma leitura impressionística, já que constrói o seu significado a partir da linguagem visual presente no texto, TR lê para a sua formação intelectual e acadêmica, enquanto para RO os textos religiosos representam a possibilidade de se instituir como leitora. Dentre outros exemplos.

Pode-se afirmar que as tradições de escrita de São Lázaro correspondem a padrões próprios de manifestações lingüísticas, e os valores que se associam à fala e à escrita estabelecem a fronteira entre práticas orais e práticas escritas. Há eventos de leitura e de produção de textos, como foi apresentado, que se constroem mutuamente e são constituídos pelo oral, como a confecção de cartazes da liderança, por exemplo. Os discursos escritos individualmente por RI e ZB para serem lidos em um momento solene da vida local, por exemplo, possuem concepção escrita mas se realizam oralmente, e a sua forma e conteúdo se submetem à intenção subjacente de negociar sentido com um auditório presente. Hinos cantados, textos de humor lidos em voz alta, dentre outros, mostram o caráter interativo e complementar das atividades orais e escritas que ocorrem em situações discursivas regulares, próprias do grupo social pesquisado.

Em suma, o espaço popular urbano de São Lázaro congrega pessoas com vivências, experiências e conhecimentos em parte comuns e em parte diferentes, ou mesmo divergentes, como foi apontado neste trabalho. E os padrões de uso da língua fazem parte dos padrões culturais deste segmento social. Ou seja, este é um universo dinâmico constituído pelas ações cotidianas de seus diferentes sujeitos, de que fazem parte a escrita.

# Anexos



Fonte: CONDER - Base Cartográfica SICAR - 1992  
Elaboração: PMS / SEPLAM / FMLF / GERIN - Geoprocessamento - 2000



ÁREAS DE PROTEÇÃO SÓCIO-ECOLÓGICA - APSE

A1



## Summary

This inquiry proposed is a reflection about the manifestations of literacy in the context of an urban social group. It is based on the literacy practices that go around the community of São Lázaro, in Salvador, and that are part of the subjects' everyday life.

These data were collected at the place of inquiry during the fieldwork, which totalized seventy-one visits to the community. In this period sixteen subjects were chosen among the local residents contacted by the researcher. These people answered open interviews and they were supposed to hand over written texts. The study also collected literacy data exposed in the place and the data about the community to be used in its characterization. These last ones were found at the field and in existing documents about São Lázaro filed in official agencies.

The theoretical support of the inquiry implies texts that expose their authors' points of views about the relations between literacy and orality. From the discussions proposed by these texts, one constructs the basic purpose of the investigation: that speech and literacy construct a set of social actions and they don't represent a dichotomy relation.

The social dimension of the language adopted by this study defines therefore the necessity of characterizing the actions of literacy, relating them to their subjects' purposes and values in the context of their occurrences.

In this way, we define community in a dynamic and complex manner, concerning people's actions in its space; and we describe the universe of the study contextualizing these community actions and the social functions of its members.

The subjects are described by registering their personal data, the places where they live, where they work and study, their religious practices and leisure time, and their activities of reading and writing.

In addition, we described the data of literacy, considering who constructs the texts and who reads them. The analysis and classification of these texts presuppose their uses, their context of occurrence and the possible relations between literacy and orality.

The reflections about the data of literacy raised by the inquiry confirm some conceptions about the relations between speech and literacy elaborated during the investigation, based on the pretext defined before. Or better, considering the present study, we suggest that the form and the meaning of the language are adapted to their uses, the activities of reading and constructing texts are interactive actions, the activities of literacy are orally constituted in several manifestations.

Key words: community – literacy – cultural communication – language and culture – cultural diffusion

## Referências bibliográficas

- AMARAL, Braz do. Notas e comentários à quarta carta de Luiz Vilhena. Salvador, 1922
- ARQUIVO DA SANTA CASA DE MISERICÓRDIA. Livro 3 das escrituras, 1750 - 1762, fls. 196r e 197r
- BERGER, P.L., LUCKMANN, T. *The social construction of reality: a treatise in the sociology of knowledge*. 1<sup>st</sup> ed, NY, USA: Doubleday, 1967
- BERREMAN, G. D. Etnografia e controle de impressões em uma aldeia do Himalaia. In: ZALUAR, G. Alba (Org): *Desvendando Máscaras Sociais*. 3.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990. p. 123 - 174
- CONDER - FPACBA. Programas de Cidades Históricas. *Antigo Lazareto: projeto de restauração, anexos e espaços públicos*. Salvador, 1977, v. 1.
- ECKERT P. & MCCONNEL- GINET, Think practically and look locally; language and gender as community – based practice. *Annual Review of Anthropology*, n.21, 1992, p.461 – 490.
- FABRE, D. Par écrit. Ethnologie des écritures quotidiennes. In: *Collection Ethnologie de la France*. Paris: Maison des sciences de L'homme, Chalre 11, 1997
- GINZBURG, C. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. 9.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998
- GNERRE, M. *Linguagem, escrita e poder*. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998
- GOLDENBERG, M. *A arte de pesquisar*. 1.ed. São Paulo: Record, 1997
- GOODY, J. *A lógica da escrita e a organização da sociedade*. Lisboa: Edições 70, 1987
- \_\_\_\_\_ & WATT, I. The consequences of literacy. In J. Goody (Ed): *Literacy in Traditional Societies*. Cambridge, USA: Cambridge University Press
- HAVELOCK, E. *A musa aprende a escrever: reflexões sobre a oralidade e a literacia da antiguidade ao presente*. 1.ed. Lisboa: Gradiva, 1996

HEATH, S. B. Literate traditions. In: *Ways with words: language, life and work in communities and classrooms*. Cambridge, USA: Cambridge University Press, 1983, p. 190 - 235

HOLMES, J & MEYERHOFF, M. The Community of Practice: theories and methodologies in language and gender research. *Language in Society*, Cambridge, USA: Cambridge University Press, n.28, p. 173 - 183, fev. 1999

JORNAL A TARDE. *Sem escola, água e iluminação*. São Lázaro vive entregue ao abandono. Salvador, 02 dez., 1996. Seção A Tarde nos bairros

KOCH, I. *O texto e a construção dos sentidos*. 1.ed. São Paulo: Contexto, 1997

MACHADO, Suza. Federação ainda preserva o seu lado rural. *Jornal A Tarde*, Salvador, 26 dez. 1998. Seção A Tarde local, p.6

MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita*. Atividades de retextualização. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2001

MIRANDA, M. M. *Os usos sociais da escrita no cotidiano de camadas populares*. 1991. Dissertação de Mestrado. FAE/UFMG, Belo Horizonte

NESSER, H. & TEIXEIRA, C. (Org). *A aventura de um sacristão*. Tradições baianas, XLV. IBGE, revista n. 70, índice 1944, v. 1 - 68, n. 56, 1930.

NIEMIEC, A. *Esta igreja pertence a Deus, a São Lázaro e ao Povo Baiano*. Abordagem histórico - teológico - litúrgica sobre a Igreja de São Lázaro. Monografia, 1991, CMr, Salvador

OBELKEVICH, J. Provérbios e História Social. In BURK, P. & PORTER, R (Org): *História Social da Linguagem*. 1. ed. São Paulo: Unesp, 1996

OLIVEN, R.G. *A Antropologia de Grupos Urbanos*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996

OTT, C. Capelas baianas da primeira metade do século XVIII. *Jornal A Tarde*. Salvador, 13 nov. 1983. Caderno 2

PEREIRA, M. L. *Performances Rituais na Bahia: um olhar a partir da Igreja de São Lázaro*. 1998. Dissertação de Mestrado, FFCH, Ufba, Salvador

PIATEK, M. *Igreja de São Lázaro. História, fé e cultura*. 1. ed. Salvador: CMr, 1996

SCHLIEBEN - LANGE, B. Oralité et Écriture. In: *Idéologie, révolution et uniformité de la langue*. Paris: Mardaga, 1996

SOARES, M. B. *Linguagem e escola: uma perspectiva social*. 1ed. São Paulo: Ática, 1986

\_\_\_\_\_. Alfabetização: a (des)aprendizagem das funções da escrita. *Educação em Revista*. Belo Horizonte: nº 8. p.3 - 4. 1988

STREET, B. Introduction: The New Literacy Studies & The incorporattain of literacy into the communicative repertoire. In: *Writing: The Nature, Development, and Teaching of written communication*. Variation in writing: Functional and Linguistic-Cultural Differences. LEA, NJ, USA , 1981, v.1, p 1 - 29

SZWED, J. The Ethnography of Literacy.

TAVARES, D., SIMÕES, L. & SAWITZKI, R. *Experiência participativa: Comunidade de São Lázaro*.1999. Monografia. Mestrado em Arquitetura e Urbanismo. FAU/ UFBA